

a granja

A REVISTA
DO LÍDER RURAL

MECANIZAÇÃO

Tire proveito
de sua
semeadora/adubadora



Uma casinha
para o bezerro

O porco conquista
Dourados/MS

Nelore ganha mais
credibilidade

Tecnologia e qualidade de líder.



MASSEY FERGUSON
PRODUZIDO POR IOCHPE-MAXION S.A.

**A SAFRA NÃO
PÁRA DE CRESCER.
OS TRATORES
MASSEY FERGUSON
TAMBÉM NÃO.**

NOVO MF 680
170 cv DE FORÇA E AGILIDADE



Um trator versátil para grandes safras.

- Alto torque com menor consumo de combustível
- Traciona implementos de grande porte
- Maior rendimento por hora trabalhada

Conheça o novo lançamento Massey Ferguson no Agrishow 95, em Ribeirão Preto.



MASSEY FERGUSON
PRODUZIDO POR IOCHPE-MAXION S.A.

O apóstolo da modernidade

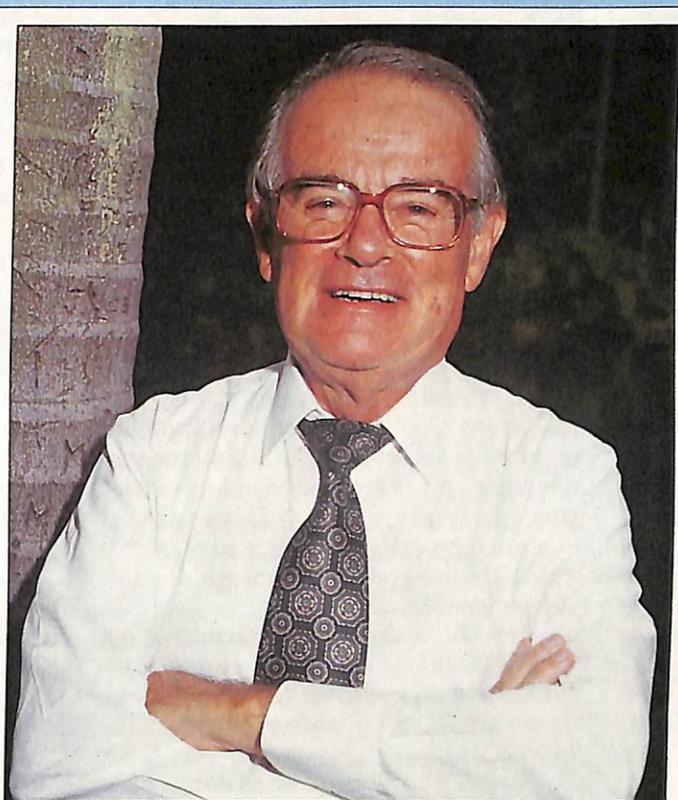
Agua mole em pedra dura, tanto bate até que fura. Mais do que um ditado popular, esta frase é um princípio de vida para o presidente do Sindicato Nacional dos Pecuáristas de Gado de Corte (Sindipec), Antônio de Oliveira Pereira. Juiz do Tribunal Regional do Trabalho, Pereira, que já conta 64 anos de idade, tem uma notável disposição para virar as coisas de cabeça para baixo e, em seguida, dar a elas uma nova perspectiva, quase sempre pioneira, mas garantidamente 100% mais simples, produtiva e econômica. "Após seus primeiros anos de expansão, quando o Sindipec teve fortes oposições e muitas vezes fomos duramente criticados (quase sempre incompreendidos em nossa proposta de modernidade), temos a chegada das tréguas. Talvez, até o momento de importantes alianças, para viabilizar soluções pelas quais temos nos empenhado com uma obstinação que chega às raízes da teimosia", diz.

Encontrar uma brecha em sua agenda não é coisa fácil. O presidente do Sindipec tem o seu dia-a-dia tomado por encontros com o pessoal do primeiro escalão dos governos estadual e federal. Além disso, realiza conferências que vão do Oiapoque ao Chuí (uma já está marcada para este mês, acima da linha do Equador, no México, a convite do Banco Mundial) para lançar propostas que ampliem a modernidade no campo. Ousadia e vanguardismo são adjetivos que caem como uma luva para des-

crever as idéias e ações deste homem que criou o Sindipec, há oito anos atrás. Mas Pereira também tem um pé na terra. Em Barretos, interior de São Paulo, está localizada sua fazenda Xangrilá, uma modesta propriedade de 190 hectares, altamente produtiva — sua produção de leite, borraça, cana e soja equivale a uma área de 1240 hectares. Em Mato Grosso, na fazenda Alvorada do Aguapel, ele planta milho e faz pecuária extensiva com mil cabeças de boi.

Em meio a muitas ligações, Pereira recebeu *A Granja* para uma entrevista exclusiva na sede do Sindipec, em São Paulo. Entre as revelações que fez, uma é apresentada em primeira mão: o ministro da Agricultura promete liberar, nos próxi-

mos dias e à revelia de alguns frigoríficos exportadores, o uso dos promotores do crescimento, proibidos no Brasil desde a publicação da Portaria 51, de 1991. "Os promotores de crescimento se constituem num ferromental indispensável para o desenvolvimento da nossa pecuária; afinal, eles possibilitam aumentar a produção de carne em cerca de 15% a 20%. É um absurdo termos banido o uso dos anabolizantes, enquanto eles continuam sendo comercializados por todos os países desenvolvidos. O Sindipec também está brigando com muita veemência por sua liberação, pois agora nós temos uma concorrência violenta com o Mercosul. Hoje, produzir uma tonelada de carne custa exatamente o dobro do custo da produção argentina", diz.



Antônio de Oliveira Pereira, presidente do Sindipec: contra o corporativismo e o ranço das velhas práticas

A Granja — O novo governo vem acenando a possibilidade de liberar o uso dos chamados "promotores de crescimento" ou, como são mais conhecidos, os anabolizantes. Se realmente vingar, que reflexos esta medida poderá ter sobre a produção pecuária nacional?

Antônio de Oliveira Pereira — Eles possibilitam aumentar a produção de carne em cerca de 15% a 20%. Numa projeção de 1,2 milhão de cabeças, teríamos a curtíssimo prazo um aumento na produção de carne equivalente a 300 mil cabeças a mais ou o abate de um mês. É um absurdo termos banido o uso dos anaboli-

zantes. Todos os países desenvolvidos — Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia, só para citar alguns exemplos — utilizam este recurso, sem exceção.

P — Até cinco anos atrás era liberado no país o uso de anabolizantes. Por que foi baixada a Portaria 51, proibindo o seu uso?

R — Pura burrice do Ministério da Agricultura da época que, pressionado por meia dúzia de mal informados, fez o governo concordar com esta loucura. Porém, nós do Sindipec estamos há dois anos e meio trabalhando para a liberação desta portaria. Já fizemos até um seminário na Comissão de Agricultura da Câmara Federal, onde trouxemos três cientistas de renome internacional: um da Organização Mundial da Saúde, outro da Organização Panamericana da Saúde e outro da Food and Drug Administration, dos Estados Unidos.

P — O que os cientistas disseram a respeito dos possíveis efeitos colaterais dos promotores de crescimento? Eles são realmente nocivos à saúde humana?

R — É importante destacar que estas autoridades julgaram, com unanimidade, que os anabolizantes são os produtos farmacológicos mais bem estudados no mundo e não deixam resíduo algum na carne. Portanto, são inofensivos à saúde humana. Apesar de vigorar a Portaria 51, o próprio Ministério da Saúde e órgãos ligados, assim como o Procon, aprovam o uso de anabolizantes no país.

Tem frigorífico que não admite a liberação dos anabolizantes

P — Na sua opinião, a Portaria 51 cai definitivamente ou vai continuar esta situação anacrônica?

R — O ministro da Agricultura nos assegurou que vai revogar esta portaria em sessenta dias. Todavia, existe uma corrente pequena que está fazendo pressão para que isso não aconteça.

P — Quem faz parte desta corrente?

R — Esta corrente é representada por meia dúzia de frigoríficos ligados à Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne. Eles acham que liberando esta portaria, as exportações que eles fazem, que pouco representam em termos de produção no Brasil, poderiam ser prejudicadas. E nós perguntamos: por que as exportações dos Estados Unidos, do Canadá, da Argentina, da Austrália e dos outros países que lançam mão dos promotores de crescimento não são prejudicadas?

P — Realmente nada impede que a carne brasileira com anabolizantes venha a ser boicotada por países importadores, sob a alegação de termos uma fiscalização precária ou até inexistente para o controle das doses apli-

cadas no gado; num episódio semelhante às exigências da Comunidade Européia em relação à febre aftosa...

R — Negativo. Os anabolizantes só vão ser aplicados por médicos veterinários credenciados, jamais pelo próprio produtor. A portaria argentina estabelece claramente esta condição e a nossa nova portaria também vai neste sentido. Agora, no caso da União Européia exigir carne brasileira sem promotor de crescimento, aí será assinado um certificado juramentado de que aqueles bois abatidos não receberam injeção de promotores de crescimento. Resolver este problema é muito simples, os Estados Unidos fizeram isso; porém, aqui no Brasil tudo que é simples é deixado de lado. E com isso, o país, que precisa aumentar violentamente a sua produção, está perdendo de 15% a 20% de carne. É uma barbaridade esta situação, pois significa que se hoje um pecuarista gasta 20 dólares na produção de uma arroba de carne, esse valor poderia cair para 15 dólares, reduzindo sensivelmente os custos de produção a curtíssimo prazo.

P — Esta imagem de ineficiência e egoísmo que se criou para caracterizar o pecuarista brasileiro é preconceituosa ou existe um fundo de verdade nela?

R — Há algum tempo esta imagem vem mudando. Hoje, o Sindipec está dando as mãos ao consumidor para defender os interesses da sociedade. É uma mudança radical, pois antes os pecuaristas realmente viviam confinados nos problemas de sua sociedade. Os produtores tradicionais, que praticam a pecuária extensiva, não mudam mais. Os seus filhos é que estão percebendo a necessidade dos avanços e incorporando com rapidez novos conceitos e tecnologias.

P — Quem tem futuro garantido no país: a pecuária intensiva, com o confinamento do gado, ou aquela praticada a campo, em grandes extensões de terra?

R — A tendência é caminharmos para a pecuária intensiva, pois a extensiva requer uma grande área de terras, exige uma média de um boi por hectare, ao passo que no confinamento são suficientes, no máximo, dez metros quadrados para cada animal. Então, como o preço da terra é alto e a agricultura está avançando cada vez mais, a tendência da pe-

cuária é tornar-se intensiva. Em São Paulo, por exemplo, não é mais possível praticar a pecuária extensiva. A tendência é adotarmos cada vez mais tecnologia, usarmos promotores de crescimento e fazermos transplante de embrião, inseminação artificial, cruzamentos industriais etc. Este é o futuro da pecuária brasileira para atingirmos os padrões internacionais.

P — Na sua opinião, como a pecuária extensiva poderia se tornar mais moderna e tecnologicamente correta?

R — Para obter melhor produtividade, a pecuária extensiva precisa partir para os chamados cruzamentos industriais em boa pastagem, para que em 24 meses o boi possa ser abatido. O animal só atinge a maturidade sexual a partir dos 24 meses; até atingir esta fase ele só acumula músculos. Depois deste período, ele começa a acumular gordura sobre a musculatura. Quanto mais isto acontece, menor valor tem a carne, pois passa a ser um produto depreciado. A carne que tem alto preço no mercado externo é a do novilho de 18 a 24 meses, porque ela só tem músculos, é tenra e macia. A gordura está dentro do próprio músculo, o que propicia uma assimilação maior de temperos; logo, a carne ganha mais sabor. Se o pecuarista abate o boi com 24 meses, comparado com o outro que abate aos 48 meses, ele tem um ganho violento de produtividade e financiamento, porque o capital empatado é de apenas dois anos. Além disso, quanto mais pesado for o boi e mais tempo permanecer na pastagem, mais ele vai pisotear e compactar o solo — prejuízo certo para o pecuarista, pois a pastagem vai se degradar com mais rapidez.

P — O abate tardio de animais ainda é freqüente entre os pecuaristas brasileiros?

R — Eu diria que em 48% dos casos sim. O Brasil exporta a carne mais barata do mundo. Estamos vendendo a tonelada por US\$ 1,3 mil, enquanto que a Austrália e a Nova Zelândia vendem, no mínimo, pelo dobro deste preço. Outro fato importante: o boi precoce (de 18 a 24 meses) normalmente dá a chamada Cota Hilton (nome que vem da cadeia de hotéis que começam a exigir este tipo de carne para propiciar um melhor produto aos seus hóspedes). O Brasil, por falta de apoio governamental e conhecimento dos nossos industriais do mercado externo, apesar de possuir o maior rebanho comercial do mundo, tem hoje de Cota Hilton apenas 8 mil toneladas de carne. A Argentina, que exhibe um terço do nosso rebanho, tem 25 mil toneladas de Cota Hilton.

P — Como anda a margem de lucro entre quem cria, abate e distribui? Onde está o maior desnível?

R — A margem de preço entre produtor e frigorífico já alcançou uma curva de normalidade. A normalidade existe nos grandes conglomerados de supermercados, que não abrem mão de uma lucratividade que é um despropósito; além da margem normal de lucro, eles ainda abocanham mais de 30%. Nós estamos malhando este assunto na grande imprensa. A Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, FIPE, da Universidade de São Paulo, saiu a campo e comprovou que efetivamente a gordura existe e os dados do Sindipec eram corretos. Então, como a FIPE veio a público, as autoridades acordaram. Uma entidade séria, que trabalha e mostra as coisas a priori, como o Sindipec, precisa de uma entidade reconhecida para dizer que os seus números estão certos.

P — Mas carne e leite são produtos caros no Brasil...

R — Carne e leite saem caros para o consumidor brasileiro porque os distribuidores puxam os preços para a estratosfera. A produção de um litro de leite sai por R\$ 0,21, porém, ele chega ao consumidor pelo dobro deste valor. Agora vejamos uma situação gritante: é possível comprar peixe, camarão, fígado, miolo, bucho, mas não carne bovina nas feiras livres, porque foi feito um lobby pelos sindicatos dos comerciantes varejistas e supermercadistas. Se depender do Sindipec, esta barreira está com seus dias contados. Estamos com um projeto na Câmara Federal para que seja liberado o retorno da carne bovina às feiras livres, pois o mais pobre é que compra lá. Isso vai mexer com todo o mercado, fazendo os preços dos supermercados caírem na real.

P — Apesar de todas as campanhas oficiais e do apoio da iniciativa privada, o Brasil ainda não debelou a febre aftosa. Por quê? É verdade que ainda existem pecuaristas que preferem enterrar as vacinas no fundo da propriedade do que aplicá-las nos animais?

R — Infelizmente, esta situação ainda faz parte da realidade do campo. Se deixássemos a responsabilidade para a mãe vacinar contra a poliomielite, o Brasil teria liquidado a doença? Se eliminamos a poliomielite no país é porque a vacinação foi compulsória. No ano passado, nós fizemos uma experiência-piloto em São Paulo, abrangendo os municípios vizinhos de Jaborandi, Barretos, Colômbia e Colina. Neste quadrilátero, viabilizamos um programa envolvendo toda a sociedade, desde a Casa da Agri-

cultura, Secretaria da Agricultura, sindicato rural, Lions, Rotary, Promotória, Juizado, Maçonaria. Conclusão: com a verba do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural, o Senar, treinou 150 vacinadores e laçadores (gente dos próprios municípios); em três vacinações conseguimos atingir 100% do gado da região.

É muito difícil, neste país, levar adiante projetos de modernidade

P — Hoje, há muito capital migrando da cidade para o campo, seja para investimento no setor primário propriamente dito, seja para “criar” uma fonte de despesas no chamado caixa 2. Há quem acredite que estes “paraquedistas” maculam a imagem do produtor que vive e tem compromissos primordiais com a atividade agropecuária. O que o senhor acha disso?

R — A maioria dos pecuaristas vive efetivamente do que produz. O que tem acontecido é que grandes banqueiros, industriais e comerciantes ganham dinheiro na sua atividade e procuram jogar estas reservas em propriedades rurais, mas normalmente procuram a assessoria dos sindicatos e dos outros órgãos de apoio para não cometer tantos erros. Se você percorrer a Rodovia Castelo Branco, não encontra mais um pecuarista tradicional; lá, todas as propriedades estão nas mãos de gente nova, que investe no setor agropecuário e não tem nesta atividade a sua sobrevivência, pois a sua principal fonte de renda vem do negócio na cidade. Isto não prejudica os pecuaristas tradicionais; ao contrário, estimula o aprimoramento do setor, porque os empresários são adeptos da tecnologia, têm mente mais aberta.

P — Quais são as expectativas da classe pecuarista em relação ao novo Congresso? Que reformas o segmento reivindica para produzir mais e melhor?

R — Houve uma notável renovação no Congresso. Esperamos que os novos deputados não caiam naquela ótica conservadora dos velhos colegas, que só pensavam nos próprios interesses, em arrumar cargos para parentes e amigos e praticar políticas de grupo. O novo ministro

da Agricultura é um pecuarista do Paraná que conhece bem as reais necessidades do campo. Ele já fala em adotar a classificação da tipificação das carcaças e aumentar o confinamento do gado; medidas que vão ao encontro de nossas expectativas.

P — Que medidas práticas o governo poderia adotar para beneficiar desde já o setor?

R — Um ponto que interessa sobremaneira a pecuária: nós pegamos para a Previdência Social 2,5% do valor bruto faturado sobre cada boi abatido. Há um projeto tramitando no Senado que propõe subir este percentual para 3%, um aumento de 20%. Só que a brutal distorção ainda não é esta; o fato é que este recolhimento que fazemos para a Previdência equivale a 10 salários para cada trabalhador do campo que realmente se aposenta com um salário mínimo, pois o que recolhemos não está vinculado à sua aposentadoria. Querem manter o campo num estado de pobreza total. Entregamos um trabalho apontando todas estas distorções nas mãos do ministro da Agricultura. Também estamos abastecendo os deputados com a nossa proposta de ter uma Previdência igual para a cidade e o campo.

P — Que recado final o senhor gostaria de dar aos pecuaristas?

R — Tem muita gente que acha que nós do Sindipec queremos simplesmente aumentar o preço da carne, esconder o boi etc. Hoje, o que mais nos preocupa são os aspectos sociais, porque esta é a forma mais inteligente de aumentar a produção, e quanto maior o consumo, mais a pecuária terá condições de aplicar tecnologia e produzir. Na verdade, ainda sofremos fortes oposições e muitas vezes somos duramente criticados — quase sempre incompreendidos em nossa proposta de modernidade. Sofremos uma pressão violenta no Rio Grande do Sul. A Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul) fez uma campanha junto aos sindicatos para que ninguém pagasse a contribuição ao Sindipec, alegando que era uma cobrança indevida e que a entidade era fajuta. É muito difícil neste país levar projetos de modernidade adiante, porque dentro do próprio segmento encontramos resistências violentas como esta da Farsul. Gostaria que todo o pecuarista entendesse a função do Sindipec e se portasse como um pecuarista da Austrália que, sem exceção, faz parte da sua entidade de classe, que não é por acaso a maior do mundo. No Brasil, nós somos uma categoria de um milhão de produtores pecuaristas; no entanto, só cinco mil estão associados ao Sindipec. 

NESTA EDIÇÃO

12 O novo nelore da Lagoa da Serra

20 Casinha para o bezerro

23 Russos chegam também de trator

24 Horticultura tem espaço em Goiás

27 A caça em discussão

31 Parceria contra perdas na colheita

32 Por dentro das semeadoras

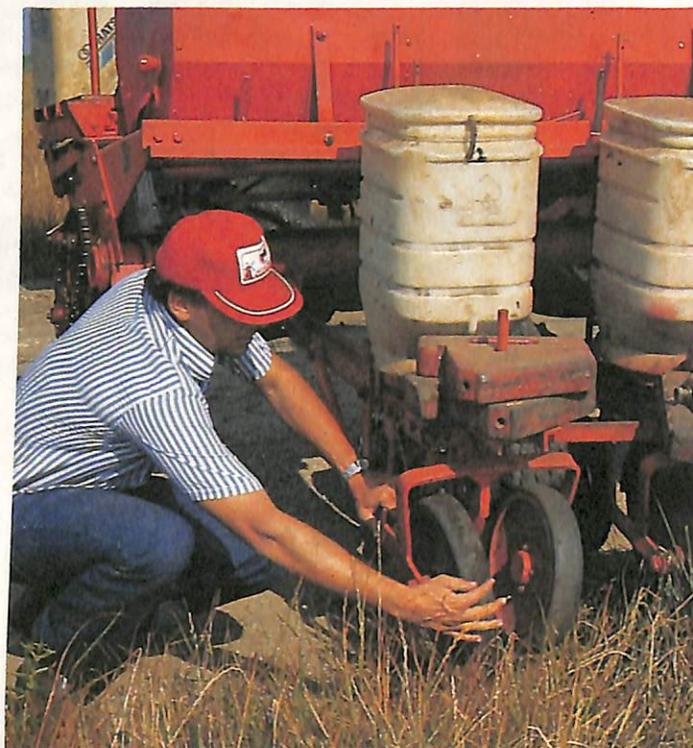
45 O santa gertrudis se moderniza

Expo-Londrina é recorde sempre

52 Só dá nelore na Expogrande

58 Pesquisa contra o percevejo-da-soja

59 Suinocultura se consolida em Dourados



NOSSA CAPA

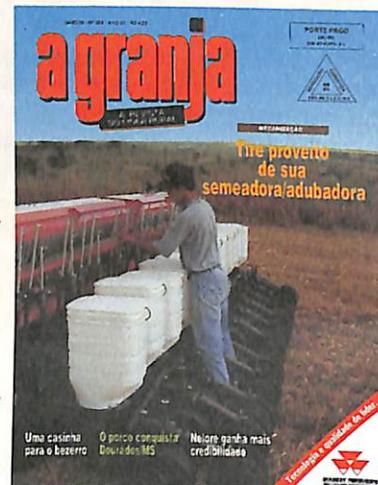


Foto capa: Fernando Candioto

Esta edição de maio traz como destaque o tema mecanização agrícola, abordando as semeadoras/adubadoras. É leitura obrigatória para quem faz do ato de semear e adubar uma prática sagrada

SEÇÕES

■ Aconteceu	7
■ Caixa Postal 2890	8
■ Aqui Está a Solução	9
■ Eduardo Almeida Reis	10
■ Porteira Aberta	11
■ Hortas e Pomares	63
■ Flash	64
■ Mundo da Criação	66
■ Mundo da Lavoura	67
■ A Granja Leilões	68
■ Trator/Colhedeira	70
■ Ciência e Tecnologia	72
■ Novidades no Mercado	73
■ Ponto de Vista	74



Diretor-presidente:
Hugo Hoffmann
Diretor de expansão:
Léo I. Stürmer
Diretora comercial:
Leoni Zaveruska

a granja

A REVISTA DO LÍDER RURAL

GERÊNCIA

Eduardo Hoffmann

REDAÇÃO

Jomar de Freitas Martins (editor), João Paulo Uriartt (chefe de reportagem), Simone Daltoé (revisora), Priscila Castro (secretária). Colaboradores: Simone Silva Jardim, Carolina Bahia, Aramy Machry, Marcos Muzzi, Bruno Romalto, Wandel Seixas, Antônio Sanches, Moisés Storino, Fernando Candioto, Ana Paula Pinto, Maurício Hugo, Valmirar Gomes, Chahine Abdo Sater e Ramão Carlos Martins.

PRODUÇÃO

Renato Fachel (supervisor), Jair Marmet e Paulo Nobre (composição).

CIRCULAÇÃO

Antônio Correa Martins (supervisor de assinaturas) e Amélia Severino Bueno (coordenadora).

PUBLICIDADE SUCURSAL DE SÃO PAULO

Praça da República, 473, 10º andar, conj. 102, fone (011) 220-0488, fax (011) 220-0686, CEP 01045-001, São Paulo/SP. Gerente: Alexandre Ortiz.

RIO GRANDE DO SUL

Av. Getúlio Vargas, 1556/58, fone/fax (051) 233-1822, Cx. Postal 2890, CEP 90150-004, Porto Alegre/RS. Contato: Raul Regis Bach de Oliveira

Representantes/Publicidade

PARANÁ - DPC - Direção de Produção e Comercialização de Publicidade Ltda., Av. Cândido de Abreu, 427, conj. 306, fone (041)

253-3137, fax (041) 254-3348, CEP 80530-000, Curitiba/PR.

RIO DE JANEIRO - Lobato Propaganda e Marketing Ltda., Rua Siqueira Campos, 43, 8º andar, conj. 834, fone (021) 256-8724, CEP 22031-070, Rio de Janeiro/RJ.

MINAS GERAIS - José Maria Neves, Av. do Contorno, 8000, conj. 1107, fone (031) 291-6791, fax (031) 337-1846, CEP 30110-120, Belo Horizonte/MG.

Outros Estados, ligue para o fone/fax abaixo.

A Granja é uma publicação da Editora Centaurus Ltda., registrada no DCDP sob nº 088, p.209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição: Av. Getúlio Vargas, 1556/58, fone/fax (051) 233-1822, DDG (051) e 1558, fone/fax (051) 233-1822, CEP 90150-004, 800-2106, Cx. Postal 2890, CEP 90150-004, Porto Alegre/RS. Exemplar atrasado: R\$ 4,50.

Crédito agrícola na manchete do dia

Normalmente, esta página não trata com destaque e evidência dos temas que ocupam a mídia. Ao contrário, procuramos, por princípio, colocar nosso "spot-light" na direção de temas importantes, mas que não fazem parte do interesse da mídia de massa. Afinal, somos uma revista técnica, segmentada, dirigida a um público específico, e, como tal, nos cumpre assumir e exercer o papel de divulgar assuntos diretamente relacionados à produção agropastoril.

Crédito agrícola tem sido assunto exaustivamente abordado por nós, em vista de sua importância dentro do conceito global da atividade que envolve o agribusiness.

Assim, não podemos fugir de uma pauta que sempre esteve presente nestas páginas e, agora, faz parte do grande debate nacional.

Como **A Granja** é editada mensalmente, no momento em que está sendo impressa esta página ainda não se sabe da solução ao impasse criado pela queda da TR e a conseqüente paralisação das operações financeiras no setor, interrompidas pelo Banco do Brasil.

Racionalidade

Falta de informações e números precisos, assim como a emocionalidade corporativista em confronto com uma burocracia quase sempre lenta, distante e arrogante, tem criado ao longo do tempo um campo minado para o exercício da racionalidade. Afinal, é certo: o governo já se convenceu que a Taxa Referencial é instrumento de suicídio para o tomador rural. Por outro lado, há também que se entender que este mesmo produtor rural, ao colocar o seu dinheirinho na Caderneta Verde do Banco do Brasil exige, é óbvio, o rendimento mensalmente reajustado pela taxa de juro e mais a odiada TR, que aqui passa a ser amada.

A racionalidade manda que há de se

encontrar uma saída para o impasse. Este conflito de interesse precisa ser resolvido de uma vez por todas. A caderneta de poupança não pode ser esvaziada pelo cidadão/aplicador e nem o produtor/tomador pode ser penalizado ao exercer a atividade agrícola.

Cocaína

Se ninguém discute a importância do crédito agrícola como alavancagem e até mesmo como respaldo necessário à atividade rural, o seu uso excessivo e constante, nas atuais circunstâncias, quase sempre resulta em situações catastróficas.

O crédito agrícola barato terminou há muito tempo. Mas, é claro, os velhos tomadores, que sempre se beneficiaram com a inadimplência, criaram um vício perverso. Ficaram dependentes e não perceberam que o jogo havia mudado de perfil.

Gestão

Saber gerir negócios, sejam grandes, médios ou pequenos, é a chave do sucesso. O crédito agrícola será apenas uma ferramenta extremamente útil para quem souber manejá-la. Como uma faca, tem mil utilidades, mas também serve para se cortar e até se suicidar.

A boa gestão começa com a informação. O homem bem-informado decide mais rápido e melhor. É preciso estar ao par das novas técnicas, do conhecimento. Este é um território vasto, enorme, sem fronteiras, que precisa ser descoberto e redescoberto todo o santo dia. É por aí que a agricultura ficará mais competitiva. É por aí que se vai obter mais produção, através de uma maior produtividade.

É preciso entender o comportamento do mercado. Para isto, é preciso que o produtor raciocine em termos de marketing. Hoje, quem comanda a agricultura é o consumidor

urbano, mais especificamente a dona-de-casa. É lá nos supermercados que as coisas acontecem. Foi graças à esta percepção que o Brasil disputa com a França o título de maior exportador mundial de frangos. Assim, em 15 anos, aconteceu uma virada nos hábitos alimentares. Mas, principalmente, houve uma revolução tecnológica-industrial e, fundamentalmente, uma alteração radical na atividade de produção avícola.

Ação do governo

Quando falamos governo, entendemos os Executivos federal, estadual e municipal; o Legislativo e também o Judiciário.

A agricultura, hoje, precisa urgentemente da ação do governo para resolver, entre outras coisas, do escoamento a armazenagem da safra. Precisa reativar a pesquisa e a extensão rural, que estão lerdas, apáticas, burocratizadas.

Precisa privatizar os portos, que são uma vergonha nacional. Idem as estradas. Dar condições de navegabilidade à maioria de nossos rios. E resolver, de uma vez por todas, o problema eterno e sempre procrastinado da Viação Férrea Federal. É preciso que as lideranças rurais passem a agir e pensar neste sentido.

São questões nacionais e, ao mesmo tempo, específicas do setor, sem nenhum ranço de corporativismo.

O peso dos impostos

É de se admirar a passividade das lideranças rurais diante do peso avassalador dos impostos. Impostos em produtos de exportação. É uma verdadeira irracionalidade a cobrança de impostos dos produtos de exportação e da cesta básica. Contra isso, não se nota nenhum lobby, ou movimento organizado, para dar um basta definitivo neste estado de coisas.

Como se vê, urge uma reforma tarifária e fiscal. Nesta hora, a bancada rural precisa estar atenta e unida. 🗳

Qualidade reconhecida

“Tenho recebido a revista **A Granja** e mando meus parabéns pela sua qualidade. A impressão está muito boa, junto com o conteúdo editorial.”

*Leonid Streliaev
Porto Alegre/RS*

Quero trabalho

“Administrador de fazenda, com 34 anos, experiência em: manejo nutricional, cria, recria, engorde de bovinos de corte, confinamento e inseminação; com dois semestres de veterinária concluídos, procura propriedade para administrar em qualquer região do país. Endereço para contato: Rua Rio Novo, 1683, CEP 95588-000, Xangrilá/RS.”

*Marcos Vinicius Floriano da Silveira
Xangrilá/RS*

Saudade do pampa

“Ao ler a reportagem sobre Tocantins, na edição de março do corrente, não pude deixar de ficar emocionada com a coragem dos gaúchos que abandonam sua terra natal em busca de novos horizontes. Creio que o homem nasceu para lutar, vencer e deixar a sua marca na terra e na história. Logo, ele deve se furar a este desafio se a vida assim o desejar. Não consigo entender (e aí entra o destino como um pregador de peças na vida da gente) porquê alguém deixa o Rio Grande para trás, se outrora a Província de São Pedro tinha tudo para explodir em progresso? Como é possível deixar uma terra tão rica e cheia de nuances da natureza, para se atirar em cima de um cerrado que angustia nossa alma só no primeiro olhar? Como filha de gaúchos, morando nos arredores de São Paulo, me entristeço só de pensar que o meu Rio Grande está ficando vazio, abandonado e sem peso político, enquanto o melhor de sua gente está vagando por este país à cata de oportunidades.”

*Ema Osório David
Guarulhos/SP*

O que vão inventar?

“Gostei muito da reportagem ‘E o boi entra na era dos chips’, publicada na edição de março. Entendo que estava faltando uma tecnologia como esta para melhor monitorar os bovinos, no manejo diário do campo. Minha única ressalva é que não foi publicado o esquema gráfico detalhando os procedimentos de instalação, o que facilitaria o entendimento do assunto. Fora este detalhe, achei uma grande novidade para a pecuária extensiva.”

*Carlos Arthur Santini
Campo Grande/MS*

Bicho sofre!

“Depois de escrever três vezes para este veículo, pedindo matérias sobre ecologia, qual não foi a minha surpresa ao ler o Ponto de Vista da edição de fevereiro, nº 555. Como se pode ver, os países mais adiantados (os europeus, principalmente) não admitem o abate de animais sem uma prévia dessensibilização. É o fim da marreta, tão comum em nossos frigoríficos. Outro procedimento também possível em nosso país, de dimensões continentais, é permitir que os animais mamem durante oito meses e se alimentem de pastagens naturais, evitando o confinamento e seu manejo opressivo. Tudo isto é muito certinho. O que o professor Adroaldo Zanella não disse, mas ficou bem claro, é que todos estes procedimentos não visam ao bem-estar animal, propriamente dito. Visam, sim, criar condições para que se reduzam as perdas na produção de carne, à melhoria da qualidade do produto. Não é possível, no atual estágio de civilização que atingimos, pensar apenas sob esta perspectiva, pois estaríamos reduzindo tudo o que existe em rentável ou não-rentável, uma coisa bem ao gosto do capitalismo selvagem que impera hoje no mundo. Creio que este não é o principal caminho. Precisamos cuidar dos animais, e preservá-los do sofrimento, mais por uma questão de consciência do que por um apelo meramente econômico. O recado é este, e é por aí que os pecuaristas devem ir.”

*José Paulo Finn Lousada
São Paulo/SF*

Posse no canchim

“Comunicamos à classe pecuarista que o criador João Paulo Canto Porto foi reeleito presidente da Associação Brasileira de Criadores de Canchim, para o triênio 95-97. A eleição foi realizada no dia 20 de março passado, durante um jantar de confraternização realizado na capital paulista. Os demais membros da nova diretoria são: vice-presidente administrativo, Peter Baines; vice-presidente financeiro, Octávio Guazzelli Júnior; vice-presidente, Wilson Gottardi; vice-presidente de provas e exposições, Diogo Antônio de Barros; vice-presidente regional, Aldino Palla.”

*Cléa Castro
São Paulo/SP*

A nova direção da ABCS

“Tomou posse, no dia 5 de abril, em São Paulo, a nova diretoria da Associação Brasileira dos Criadores de Suínos (ABCS), que ficou assim constituída: presidente, Valdomiro Ferreira Júnior (SP); 1º vice-presidente, José Adão Braun (RS); vices-presidentes, Richard Raymon Collin (MG), João Wanderilo Pessoa (CE) e Clair Dariva (SC).”

*PCN Comunicação
São Paulo/SP*

Regulagem certa

Com relação à matéria “Tá na hora de pensar na colheita”, da edição 555, de fevereiro passado, onde se lê que o rendimento da colheita é de 2000 sacos por hectare, leia-se 2000 sacos por dia. No mesmo texto, onde está escrito que a barra de corte depende de uma regulagem de 4 dedos, entenda-se que a regulagem correta é de quatro décimos e, por fim, onde lê-se que o radiador deve permanecer com uma mistura de óleo diesel até a véspera da safra, leia-se mistura de água e aditivo tipo Nalcol 2000, conforme esclarece o assistente técnico de produto da New Holland, Mário José Reboledo Pino, de Curitiba/PR.



Soja ou feijão?

“Solicito a vocês que tirem minha dúvida a respeito desta confusão entre soja e feijão, já que diversos agrônomos têm provado que soja não é feijão. No entanto, tenho encontrado referências em enciclopédias afirmando o contrário. Quando tentei dirimir a dúvida, um engenheiro agrônomo de uma determinada secretaria de Estado, em vez de me orientar, mandou-me esquecer o assunto.”

Argeu Mossurunga de Moraes
Foz do Iguaçu/PR

R — Genética e botanicamente são plantas diferentes, pois a soja (*Glycines javanica*) pertence a um gênero, enquanto que o feijão (*Phaseolus vulgaris*) pertence a outro, embora ambas fa-

çam parte da mesma família de vegetais, as leguminosas ou faséolas. Sendo assim, prevalece o conceito dos pesquisadores que ressaltam a diferença das duas culturas. No sentido prático, também se diferenciam, pois não se pode, por exemplo, fazer uma feijoadada com grãos de soja, assim como o feijão não seria uma boa fonte de óleo vegetal, pois seu teor de óleo é infinitamente menor que o contido na soja. A confusão advém do fato de a soja, ao ser introduzida no Brasil, ter recebido a denominação de feijão-soja, numa tradução literal do inglês “soybean” ou “soya bean”. Literatura antiga se refere à cultura dessa forma incorreta que, por sorte, está sendo abandonada.

Uruguai atrai R\$

“Lendo a edição de fevereiro passado, encontrei excelente reportagem sobre brasileiros que estão comprando terras no Uruguai. Onde obter mais informações sobre o assunto, uma vez que pretendemos investir naquele país?”

Eduardo Bik Daudt
Concórdia/SC

R — Procure o corretor de imóveis rurais Leovigildo Da Silva, em seu escritório em Montevideu, na Calle Germán Barbato, 1363, Esc. 604, C.P. 11200, Montevideo, Uruguay, telefone (00 598 2) 90-4855 ou 91-9122, fax 92-1159, ou em Porto Alegre, na rua dos Andradas, 1234, conj. 2405, fones (051) 226-1139 e 228-7497.

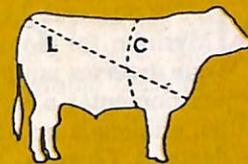
Vermont em detalhes

“Essa conceituada revista publicou uma matéria sobre produção leiteira, na edição de março, destacando que os ‘Americanos dão um banho de tecnologia’. A matéria despertou curiosidade e reclamo mais detalhes. Sou assinante e pretendo, após análise mais acurada, deslocar um médico veterinário até a região, em busca de mais informações. Como fazê-lo?”

Orlando José Padovani
Cascavel/PR

R — Tanto a repórter Kika Bronger como o Departamento de Agricultura do Estado de Vermont/EUA se dispõem a fornecer mais detalhes ao leitor. Kika Bronger pode ser contatada através do fax (001-802) 865-3391. Já as autoridades de Vermont podem ser contatadas por carta, escrevendo para Vermont Department of Agriculture, 116 State Street, Drawer 20, Montpelier, Vermont 05620-2901, ou por telefone, através do número (001-802) 828-2416.

Medindo o peso do boi



FÓRMULA DO PESO APROXIMADO DO ANIMAL:

$$C^2 \times L \times 87,5$$

C = circunferência torácica
L = comprimento do corpo
87,5 = fator fixo

“Quem fabrica e quem vende fita métrica para medir o peso dos novinhos?”

José Augusto Silva
Cuiabá/MT

R — O produto é fabricado pela Bovitec Produtos Agropecuários Ltda., de São Paulo/SP — telefone (011) 267-6477 —, mas pode ser encontrado aí mesmo, em Cuiabá, nas seguintes empresas: Agro Mato Grosso, (065) 321-3778; Agro Prado, (065) 322-5534; e Disprovet (065) 321-2760.

Feijão doente

“Gostaria de ver publicado o artigo a respeito das principais doenças da cultura do feijão no RS, pois estou desenvolvendo trabalho a respeito. Caso isto não seja possível no momento, solicito que me forneçam a indicação de quem é especialista no assunto, juntamente com endereço para contato.”

Cinara De Pizzol
Porto Alegre/RS

R — A sugestão foi anotada, mas, por enquanto, recomendamos à leitora que procure as publicações do Centro Nacional de Pesquisa de Arroz e Feijão (CNPAP), da Embrapa, em Goiânia/GO. O telefone para contato é (062) 261-3022 e o fax é 261-3880. Por fim, sugerimos que busque orientação com o extensionista Gesner Nunes Oyarzabal, na Emater-RS em Porto Alegre. O telefone é (051) 233-3144.

Jovens rurais

Na flor dos seus 23 aninhos, Nayla Marinho foi tão amável comigo, que diversos amigos me telefonaram para comentar a carta da moça de Curitiba, publicada no número de fevereiro desta **A Granja**. Coisa curiosa: normalmente os amigos só telefonam quando sou esculhambado, o que também acontece, e muito. A pretexto de hipotecar solidariedade, o amigo telefona: “Viu o que um leitor disse de você no Hoje? Ou no Diário Regional? Ou no Mercado Comum?”

Se os leitores soubessem da alegria que dão aos meus amigos, quando me xingam, passariam o dia inteiro escrevendo para os jornais de que sou colaborador. Em contrapartida, quando pinta um elogio carinhoso, como esse de Nayla Marinho, ninguém vê, ninguém comenta. Desta vez, comentaram: **miracolo!** diria minha vó italiana, se eu tivesse uma vó italiana. Não tive; paciência.

Acontece que Nayla Marinho, com seu carinho, acaba me privando de um dos ganchos prediletos no trato das cousas rurais: o jovem na roça. Vira e mexe estou falando dos jovens e da confusão que aprontam por aqui, dos candidatos e genros e de uma categoria ainda pior: a dos amigos dos candidatos e genros. Abundam na roça como abunda a pita, grande erva rosulada da família das agaviáceas.

Se deixar por conta deles, o “som” pode ser ouvido em quatro municípios mineiros. Por acaso, estamos localizados nos limites de quatro municípios da Zona da Mata de Minas. Mas o som de um aparelho comum, baratinho, sem nada de especial, poderia ser ouvido nas sedes dos municípios, a mais próxima das quais dista daqui uns 8 quilômetros em linha reta.

Não tenho tempo, nem sou suficientemente idiota para contar meus discos. Digamos que sejam uns 250, talvez 300, que comprei ao longo dos últimos 30 anos, bolachões todos eles, de 33 rpm, em vinil, que o luxo dos CDs fica para o quitinete da cidade. Vingo-me dos jovens deixando que usem o som à vontade, e no volume que bem entenderem, mas com os meus discos, isto é, os discos que

lá estão empilhados na sala, ao lado do três-em-um.

É de ver-se o entusiasmo com que se atiram ao garimpo, entusiasmo que logo se transforma em perplexidade, quando constatam que, numa pilha respeitável, não conseguem encontrar um só disco que seja do seu agrado, ou do seu conhecimento.

Lá do alpendre, a “quilômetros” de distância, deitado numa bela rede cuiabana, fico morrendo de rir dos candidatos a genros, e seus cupinchas, nas tentativas de sonorização do ambiente rural: “Brahms... seria distribuído pela Brahma? Chopin... teria relação com um chopinho? Quem sabe um Chopin de Brahms?”

“Beethoven... já ouviu falar desse cara. Sinfonia? Hum... sinfonia é sacal. Haydn... seria metaleiro da pesada? Mozart... ah, esse eu conheço: é um cara meio maluco, que trabalhou no filme do Amadeus.”

É sabido que o homem procura o conhecido e teme o desconhecido. Isso explica, entre outras coisas, a alegria que os turistas brasileiros demonstram na Europa, nos Estados Unidos, no Prata, quando encontram outros grupos de turistas brasileiros. Ora, não existe categoria de gente mais abominável que a dos turistas brasileiros. Turista, em si, já é dose; brasileiro, então, é insuportável.

Isso não obstante, brasileiros turistas se atiram nos braços de turistas brasileiros, sempre que se encontram pelos caminhos turísticos do mundo, porque o homem vai ao encontro do conhecido. Talvez a única exceção a esta regra, de resto universal, esteja no sexo conjugal,

que os maridos evitam a partir do terceiro mês de casamento.

No caso dos discos, os jovens enfrentam o desconhecido, não raras vezes tenebroso: Wagner, Bach, Mahler, nomes estranhos para músicas estranhíssimas. E eu lá do alpendre, fumando meu charutinho, ouvindo as diversas tentativas do gupo de encontrar algum disco “tocável”. Não adianta, que não tem. E sempre há o risco maior, representado pela coleção de óperas — quase todas as mais importantes. Ópera e jovem são incompatíveis como chocolate e vinho.

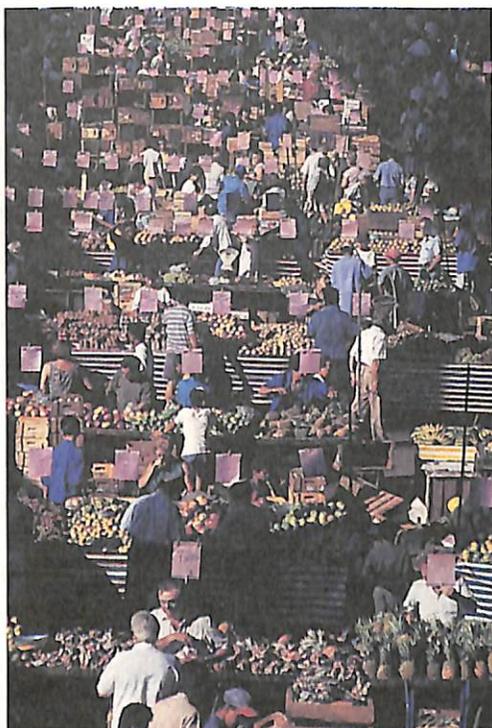
Tudo isso, e muito mais, eu pretendia contar aqui, não fosse Nayla Marinho, na flor dos seus 23 aninhos, tão carinhosa para com o texto deste seu velho amigo. E a crônica poderia representar uma síntese, um apanhado de tudo aquilo que tenho sofrido com os genros em potencial, e os idiotas de seus amigos, se não fosse um menino magro e barbudo, vinte e poucos anos, que pintou no pedaço semana passada, a convite de uma de minhas filhas.

Educado, o menino perguntou se poderia ouvir uns discos. Eu disse que sim e nem precisei ensinar como se liga o três-em-um, que os jovens sempre nos dão lições, quando se trata de mexer com botões e mostradores digitais. Acabei de tomar minha cervejinha, acendi o charuto e fui para a rede, que ninguém é de ferro, na esperança de ouvir uma ópera light, um Beethoven, um Mozart.

Qual não foi minha surpresa quando o barbudinho atacou de Bach, e logo de Wiennachts Oratorium, antes dos Concertos de Brandenburgo regidos por Karl Richter? E o negócio foi num crescendo, que começou a incomodar o dono da casa, sem cultura musical, sem ouvido para certos vãos sonoros. Comprei os discos ao longo dos anos; ouvi quase todos e me convenci de que não tenho gabarito, ainda, para Bach, Gluck, Wagner...

E foi justamente a ópera Tannhäuser, inteirinha, que o menino cismou de ouvir, quando saí da rede, para ver o fenômeno de perto. Diante de minha perplexidade, o barbudinho explicou: “é que sou maestro”.

Ah, bom... 



Ceagesp na mira

Vão virar do avesso o patrimônio da Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp), tudo em nome da privatização e da transparência. Duas empresas de consultoria — que serão escolhidas por meio de concorrência, é óbvio — vão mexer neste vespeiro. Só para se ter uma idéia, estima-se que a estatal paulista acumule uma dívida de R\$ 100 milhões com o Banespa, a juros reais de 32% ao ano, contraída em 1987. Também salta aos olhos o estado lamentável de alguns armazéns, construídos há 50 anos, em locais inadequados e com técnicas ultrapassadas.

Sementes a peso de ouro

Os produtores de sementes colhem uma safra avaliada em 1,65 milhão de toneladas, mas estão sem dinheiro para a sua comercialização. O volume de recursos liberado pelo governo, até o momento, é suficiente apenas para pagar o custeio dos cooperantes e não há perspectivas para a contratação de EGFs. Ocorre que o Conselho Monetário Naci-

onal anunciou medidas que mudam — para pior — as regras de contratação de EGF para sementes. Os prazos de pagamento estão reduzidíssimos. Conclusão: se o cenário não mudar de figura, as indústrias terão que vender as sementes como grãos, para criar capital de giro. O agricultor, logicamente, é quem vai pagar este “pato”, no final das contas.

A onda da pesca ecológica

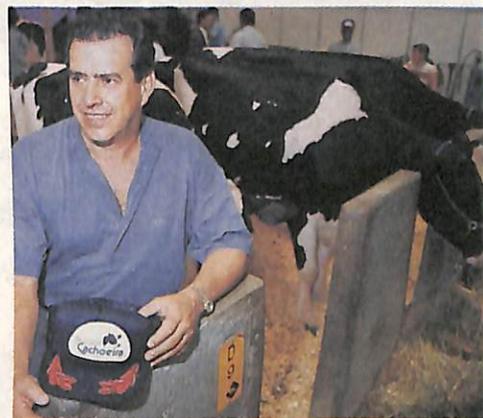
A pesca esportiva está crescendo cada vez mais no país. De três anos para cá, empresas ligadas aos materiais de pesca estão intensificando os seus negócios, fazendo pesquisas de mercado e investindo em um esporte que é mania nacional nos Estados Unidos. Lá, virou moda entre os yupies nova-iorquinos reservarem algumas horas do dia para a prática da pesca. Mas uma pesca ecológica, com iscas artificiais e devolução do peixe à água. Atrás destas tendências, a Feira de Pesca de São Paulo trouxe dos Estados Unidos um imenso barco/aquário que foi montado no meio da feira. Diariamente, um pescador dá as dicas sobre os segredos de uma verdadeira pesca esportiva, ensinando como encontrar os melhores peixes e qual o melhor momento de se jogar a isca. “Muita gente não admite ir para uma pescaria sem trazer o isopor cheio de peixe. Por quê? A pesca deve ser encarada como qualquer esporte. Pode-se jogar squash sem comer a bolinha, não é mesmo?”, brinca um pescador profissional.



Agradando a todos

Quem circulou pelo Parque Ney Braga, durante a Expo-Londrina, no Paraná, não tinha outra dúvida senão saber porquê, este ano, a Associação Brasileira dos Criadores de Limousin resol-

veu dividir a premiação nos julgamentos: animais nacionais de um lado e importados de outro. “Enquanto a França tem 70 mil fêmeas registradas, o Brasil tem apenas duas mil”, justificou Pedro Nunes, diretor-técnico da Associação. O veterinário sustentou que, embora os padrões morfológicos sejam universais, uma premiação global ressaltaria, com mais evidência, a força dos limousines importados, que poderiam ser hor-concours, em função de seu apuro genético. Ele frisa que “o limousin brasileiro nada tem a dever ao estrangeiro; basta ver a premiação máxima, que englobou nacionais e importados”. É verdade: o campeão supremo foi 3M Circle Wizard, limousin nacional de propriedade do criador paranaense Serafim Meneghel.



Holandês prefere jersey

Que a vaca jersey Gusto Cynthia, de 3,5 anos, é rica em genética canadense e imprime ganhos de produtividade ao plantel ninguém duvida, pois, do contrário, ela não seria negociada pelos bons R\$ 48.000,00 que valeu no Leilão da Fazenda Bom Pastor, no Agrocentro, em São Paulo/SP, no início de abril. O que estranha é que o ventre tenha sido adquirido por um dos mais respeitáveis criadores de holandês do país, ninguém menos que o presidente da Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da Raça Holandesa, Elos José Noli, que levará a preciosa novilha para sua fazenda Cachoeira, em Caetés/MG. Procurado por A Granja, o criador não havia se pronunciado até o fechamento desta edição, mas tem gente que jura que o negócio foi uma ação familiar, já que o vendedor e proprietário da Bom Pastor é Paulo Noli, irmão de Elos.



Fotos: Aramy Machry

Lagoa da Serra inaugura o novo nelore

Programa da empresa do grupo Bamerindus vai promover uma reviravolta na pecuária: saem de cena os touros "bonitos" e passam a ser valorizados aqueles animais mais eficientes no repasse genético

João Paulo Uriartt

O nelore do ano 2000, recheado de índices de DEP (Diferença Esperada de Progenie), aferições de libido sexual e performance, ou valores de acurácia (que medem a exatidão dos dados pesquisados) está nascendo bem longe de Uberaba/MG, considerada a meca brasileira dos zebuínos. Este nelore do futuro já está atuando em todo o

país, mas por estas coisas da criação brasileira, não possui dados conhecidos, muitas vezes preterido por figurões da raça que nem sempre são melhoradores genéticos.

Não possuía, pois a tarefa de testá-lo a campo, através de suas crias, classificando-o de acordo com suas aptidões de reprodutor e futuro doador de sêmen, e

verificar se realmente imprime ganho genético ao plantel, começou a andar em outubro de 94, no meio do canavial, em Sertãozinho/SP, nas proximidades de Ribeirão Preto, numa das mais avançadas regiões agrícolas do país.

Na ocasião, foi criado o Programa de Avaliação de Novos Touros (Paint), desenvolvido pela Lagoa da Serra Insemi-

nação Artificial (do Grupo Bamerindus), que visa identificar novos raçadores de qualidade no rebanho comercial nelore "cara limpa" (sem registro oficial) com uma meta ambiciosa, mas possível: oferecer, a partir da temporada 98/99, sêmen com preço definido pelo real valor do touro, levando em conta seu desempenho reprodutivo. "O Paint não é um programa que se extingue em si, mas se insere num contexto maior, de filosofia empresarial", resume o zootecnista Henrique Jorge Fernandes, coordenador do trabalho, entusiasmado com o impacto econômico de sua adoção. Pelos cálculos da Lagoa da Serra, a primeira safra do Paint deverá produzir 700 tourinhos para monta natural, com uma DEP positiva de 5,8 quilos cada um, em média. Ao servirem um rebanho estimado em 21 mil fêmeas, o incremento de carne desta primeira geração será da ordem de 70 toneladas/ano. No final da vida útil, o grupo terá proporcionado um aporte de 420 toneladas à pecuária nacional.

Para os criadores participantes, a maior vantagem é poder comercializar tourinhos cara limpa na fazenda com preços melhores, além de partirem para um sistema seguro de seleção e cruzamentos, todo informatizado.

Trinta rebanhos associados em todo o país já fazem parte do Paint

Como funciona — Nesta primeira rodada do Paint, 30 rebanhos associados estão sendo avaliados. Com uma média de 500 matrizes nelore sem registro (o mínimo exigido para entrar no programa é de 200 ventres), os rebanhos se distribuem por estados como MT, MS, PI, SP, GO, MG e MA, somando cerca de 15 mil ventres.

Para serem acompanhados, eles devem utilizar inseminação artificial e possuir balança na fazenda, além de dispor de computador. O software (Controle de Gado Registrado, ou CGR) foi desenvolvido pelo Núcleo de Zootecnia, ligado à Unesp de Botucatu/SP, que dá suporte técnico à sua aplicação. O trabalho é também monitorado por três geneticistas, sob a coordenação geral da Lagoa da Serra. A cada 90 dias, técnicos da Lagoa da Serra visitam as propriedades e os dados são transmitidos por disquete aos computadores de Sertãozinho.

Cada uma das propriedades integradas adquiriu 180 doses de sêmen, a preços subsidiados (R\$ 4,50/dose) de qua-

tro dos 13 touros integrantes do Paint. São nove reprodutores nelore aspados e quatro mochos, nascidos de 90 para cá (somente um mocho é de 87); há, ainda, um touro referência (Confiante da Zebulândia VR, de Torres Homem da Cunha), que fornecerá 20 doses para todos os rebanhos do programa.

Com base num esquema de cruzamento aleatório, os filhos começam a nascer entre agosto e novembro, são pesados ao desmame, com aproximadamente 205 dias (de março a maio de 96) e passam por nova pesagem ao 1,5 ano (entre agosto e outubro do ano que vem). A acurácia esperada no teste é da ordem de 0,95. No segundo ano, diz Fernandes, deverão ser testados mais de 13 touros, pois a meta é testar 30 reprodutores ao ano. "Para chegar a este volume, serão escolhidos animais destacados dos rebanhos associados, com a possibilidade dos criadores indicarem seus exemplares, inclusive, touros em monta natural", explicou o coordenador.

Leilão dos melhores — Depois disso, é feita, na fazenda, uma avaliação de tipo para a produção de carne, e os machos passam por medida de circunferência escrotal. Os melhores, classificados como superiores ou de elite (para peso e



tipo), recebem o Certificado de Produção na Fazenda e constarão do primeiro sumário de touros do Paint. Os melhores de cada fazenda serão convidados a participar de um teste de performance a pasto, durante um ano, na Fazenda Campanário, em Caarapó/MS, com provas de tipo Perfil Linear, libido e capacidade de serviço, exame andrológico e outros testes sob responsabilidade do comitê técnico. Os touros superiores ou de elite nesta bateria de testes farão jus ao Certificado de Produção Nacional. "Deverão ser de 500 a 800 touros", espera Fernandes, lembrando, ainda, que estes animais poderão ser confinados por 60 dias como preparação ao leilão, em outubro de 97, de touros certificados com ampla divulgação nacional pela Lagoa da Serra.

Os destacados (menos de 1% de todo o grupo, o que representa quatro ou cinco reprodutores) serão contratados pela Lagoa da Serra para a coleta de sêmen, com doses comercializadas a preços acessíveis (de 30% a 40% mais baratas) junto a rebanhos comerciais cara limpa.

A participação no Paint, informa ainda Fernandes, abre a possibilidade do criador vender, na fazenda, seus tourinhos cara limpa a valores de 25 arrobas, ele-



Tramontin: vendendo a inseminação e não apenas o sêmen

vando as cotações para um valor médio de 45 arrobas após a prova centralizada. Por estes cálculos, um rebanho padrão de

500 vacas propicia uma receita adicional de US\$ 18.000,00/safra em relação ao criador que usa monta natural e não vende reprodutores. "Daqui a 3 ou 4 anos, não existirão touros na central sem ser provados. Queremos ter uma planilha de preços de sêmen que considere as DEP's, fertilidade, precocidade e todos os índices de produtividade disponíveis certificando a qualidade do material genético oferecido ao mercado", acrescentou o gerente de Relações com o Mercado da empresa, Mauricio José de Lima.

Outros programas — A partir da tecnologia do Paint cara limpa, a Lagoa da Serra inaugurou, em janeiro, o módulo para Cruzamento Industrial (Paint 2), que visa testar touros jovens europeus sobre vacas nelore, já contando com oito fazendas integradas. Neste caso, o produtor não precisa ter software próprio. Os testes são de peso à desmama e aos 18 meses, avaliação de carcaça, precocidade sexual e habilidade materna, com o lançamento de todos os dados num sumário de touros. "Trata-se de um programa inédito no mundo", ressalta o coordenador, ao lembrar que os índices serão comparados, em conjunto, pela Lagoa da Serra e sua sócia nos Estados Unidos, a

Dectomax[®]. Ação

Proteção por mais tempo contra

Dectomax[®] tem ação prolongada.

Quem conhece as vantagens de Dectomax[®] sabe que tempo é dinheiro. Sabe que mais tempo de ação é mais saúde. Com apenas uma aplicação de Dectomax[®], seu rebanho está protegido por mais tempo. Comprove a ação maaaaais prolongada de Dectomax[®].

Dectomax[®] tem amplo espectro.

Além de proteger por maaaaais tempo, Dectomax[®] age contra maaaaais parasitas de dentro e de fora: vermes, bicheiras, bernês, carrapatos e um maior controle da população da mosca-do-chifre. Dectomax[®] controla com maaaaais economia os inimigos mais importantes do seu rebanho para você ganhar maaaaais em menos tempo.



Laboratórios Pfizer Ltda. / Divisão Agropecuária

Av. Presidente Tancredo de Almeida Neves, 1.111 - CEP 07190-916 - Cx. P. 143

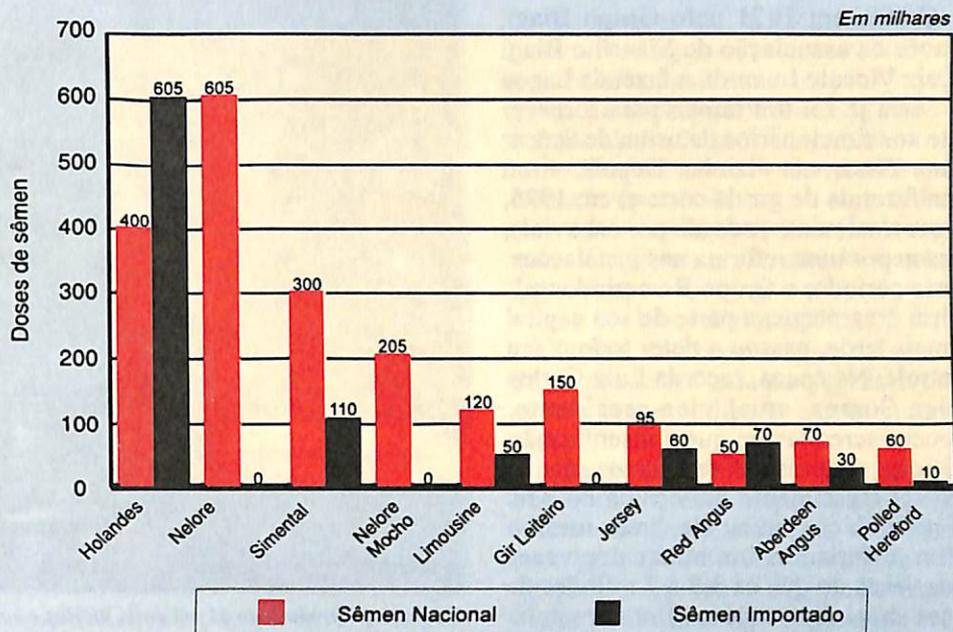
CEP 07111-970 - Guarulhos - SP - Tel.: (011) 964-7444 - Telex: 11-65131 - Fax: (011) 964-7400.

© DECTOMAX é marca registrada da Pfizer Inc. para Doramectin. © Copyright Laboratórios Pfizer Ltda. 1995. Todos os direitos reservados.

Accelerated Genetics. Ao mesmo tempo, está em preparação o Paint 3, de avaliação de nelores PO registrado, com acompanhamento de rebanhos puros para identificar touros promissores que serão levados a teste no Paint cara limpa.

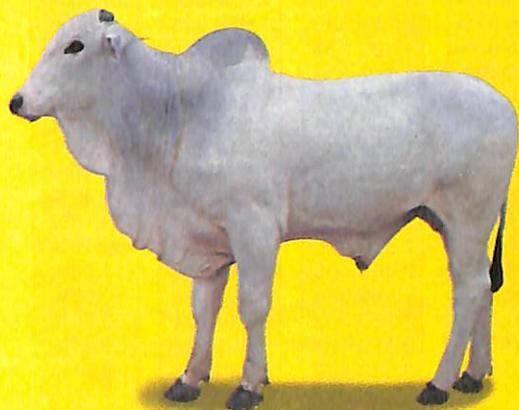
Em outra área, a empresa oferece o Programa Especial de Inseminação Artificial (Peia), que deverá somar 60 técnicos até o fim de 95. Criado a cinco anos, o Peia visa repassar toda a tecnologia necessária para que o pecuarista passe a usar inseminação na fazenda, incluindo treinamento de mão-de-obra local. O custo varia de R\$ 1,2 mil a R\$ 1,3 mil, incluindo todos os gastos, exceto o deslocamento do pessoal até a fazenda. E, por fim, oferece cursos semanais de inseminação artificial, para 20 a 30 alunos/semana. No centro de treinamento de inseminação artificial, são formados 800 alunos anualmente. A procura tem sido tão intensa que para conseguir uma vaga nestes cursos a inscrição deve ser feita com um a dois meses de antecedência. Neste segmento trabalham três veterinários e dois auxiliares. Além dos cursos na central, muitos outros inseminadores são treinados nas propriedades, totalizando quase 4 mil profissionais formados ao ano.

PARTICIPAÇÃO DAS PRINCIPAIS RAÇAS - 1994 -



maaaais prolongada.

mais parasitas de dentro e de fora.



Dectomax® é maaaaais pra você.

Proteger seu rebanho é garantir a saúde do seu lucro. Não deixe por menos. Você merece sempre mais, sempre melhor. Você merece Dectomax®.

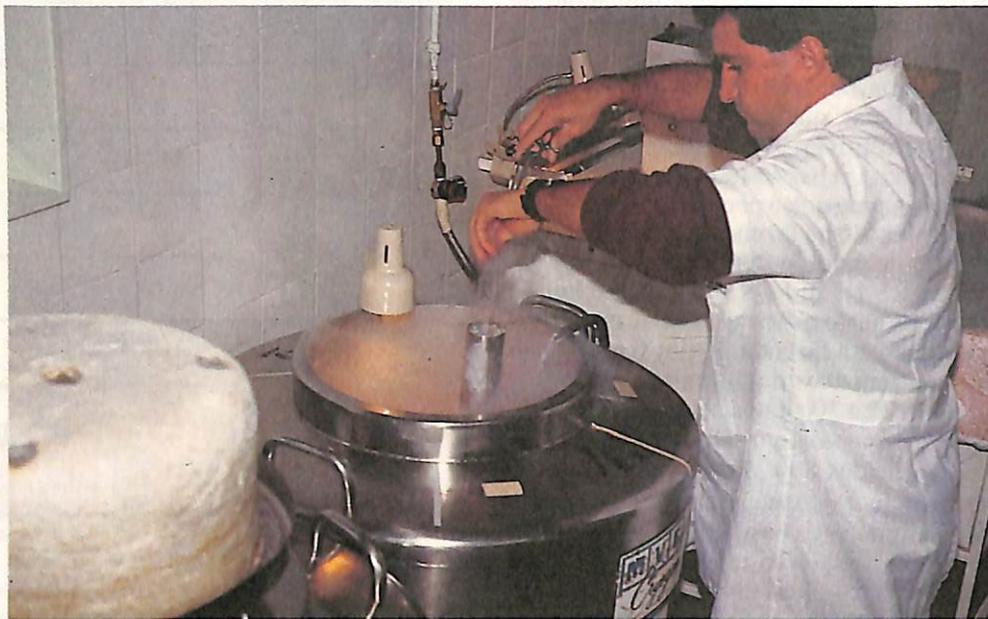
DECTOMAX®
O MAIS, MELHOR.



Sertãozinho: tambo leiteiro que se transformou em laboratório de Primeiro Mundo

Criada em 1971 pelo Grupo Biagi, através da associação de Maurílio Biagi e Luiz Vicente Lunardi, a fazenda Lagoa da Serra já foi um tambo para fornecer leite aos funcionários da usina de açúcar Santa Elisa, sua vizinha. Depois, virou uma fazenda de gir de corte e, em 1975, ao ser totalmente rodeada por canaviais, passou por uma reforma nas instalações. Neste período, o Grupo Bamerindus adquiriu uma pequena parte de seu capital e, mais tarde, passou a deter todo o seu controle. Na época, recorda Luiz Carlos Veiga Soares, atual vice-presidente, "poucos acreditavam que a inseminação artificial poderia dar resultados positivos". O crescimento da técnica no país foi notável, continuou ele, "mas mesmo assim poderíamos inseminar dez vezes mais vacas do que as 3,5 a 4 milhões de doses anuais que todo o setor comercializa hoje".

A dificuldade de popularizar a tecnologia está ligada, no seu entender, à falta de conhecimento do homem rural. "Precisamos esclarecer o homem do campo sobre a importância deste método, assim como da importância de um manejo certo, boa comida e bom estado sanitário do



Laboratório: produzindo 15 mil doses diárias e um banco de sêmen permanente com 1,2 milhão de doses

rebanho, sem o qual só a inseminação não chegará a garantir bons resultados", alertou.

Soares também destacou que a resistência à adoção maciça da tecnologia não é exclusiva do Brasil. "Algumas inseminações mal-feitas acabaram por atrasar

sua expansão pelo país, mas isto também ocorreu nos Estados Unidos; hoje, no entanto, pode-se dizer que sem inseminação a pecuária norte-americana não dá lucro." Outra questão se refere ao custo da tecnologia, acusada de cara por alguns criadores. "Isto não é verdade, o sêmen

EVOLUÇÃO DA INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL NO BRASIL

Ano	Sêmen Nacional				Sêmen Importado				Total Geral em Doses			
	Produção	Vendas	Partic.	Evol.	Import.	Vendas	Partic.	Evol.	Nac. + Imp.	Vendas	Evol.	
1977	1.737.999	1.030.226	82,62%	-	297.513	216.660	17,38%	-	2.035.512	1.246.886	-	
1978	1.323.216	1.128.068	81,54%	9,50%	190.504	255.464	18,46%	17,91%	1.513.720	1.383.532	10,96%	
1979	1.550.792	1.207.141	78,57%	7,01%	347.720	329.215	21,43%	28,87%	1.898.512	1.536.356	11,05%	
1980	1.856.895	1.372.001	83,00%	13,66%	394.340	280.920	17,00%	-14,67%	2.251.235	1.652.921	7,59%	
1981	1.621.973	1.340.051	88,12%	-2,33%	170.364	180.688	11,88%	-35,68%	1.792.337	1.520.739	-8,00%	
1982	1.566.193	1.132.967	88,77%	-15,45%	152.443	143.287	11,23%	-20,70%	1.718.636	1.276.254	-16,08%	
1983	1.415.400	1.024.025	87,16%	-9,62%	155.447	150.858	12,84%	5,28%	1.570.847	1.174.883	-7,94%	
1984	1.785.594	1.377.446	89,84%	34,51%	96.420	155.749	10,16%	3,24%	1.882.014	1.533.195	30,50%	
1985	1.810.033	1.359.504	89,62%	-1,30%	148.042	157.476	10,38%	1,11%	1.958.075	1.516.980	-1,06%	
1986	1.907.928	1.515.177	85,30%	11,45%	218.887	261.149	14,70%	65,83%	2.126.815	1.776.326	17,10%	
1987	2.374.011	1.731.683	89,09%	14,29%	382.014	212.032	10,91%	-18,81%	2.756.025	1.943.715	9,42%	
1988	2.558.066	1.467.825	89,03%	-15,24%	186.476	180.929	10,97%	-14,67%	2.744.542	1.648.754	-15,18%	
1989	2.168.601	2.280.054	86,33%	55,34%	340.825	361.019	13,67%	99,54%	2.509.426	2.641.073	60,19%	
1990	2.071.091	1.906.231	81,15%	-16,40%	415.315	442.800	18,85%	22,65%	2.488.406	2.349.031	-11,06%	
1991	2.086.416	2.080.086	80,08%	9,12%	603.282	517.582	19,92%	16,89%	2.689.698	2.597.668	10,58%	
1992	2.206.314	2.108.245	80,55%	1,35%	652.888	509.036	19,45%	-1,65%	2.859.202	2.617.281	0,76%	
1993	2.439.225	2.597.933	78,21%	23,23%	716.896	723.597	21,79%	42,15%	3.156.121	3.321.530	26,91%	
1994	2.354.268	2.566.457	70,43%	-1,21%	1.179.712	1.077.431	29,57%	48,90%	3.533.980	3.643.888	9,71%	

Fonte: ASBIA-95

é um dos insumos mais baratos dentro da pecuária nacional”, disse.

Numa área de 103 hectares, a fazenda Lagoa da Serra se divide em três partes distintas: quarentena, produção e banco de sêmen. Na quarentena, onde os animais recém-chegados permanecem de 40 a 60 dias, existem 28 piquetes. Ali, são feitos os exames clínicos sobre a sanidade dos touros, assim como seu treinamento para montar em vacas artificiais. Nesta fase, se alguma doença for detectada, o problema é resolvido ou então o animal é descartado.

Na parcela de produção, há 200 piquetes em disposição radial, alojando touros que estão sendo coletados. Há toda uma preocupação com o aspecto sanitário, obrigando o animal a percorrer um único fluxo, da entrada à saída, sem retorno, para evitar algum tipo de contágio. Há cercas duplas isolando todos os piquetes entre si e os caminhos de trânsito (que levam todos ao centro de coleta), além de cerca elétrica interna em cada piquete evitando que os touros briguem.

Na área de coleta, todos os dias os touros em atividade chegam à sala de coleta por volta das 6 horas da manhã. Atualmente, são 106 touros em serviço



Lúcia Helena: rigor no controle de qualidade

(de cinco raças zebuínas e dez de raças européias ou sintéticas), além de bífalo e mocho nacional, duas curiosidades na central. Conforme o veterinário Marcelo Almeida Oliveira, responsável pela parte de produção, 70% a 80% dos touros alojados hoje na Lagoa da Serra são de terceiros, com contratos de parceria de coleta de doses. Diariamente, a produ-

ção é de 45 a 50 saltos, sendo que cada touro em serviço costuma dar uma média de dois saltos, seja sobre manequins de vacas (geralmente os touros mais jovens, menos experientes) ou vacas vivas.

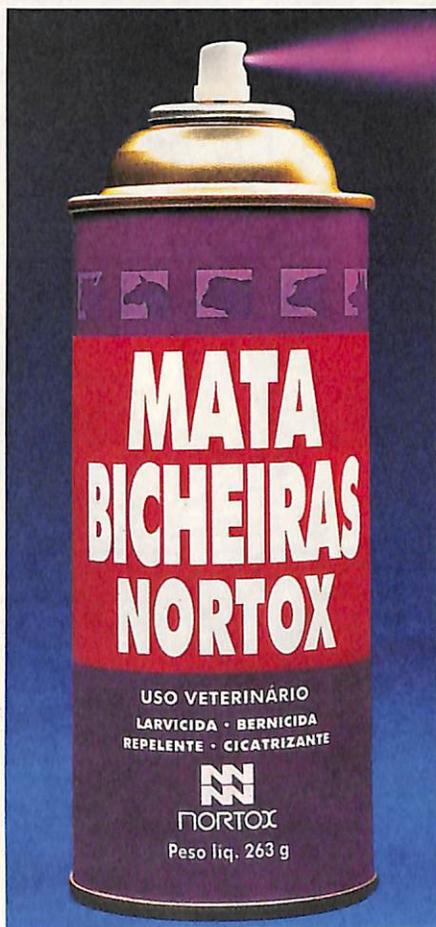
No laboratório, a veterinária Lúcia Helena Rodrigues avalia e industrializa o ejaculado, juntamente com uma equipe de quatro funcionários. Segundo ela, a capacidade de produção é de 15 mil doses diárias, mas o volume varia conforme a época do ano, a demanda do mercado e a disponibilidade dos estoques. Em geral, o estoque da Lagoa da Serra é capaz de suprir o mercado por 13 meses. No laboratório, explica Lúcia, são realizadas diversas análises da qualidade do produto, “tudo para garantir que o sêmen comercializado esteja íntegro e sadio”.

O setor industrial se completa no banco de sêmen com capacidade para 1,2 milhão de doses mantidas a 196 graus centígrados negativos, ocupando 6 funcionários. No banco podem ser encontradas doses de até 20 anos; e seu movimento diário oscila de 3 a 7 mil doses, na recepção, e de 5 a 10 mil doses vendidas ao dia, dependendo do semestre do ano.

CHEGOU O JATO QUE CURA.

Mata-Bicheiras Nortox é a eficiente combinação de Cipermetrina um piretróide de alta eficiência com Diclorvos (DDVP) um inseticida fosforado com grande poder de choque. Não é apenas mais um mata-bicheiras. Mata-Bicheiras Nortox é o maior poder de persistência em produtos do gênero. Por isso é incomparável para todo tipo de lesões, seja por castração, descorna, tosquia ou mesmo por ação indireta. Experimente e comprove.


NORTOX



Consulte seu médico veterinário

VENDAS:

SÃO PAULO

Konishi (011) 831-7133
Hortec (011) 832-3167
Agropec (0196) 57-1332
Casa do Boi (016) 636-1646
Jabur (016) 634-4029

MINAS GERAIS

Agrozema (034) 662-1722
Casa do Fazendeiro
(034) 212-2555

GOIÁS/DF

Comigo (062) 621-2233
Solo & Agua (061) 233-2362
Pró Fazenda (062) 431-5500

ESPIRITO SANTO

Casa do Adubo (027) 226-4144

ALAGOAS

Comagro (082) 221-9040

RIO GRANDE DO SUL

Osmar Machado (051) 340-2622
Jabur (054) 313-3488

MATO GROSSO

Jabur (065) 684-2188

MATO GROSSO DO SUL

Guerra (067) 422-1971
RuralCenter (067) 422-1700

PARANÁ

Casa do Criador (043) 422-4453
Orpagro (043) 422-2963
Corol (043) 255-2144
R. Pedalino (043) 321-2236
Jabur (043) 329-0202
Cavaliere (043) 472-2469
Pan Agropecuária (045) 277-1408
Buschle & Lepper (041) 322-5150

SANTA CATARINA

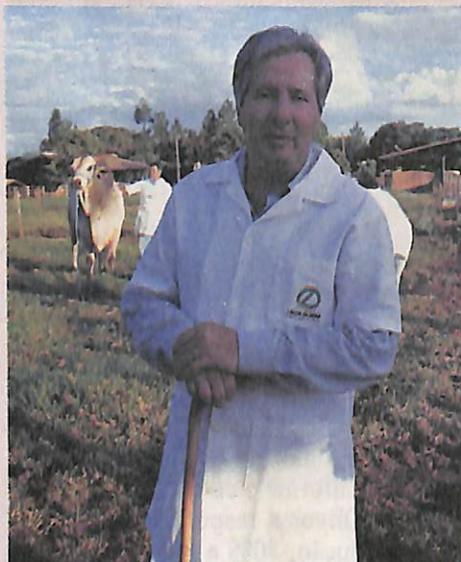
Buschle & Lepper (0473) 34-1088

Mercado mundial se abre para o sêmen brasileiro

Este ano, a Lagoa da Serra projeta faturar de R\$ 9,5 a R\$ 10 milhões na venda de sêmen, assegurando o segundo lugar em doses (atrás da Pecplan Bradesco), mas possivelmente a primeira posição em receita. De acordo com o superintendente Carlos Romeu Tramontin, a expansão deve-se ao próprio mercado. Na verdade, diz ele, "queremos muito mais vender a técnica da inseminação e difundir seus resultados do que propriamente vender sêmen". Para conquistar fatias mais significativas no setor, a Lagoa está buscando tratar seus clientes com um diferencial e aprimorar seus controles de qualidade, para garantir a satisfação desses clientes. Em 1992, lembra ele, os rígidos padrões de qualidade da empresa fizeram com que mais de 400 mil doses de sêmen fossem descartadas.

Esta qualificação fez com que, por

exemplo, muitas entidades encontrassem na Lagoa um parceiro confiável para convênios de pesquisa, como o Centro Nacional de Pesquisa de Gado Leiteiro



Lima: 100 mil doses de nelore para cinco países

(CNPGL) da Embrapa, em Coronel Pacheco/MG, com testes de progênie de holandês e gir leiteiro, e ainda no Programa de Avaliação de Touro Jovens desenvolvido pelo Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte (CNPGC) da Embrapa, em Campo Grande/MS.

Outra frente que a empresa está abrindo são as exportações. "Nunca havíamos pensado em mercado externo, mas com nossa tecnologia e os avanços do nelore brasileiro (segundo maior rebanho mundial) já acertamos vendas, este ano, para a Colômbia, Paraguai, Bolívia, Argentina e Uruguai, num volume que deve totalizar 100 mil doses em 95", revelou Mauricio José de Lima, gerente de Relações com o Mercado, adiantando que, num futuro próximo serão conquistados novos clientes como a Venezuela, o Peru e a Austrália.

Os números da Lagoa

Área: 103 hectares

Nº de Centrais: duas (Sertãozinho/SP e Castro/PR)

Nº de Revendas: 23

Nº de Representantes: 86

Nº de Gerências Regionais (filiais): 8
 Nº de Funcionários: 103 (diretos)
 Casas residenciais/funcionais da sede: 52
 Capacidade de armazenamento do banco de sêmen: 2.000.000 doses
 Faturamento 93: R\$ 6,1 milhões
 Faturamento 94: R\$ 8,2 milhões (705,6 mil doses vendidas)

Faturamento 95: R\$ 9,5 a R\$ 10 milhões (1 milhão de doses vendidas)*
 Raças mais vendidas: nelore, holandês, simental, limousin, red angus (de um total de 17)

Formação de inseminadores: 3,5 mil/ano

*Estimativa

Fonte: Lagoa da Serra, Asbia



*DDG

DISCAGEM DIRETA GRATUITA

Das 8:30 às 20:30

DISQUE

051 800 21 06

ENTRE EM CONTATO COM A GENTE

Você tem dúvidas sobre sua assinatura?

★ MAIS UMA VANTAGEM EXCLUSIVA PARA O ASSINANTE

Quer saber algo sobre pecuária?

DDG

a granja



Agricultura? Exposições?

Alguma sugestão?

LIGUE PARA A GRANJA E TENHA A SUA RESPOSTA

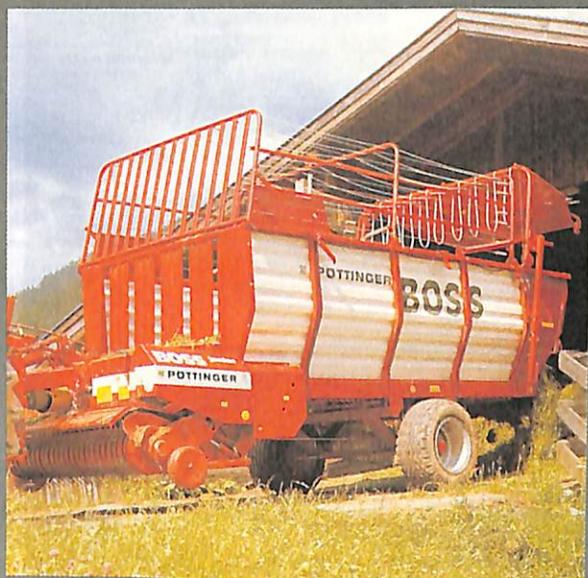


Plantadora Adubadora Exacta air 2900 Jumil

**A LIDERANÇA DO
PLANTIO AGORA
LIDERA TAMBÉM NA
ALIMENTAÇÃO ANIMAL**



Ancinho GRS 25 N



Vagão Recolhedor de Forragem

**CONHEÇA NOSSA
LINHA PARA
ALIMENTAÇÃO ANIMAL:**

- SEGADORAS DE DISCOS E CONDICIONADORAS
- ANCINHOS ESPALHADORES E ENLEIRADORES
- ENFARDADORAS
- VAGÃO MISTURADOR DE RAÇÃO
- VAGÃO PARA RECOLHIMENTO E REPICAGEM DE FORRAGEM
- COLHEDORAS DE FORRAGEM



Colhedora de Forragem MEX III F/H-K



Enfardadora



Segadora Condicionadora FC 202



Vagão Misturador de Ração

SOLICITE MAIORES INFORMAÇÕES

Jumil

JUSTINO DE MORAIS, IRMÃOS S.A.
Rua Ana Luiza, 568 - CP. 75 - 14.300-000
Batatais - SP PABX (016) 761-4000
FAX (016) 761-4894 (016) 761-4242
.Telex (166) 388 JUBA-BR

Mais conforto para o bezerro



Fotos: Marcos Muzzi

A casinha tropical é um abrigo totalmente aberto que, ao lado de uma boa alimentação e higiene, faz cair a zero o índice de mortalidade na criação

Simone da Silva Jardim

Quando o assunto é mortalidade de bezerros em fase de aleitamento, o Brasil, lamentavelmente, ainda exibe um índice vergonhoso. Chega, sem o menor sinal de acanhamento, à casa dos 20%. Para se ter uma idéia, o nível internacionalmente aceito não ultrapassa a marca dos 5%. O motivo destas perdas está calcado em idéias erradas, levadas adiante com o passar das gerações, principalmente no que se refere a alojamento desta categoria animal.

Os bezerros brasileiros, em sua maioria, vivem os seus primeiros 60 dias de vida em abrigos individuais ou em galpões que imitam os modelos europeu e norte-americano — ambientes fechados, quentes, baixos, úmidos e mal ventilados, quase sempre feitos de madeira grossa, com um único vão de entrada e cobertos com telhas de plástico. Ideais, é claro, para enfrentar condições adversas de frio e vento intensos, mas totalmente inadequados para as características tropicais do nosso clima.

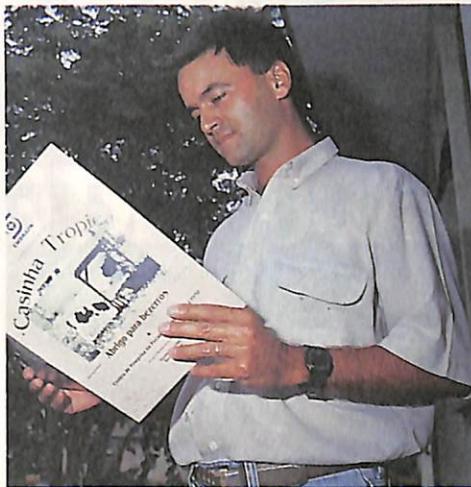
Foi esta constatação que levou o Centro de Pesquisa Pecuária do Sudeste (CPPSE), da Embrapa, em São Carlos/SP, a desenvolver o que os pesquisadores chamam de “casinha tropical”, um abrigo arejado, feito com estacas de madeira e coberto com folhas de zinco.

Segundo o agrônomo André de Faria Pedroso, que projetou o abrigo, o uso de duas folhas de zinco superpostas garante que a camada de ar que fica entre elas funcione como isolante térmico. Ou seja,

não permite a propagação do calor do sol para o interior do alojamento, mesmo naqueles dias mais quentes e sem ventos, assegurando uma temperatura agradável para o animal.

A casinha tropical mede 1 m x 1,40m. Durante os 60 dias que ficam no abrigo, os bezerros são mantidos com coleira e corrente, para facilitar o manejo na condução do animal, como pesagens ou tratamentos veterinários. "O uso da corrente permite ainda a movimentação do bezerro em uma grande área, em busca de sombra. A corrente deve ser fixada no solo através de um grampo removível e contar com um girador em uma das extremidades, como as correntes de cachorro, a fim de não ficar retorcida com a movimentação do bezerro. Ela deve ter cerca de 1 metro de comprimento e é indispensável que seja fixada no chão. Caso seja presa ao abrigo, é possível que o animal venha a arrastar a casinha, devido ao seu pouco peso", explica Pedrosa.

Redução de doenças — Totalmente aberto, o abrigo também cria condições que reduzem a incidência de pneumonias e diarreias, doenças comuns em bezerros que vivem em ambientes mal ventilados e úmidos. Além disso, a casinha tropical, que dispensa o uso de camas ou estrados, é muito leve, permitindo mudanças freqüentes e rápidas de local, feitas sem nenhuma dificuldade por uma única pessoa. Assim, o piso nunca fica enlameado, porque o alojamento pode ser constantemente mudado de lugar, solução simples e definitiva para o velho problema da concentração de fezes e urina no chão. E mais: sem contar os custos



André, o projetista: abrigo garante um melhor controle do bezerro

com mão-de-obra, a estrutura do abrigo fica por volta de R\$ 30,00.

Segundo Pedrosa, os criadores precisam entender que o alojamento mais favorável para estes animais em fase de aleitamento ainda é o pasto, onde podem tomar sol, chuva, vento, situações que, em regiões de clima tropical, não acarretam riscos à saúde. "O único objetivo dos abrigos deve ser o de garantir maior controle alimentar e detecção precoce das doenças", garante o técnico.

Há pouco mais de um ano, o índice de mortalidade dos bezerros na fazenda da Embrapa era de 10%. Com a instalação dos abrigos, cerca de 100 bezerros já foram desmamados e não foi registrado um óbito sequer. "Mesmo durante o último inverno, os animais resistiram bem às geadas", informa Pedrosa. Em caso de ventos extremamente fortes e

chuvas, o agrônomo diz que se pode cobrir com lona o lado da casinha atingido. "Mas, como regra geral, não há necessidade nenhuma deste tipo de proteção no país, à exceção de locais no extremo sul do Brasil", garante.

Erros alimentares — O bezerro se alimenta dentro do próprio abrigo, que contém suportes fixos para ração, feno e um balde para água. "Desde o primeiro dia de vida, os bezerros precisam ter água à vontade para beber. O criador, geralmente, esquece esse importante detalhe. O leite não basta para suprir a necessidade de líquidos", orienta. Também é indispensável fornecer ao bezerro ração industrializada, com vitaminas, o que propicia um desenvolvimento mais adequado. "Além disso, nos primeiros dois meses de vida o bezerro precisa receber volumoso de boa qualidade, além de quatro litros de leite por dia", ensina. No entanto, nada disso poderá ser feito de forma correta se não existir um funcionário cuidadoso, com boas noções de higiene e que se dedique com afinco a essas tarefas de campo.

"Talvez o ponto mais importante neste tipo de criação seja o tratador. Afinal, os bezerros são animais de reposição e, se não forem bem cuidados no início, o criador terá que adquirir animais de reprodução fora da fazenda, e isto sempre custa muito caro", finaliza Pedrosa.

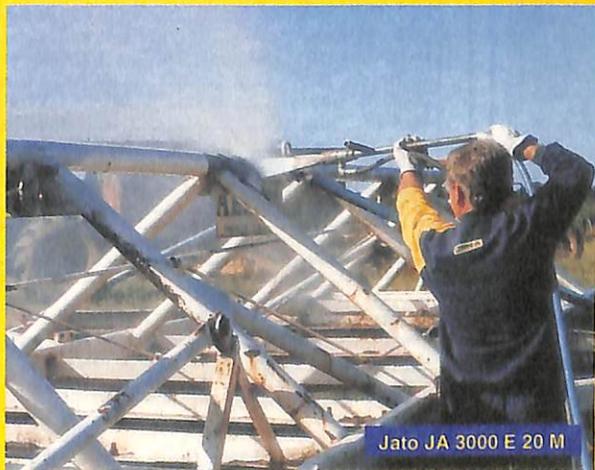
Peça sua planta. Escreva para: Embrapa - Centro de Pesquisa Pecuária do Sudeste (CPPSE), Caixa Postal 339, CEP 13560-970, São Carlos/SP. Ou disque (0162) 72-7611.

Jato de Areia Úmido e Bomba INCA. Tecnologia voltada para o campo.

- ▷ Jateamento de areia sem poeira.
- ▷ Limpeza pesada. Alta pressão com alta vazão.
- ▷ Acionamento pela tomada de força do trator ou elétrico.

INCA
CONSTRUÇÕES MECÂNICAS LTDA

Serviço de Atendimento ao Cliente
Fone: (051) 632.1660 - Fax: (051) 632.1498
Estrada Maurício Cardoso, 4860 - CEP 95.780-000 - Montenegro/RS



Jato JA 3000 E 20 M



Bomba INCA 5000TDP

SUPLEMENTO MINERAL MOSSORÓ



Produto com dosagens tecnicamente indicadas para uso constante do rebanho de corte em regime de campo, com taxa de fósforo e cálcio equilibrados, além dos microelementos indispensáveis.

Sua formulação é específica para a manutenção e otimização do estado geral do rebanho, que já se encontra adequadamente mineralizado.

Colocado permanentemente à disposição dos animais, previne e evita perturbações determinadas pela carência de sais minerais nas rações e pastagens.

Produto pronto para uso, dispensando qualquer mistura.

NÍVEIS DE GARANTIA:		CADA KG CONTÉM:
CÁLCIO (Ca)	102,000 g
FÓSFORO (P)	45,000 g
SÓDIO (Na)	180,000 g
COBRE (Cu)	450,000 mg
COBALTO (Co)	16,000 mg
SELÊNIO (Se)	10,000 mg
IODO (I)	41,000 mg
FLÚOR (F) (MÁX)	0,450 g
SOLUBILIDADE DO FÓSFORO (P) EM ÁCIDO CÍTRICO A 2%: (MÍN.) 90%.		

SUPLEMENTO MINERAL GADOFORTE



Formulação com dosagens criteriosamente pesquisadas e destinada a curar e prevenir as perturbações fisiológicas causadas pela carência de sais minerais nas rações e pastagens, principalmente devido às deficiências de fósforo e cálcio.

Indicado no tratamento do raquitismo, osteomalácia e osteoporose e na rápida recuperação do bom estado físico geral dos animais, que se encontra comprometido pela desmineralização, especialmente de cálcio e fósforo.

Sua alta taxa de cálcio e fósforo, proporciona o nascimento de crias saudas e com esqueletos bem formados.

Aumenta a lactação das vacas e o ganho de peso dos bovinos e ovinos em geral.

NÍVEIS DE GARANTIA:		CADA KG CONTÉM:
CÁLCIO (Ca)	106,000 g
FÓSFORO (P)	63,000 g
SÓDIO (Na)	180,000 g
FERRO (Fe)	840,000 mg
COBRE (Cu)	450,000 mg
COBALTO (Co)	16,000 mg
SELÊNIO (Se)	10,000 mg
IODO (I)	41,000 mg
FLÚOR (F) (MÁX)	0,630 g
SOLUBILIDADE DO FÓSFORO (P) EM ÁCIDO CÍTRICO A 2%: (MÍN.) 90%.		

SUPLEMENTO MINERAL FOSFAZIR "GL"



É um produto com maior concentração de fósforo e cálcio, além de possuir microelementos que são insuficientes em nossas pastagens. Deve ficar permanentemente à disposição do rebanho.

Indicado para aqueles animais que apresentam maior carência de fósforo ou cálcio necessitando por isso de tratamento intensivo ou criações que, por suas características, exigem maior ingestão de fósforo, como reprodutores e gado leiteiro.

NÍVEIS DE GARANTIA:		CADA KG CONTÉM:
CÁLCIO (Ca)	140,000 g
FÓSFORO (P)	80,000 g
SÓDIO (Na)	106,000 g
MAGNÉSIO (Mg)	15,000 g
FERRO (Fe)	620,000 mg
COBRE (Cu)	680,000 mg
MANGANÊS (Mn)	1.300,000 mg
ZINCO (Zn)	2.700,000 mg
COBALTO (Co)	44,000 mg
SELÊNIO (Se)	17,000 mg
IODO (I)	41,000 mg
FLÚOR (F) (MÁX)	0,800 g
SOLUBILIDADE DO FÓSFORO (P) EM ÁCIDO CÍTRICO A 2%: (MÍN.) 90%.		

PRODUTOS DE CONFIANÇA

AZEVEDO, BENTO S.A.

COMÉRCIO E INDÚSTRIA

QUALIDADE DESDE 1855

Rua Voluntários da Pátria, 2432 - CEP: 90230-010 - Fax: (051) 222.6432 - Fones: (051) 222.2452 - 222.2359 - Telex: (51) 52.0594 - Porto Alegre - RS

NOVIDADE

Os russos vêm aí



Fotos: Bruno Romallo

Primero foram colhedoras de algodão russas. Depois, chegaram ao mercado brasileiro os automóveis. Agora, são os tratores que estão se infiltrando pela lavoura, lenta mas irremediavelmente. A invasão começou no final de março, quando a pequena Roca Sales, no interior gaúcho, foi tomada de assalto por 19 tratores Belarus, como se fossem blindados numa operação do Exército Vermelho na ex-União Soviética.

Direto de Minsk, capital da Bielorrússia, os tratores da Belarus Tractor Works — maior fabricante do mundo, com 100 mil unidades produzidas ao ano, ou 400 por dia — chegam ao Brasil com a pretensão de incomodar as montadoras locais. Numa faixa de potência que vai de 65 a 105cv, e com preços variando de US\$ 17,5 mil a US\$ 34 mil, em três modelos básicos, estes primeiros já chegaram vendidos, mas a meta do presidente da Belarus Brasil S.A., Luiz Sérgio Krause, é importar cerca de 55 unidades mensais até o fim do ano, somando 500 exemplares. “No segundo ano, esperamos trazer 800 e, no terceiro, 1200 tratores, conquistando, então, 3% do mercado brasileiro, que absorve 36 mil unidades por ano”, disse ele.

Para assegurar esta fatia, destacou Krause, a Belarus brasileira conta com o preço do produto (30% a 40% mais baixo que os similares nacionais) e o reconhecimento, por parte dos agricultores, do ponto alto da máquina: sua rusticidade,

O maior fabricante de tratores do mundo desembarca no Brasil apostando na rusticidade de suas máquinas

João Paulo Uriart

de, o que pode traduzir-se por menos gastos com manutenção. No Uruguai, onde chegaram há quatro anos e onde conseguiram abocanhar 20% das vendas em 94, “os produtores rurais se convenceram que é mais importante ter um equipamento resistente que sofisticado”, comentou Juan Angel Viazzi, diretor da TecnoSur Agrícola y Vial, firma que representa a marca naquele país.

É do Uruguai, aliás, que os tratores Belarus são enviados para os demais países do Mercosul, através da zona franca do porto de Nueva Palmira. Lá existe um depósito com estoque permanente de 300 a 400 tratores, sendo distribuídos para o mercado local, para a Belarus Argentina



e para a empresa brasileira, que também se encarregará do mercado paraguaio. Os tratores possuem tecnologia 100% russa, e são comercializados com um ano de garantia ou mil horas de uso. Para oferecer assistência técnica permanente, um centro de treinamento foi montado em Roca Sales, com dois engenheiros da matriz capacitando mecânicos da rede distribuidora que está sendo credenciada.

Neste momento, 20 revendas já estão cadastradas, no Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, região prioritária da Belarus brasileira. “No segundo ano, pretendemos ter 50 revendedores e 80 no terceiro, incluindo São Paulo, Minas Gerais e Goiás”, informou Krause, admitindo que, como qualquer novidade, a dificuldade maior será difundir a marca no mercado nacional, acostumado a trabalhar com uma oferta reduzida de marcas. “Vencida esta resistência inicial, vamos tomar o mercado como espalhamos vodca e caviar por todo o planeta”, brincou Iuri Fomitchev, presidente da Beltrade S.A., uma corporação que cuida dos interesses comerciais de 50 indústrias bielorrussas, ao lembrar que a Belarus exporta mais da metade de sua produção para 85 países, entre os quais os Estados Unidos, que compram de 6 a 7 mil unidades anuais e é tido como o país mais exigente no setor. 

Krause, da Belarus: queremos 3% do mercado

Pontos altos da máquina

* Volante regulável na altura e na posição

* Hidráulico de dupla ação com força de levante/descida de 2800 kg

* Tomada de potência com embreamento independente e rotações de 540 e 1000rpm

* Seis saídas para tomadas hidráulicas traseiras e dianteiras

* Vão livre sobre o solo de 565 a 645 mm, na dianteira, e de 410 a 465mm na traseira, dependendo do modelo

* Pára-lamas dianteiros e chassi estrutural

* Compressor de ar standard

* Eixo dianteiro com amortecedor por molas helicoidais

* Tração dianteira automática

* Os três modelos hoje disponíveis (600, 850 e 1000) são oferecidos nas versões simples ou tração 4 x 4, com teto ou cabinados com ar-condicionado. O distribuidor brasileiro também oferece o modelo 500 e lançará, em breve, o modelo 210-220, com potência de 21cv.

* Para mais detalhes, os telefones da Belarus do Brasil são (051) 753.1290, 753.1329, em Roca Sales, ou o fone/fax (051) 346.3493, em Porto Alegre.

Goiás fica mais verde

O lucro com o cultivo de hortaliças afasta o boi da paisagem de São Luiz de Montes Belos

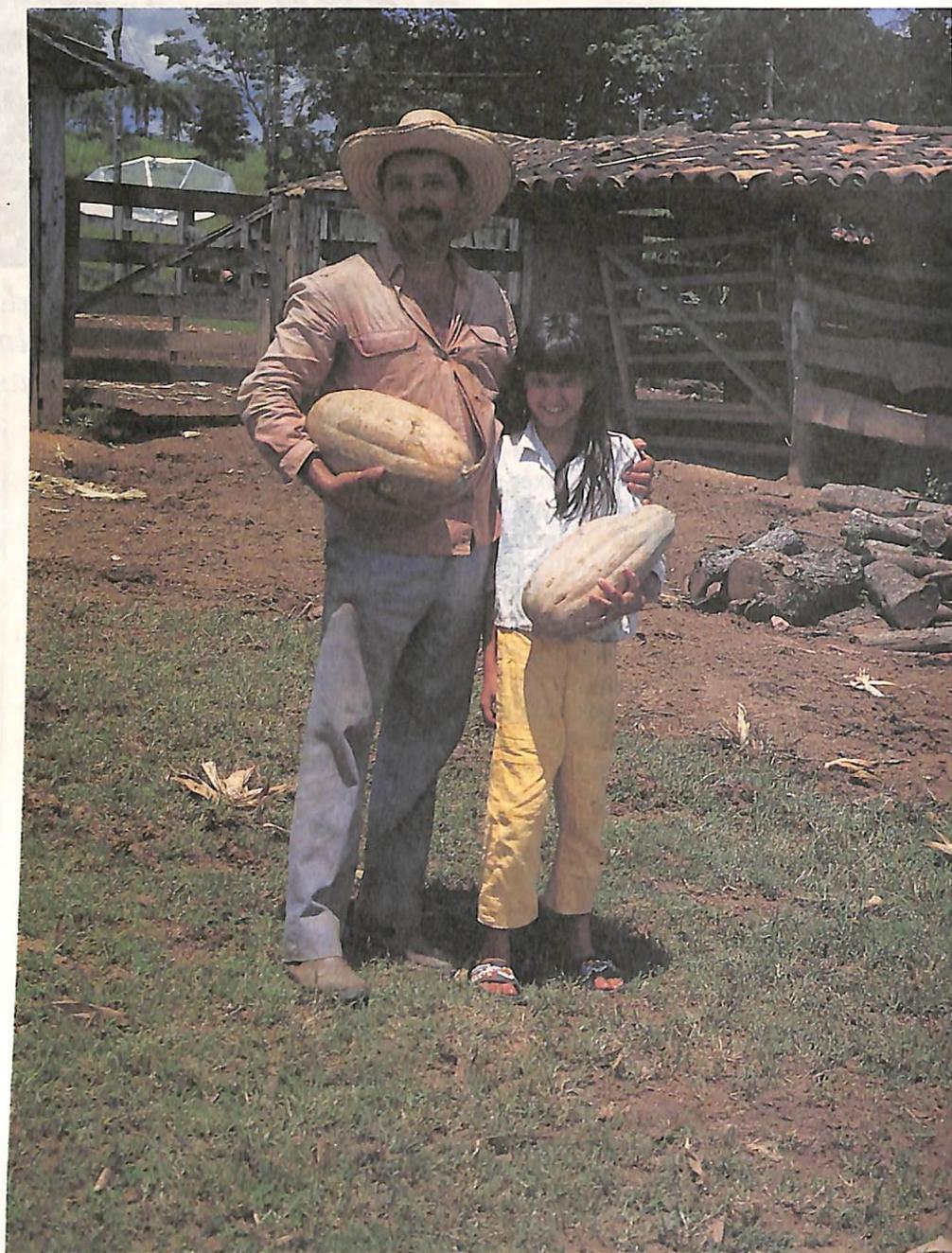
Texto e fotos de Wandel Seixas

São Luiz de Montes Belos, a 120 quilômetros de Goiânia, está causando uma verdadeira revolução em seus costumes tradicionais, ao adotar tecnologias adequadas à produção, sobretudo por introduzir hortaliças nos campos de cerrados e ocupar o lugar das pecuárias de corte e de leite. Quando se partiu para a criação do Programa de Estímulo à Agropecuária, contando 12 projetos direcionados às famílias rurais, muitos riram da proposta, que no fundo significava mudanças substanciais na principal atividade econômica do município.

Incluído no programa global de estímulo à agropecuária, o Projeto de Apoio à Produção e Comercialização de Hortifrúteis apresenta, poucos meses depois, os primeiros resultados alentadores, reduzindo os sorrisinhos maliciosos de alguns, que torciam para o insucesso do plano.

“Quem ficou de fora, caiu do cavalo”, lembra o produtor Écio Potenciano da Costa, um jovem de 32 anos que dirige a Associação Montebelense de Horticultores, entidade que já congrega 43 associados. Esta iniciativa, fruto também de uma parceria entre a prefeitura e a Emater/GO, já é responsável pela geração de 312 empregos diretos naquela região, situada ao oeste do estado.

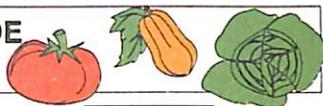
Só a título de exemplo, o município contabilizou, na última safra, quase três mil caixas de tomate. “Isto é muito, para quem não produzia um pé de alface sequer”, comemora Écio, observando que São Luiz passou da condição de importador a exportador de frutas e hortaliças.



Esta alavancagem teve, é claro, a mão da prefeitura, que adotou um fomento adequado, deixando de cobrar dos hortifruticultores a operação dos tratores no preparo da terra. Se fosse pagar, o produtor teria que desembolsar R\$ 15,00 a hora. Segundo o prefeito Hamilton de Brito, este incentivo “vale a pena, porque contribui para o aumento da produção, para a diversificação de culturas e, ainda, para a fixação do homem no campo”.

Qualidade — O produtor Jadir Casiano Dutra, junto com sua família, produziu, na última safra, 430 toneladas de melancia, na comunidade de Brasilândia. Na sua avaliação, as terras são de ótima qualidade e livres de pragas e doenças. A terra, que era improdutiva ou reservada ao gado em criações extensivas, hoje chega a ser alugada. Pedro Faleiros não se arrepende de haver locado um pedaço de sua propriedade para Apolinário Lo-

A HORTA DE SÃO LUIZ



TOMATE	2.977 caixas	JILÓ	548 caixas
MELANCIA	512.200 kg	ABÓBORA COMUM	1.270 caixas
PEPINO	5.654 caixas	ABÓBORA CABOTIA	350 caixas
PIMENTÃO	1.250 caixas	ABOBRINHA	856 caixas
QUIABO	1.792 caixas	REPOLHO	876 sacas

pes da Silva. Na área de quatro hectares, Apolinário cultiva o correspondente a duas mil caixas de cará, envia mensalmente 50 caixas de jiló para a Ceasa de Goiânia e comercializa pimenta-malagueta e de bode com empresas paulistas e goianas. Quinze por cento da renda obtida com a venda dos hortigranjeiros vai parar na mão do dono da terra. 

Dá até para comprar parabólica

Eurípedes Tomás de Oliveira, 50 anos, foi oleiro durante 35 anos. Em 1993, tinha uma pequena horta em frente a sua casa, de mais ou menos 2000 metros quadrados. Em 94, em função da parceria entre a prefeitura e a Emater, dobrou a área cultivada e abandonou definitivamente a olaria. Plantou melancia e colheu 80 toneladas, vendidas na região a um preço de R\$ 0,90 o quilo, o que o levou a comprar o seu primeiro automóvel, embora usado.

Outro exemplo de sucesso é o de José Marinho de Castro (na foto de abertura), da Fazenda São Bento. Ao lado da mulher e três filhos, Mari-

nho cultiva 32 hectares de milho verde, melancia e outros produtos hortícolas. O lucro da última safra lhe permitiu vários investimentos na propriedade, como um conjunto para irrigação, adquirido por R\$ 8 mil. Para aprimorar seus conhecimentos, fez alguns cursos na Emater. "Graças a esses ensinamentos consegui introduzir a lavoura irrigada que, ao invés de uma colheita, me dá três e meia". A horticul-

tura lhe permitiu, até, instalar uma antena parabólica em seu rancho. "É para a gente ver a novela", explica cheio de satisfação, embora a casa da fazenda seja de chão batido.



Eurípedes: olaria nunca mais

Guarany

M. R.

A MAIS COMPLETA LINHA DE PULVERIZADORES



Pulverizadores de Compressão Prévia Super 2

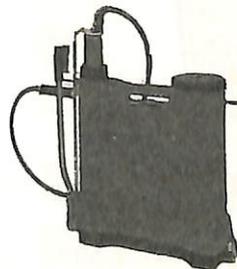
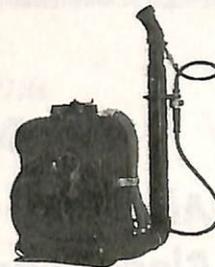
- especialmente projetado para a área de saúde pública no combate às endemias



Leves, robustos, versáteis, eficientes, estas são apenas algumas características que destacam ampla linha de pulverizadores Guarany para a área de saúde pública, agricultura, jardinagem e indústrias, em todo País. Produzindo e pesquisando há mais de 40 anos, a Guarany tornou-se sinônimo de qualidade, tendo fornecido milhares de produtos para clientes no Brasil e no exterior.

Atomizador Costal Motorizado ULV

- atomiza, polvilha, semeia, lança-chamas e combate pequenos incêndios.



Pulverizador Costal Simétrico

- tecnologia de última geração
- uso geral na agricultura e jardinagem

Pulverizadores de Alta Pressão

- jato contínuo para pulverização de agroquímicos em geral
- indicado para jardinagem, horticulura, sanitização e agricultura.



Lurmark

- A maior gama de pontas e acessórios para pulverização.
- Pioneira mundial na fabricação de pontas em Kematal® (Poliacetal de última geração). Distribuído no Brasil pela Guarany.



INDÚSTRIA E COMÉRCIO GUARANY S.A.

Av. das Nações Unidas, 13.797 - Bl. II - 15º andar - Morumbi
CEP 04794-000 - São Paulo - SP

Tel.: (011) 533-3601 - Fax: (011) 533-4565

LINHA DIRETA AO CONSUMIDOR

 (011) 533-3601

EXPO CORTE

EXPOSIÇÃO DAS RAÇAS BOVINAS DE CORTE - 95

21 DE JUNHO A 2 DE JULHO

Agrocentro

(Parque da Água Funda - SP)

São Paulo Será Palco do Maior Evento da Pecuária de Corte Nacional

RAÇAS PARTICIPANTES:

<i>Aberdeen - Angus</i>	<i>Nelore Mocho</i>
<i>Blond D'aquitaine</i>	<i>Mocho Tabapuã</i>
<i>Brangus</i>	<i>Pardo Suíço</i>
<i>Canchin</i>	<i>Piemontes</i>
<i>Chianina</i>	<i>Santa Gertrudis</i>
<i>Limousin</i>	<i>Simbrasil</i>
<i>Nelore</i>	<i>Simental</i>

Julgamento
Leilões
Palestras
Shows

Tel. Departamento Comercial : (011) 279-4158

Tel. Departamento Técnico : (011)872-04 20

ORGANIZAÇÃO:



É hora de pôr as cartas na mesa



Fotos: Antônio Sanches

Um esporte milenar como a caça não pode ser tratado de forma displicente pelas autoridades. Neste sentido, o Rio Grande do Sul tem muito a ensinar: foi o único a criar uma regulamentação

Carolina Bahia

Depois de dois anos sem ter um bom período de caça no Rio Grande do Sul, 1995 premiou os caçadores com boas novas. Primeiro, foi a liberação da caça ao javali, espécie exótica que vinha apavorando os produtores rurais da fronteira. Agora, está tudo pronto para a tradicional temporada de caça às aves. Como o estado do Sul é o único do país onde esta prática é permitida, a Federação da Caça e Tiro está esperando neste ano cerca de 8500 esportistas. Os caçadores se preparam para abater a marreca piadeira, a caneleira, o marrecão, a pomba-de-bando, o pombão, a perdiz e a

lebre (único mamífero da temporada). Todos estes são animais exóticos que, por comprometer a reprodução de animais nativos ou serem verdadeiras pragas para as lavouras gaúchas, entram na lista dos caçáveis. Todas estas informações são adquiridas através de pesquisas que, depois de receberem o aval do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Renováveis), se transformam em portaria, permitindo o abate de uma quantidade limitada de animais por pessoa. Isto não quer dizer que nos demais estados da Federação se deixe de caçar em respeito à falta de jurisdição. A única e

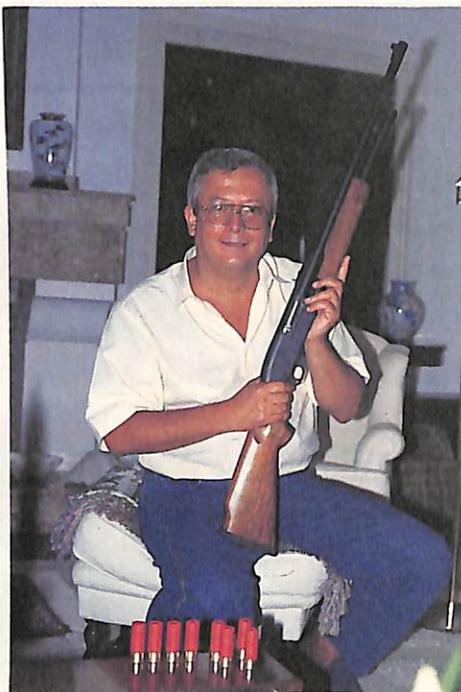
grande diferença é que nestes casos a fauna está sendo prejudicada, bem como o sólido mercado que gira em torno deste esporte mundial e milenar.

Não existe caçador ou profissional ligado a este esporte que desconheça a caça ativa por todo o Brasil. Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e São Paulo são os estados que mais sofrem com este tipo de atividade absolutamente ilegal. Apesar de inexistir leis sobre as caças nos demais estados, se alguém for encontrado com qualquer animal abatido corre o risco de ser preso por crime inafiançável. "Costumamos dizer que é mais fácil

matar o guarda florestal do que os animais”, brinca Marco Salvany, diretor da Companhia Brasileira de Cartuchos (CBC). Salvany acredita que existe basicamente um motivo para que a caça não seja legalizada de vez por todo o país: o emocional. Isto quer dizer que a sociedade urbana não tem idéia do real sentido da caça regulamentada, de tal maneira que o defensor desta bandeira acaba se tornando impopular. Segundo o presidente da Federação Nacional de Caça, Ricardo Freire, a situação da caça, no Brasil, não é das melhores. A não regulamentação da prática de caça em quase todos os estados do país, é uma fonte de desperdício dos recursos naturais.

Por sua vez, João Luiz do Nascimento, biólogo responsável pelo Cemavi (Centro de Pesquisa para Conservação de Aves Silvestres) avisa que de nada adianta liberar a caça se não existe nenhuma estrutura de pesquisa. “É preciso, antes de mais nada, investir no controle da fauna de cada local. Nos países onde a caça é liberada existem regras fixas para estes esportes”, lembra. Segundo a bióloga do Cemavi, Inês Figueiredo, que pesquisa as condições das espécies de aves em todo o país, o estado que mais caça é São Paulo, seguido de perto pelos estados do Nordeste. Mas com uma grande diferença: em meio à miséria das caatingas, o nordestino caça para a sua própria subsistência ou até para vender o produto em feiras livres, onde pequenas aves são salgadas e oferecidas para serem consumidas como petiscos; já no Sudeste, a atividade é feita apenas por esporte. “Como oficialmente as caçadas são proibidas não temos como controlar estas espécies. Algumas começam, inclusive a entrar em processo de extinção”, avisa.

Pró-Fauna — No Rio Grande do Sul, depois de muita polêmica em cima da caça, a Federação de Tiro e Caça, através do Projeto Pró-Fauna, criado em 1984, conseguiu organizar o esporte e levantar fundos para manter a pesquisa. Através de uma campanha, foram vendidos adesivos, camisetas e bonés. Com o resultado, foi possível comprar barcos e materiais para auxiliar a Fepam e a Fundação Zoobotânica nos estudos e nas fiscalizações. Atualmente, a pesquisa está por conta de uma empresa privada, a Vida Ativa, dirigida pela bióloga Walkíria Tabora, que presta serviços para a Fepam, já que a Fundação alega não possuir pessoal técnico capacitado para o serviço. Durante todo o ano, uma equipe que varia de três a sete pessoas, realiza o anilhamento das espécies das regiões dos banhados, o senso e o histórico dos animais.



Salvany: o emocional atrapalha

Em 1993, alegando falta de dados da pesquisa, culminando com a greve do Ibama, o deputado gaúcho, Beto Albuquerque propôs o fechamento da caça. Só em 1994, os desportistas gaúchos conseguiram um mês de caça. “Não chegou a 1500 caçadores, enquanto que em 91, o estado contou com sete mil”, contou Valéria. Os biólogos que trabalham neste meio, encaram a caça como uma maneira de, até mesmo proteger as espécies.

Eles garantem que se as determinações das pesquisas são seguidas, as fases de reprodução dos animais são respeitadas. Entretanto, a caça furtiva (também praticada no estado), principalmente a do marrecão, é prejudicial e destrutiva.

Rendimentos — Por trás de toda a preocupação com a natureza, existe o lado financeiro do processo. Segundo Salvany, a CBC foi fundada em 1925 em função do mercado de caça. Hoje, este seguimento não chega a 3% do faturamento da empresa. “Acabamos voltando o nosso negócio para a defesa pessoal”, confessa. Entretanto, a CBC e a ABC estão trabalhando em um lobby junto ao Congresso Nacional, buscando leis que definam a situação da caça no país. A caça e a pesca movimentam no Brasil cerca de 50 bilhões de dólares ao ano, com 1500 lojas de munição espalhadas pelas mais diferentes regiões. Segundo informações da Associação Brasileira de Caça e Conservação, na Europa, cada caçador gasta para exercer sua atividade cerca de US\$ 1000/ano; dos quais US\$ 200 em equipamentos e US\$ 400 com seu cão de caça. No Brasil, isto representaria cerca de US\$ 1,4 bilhão injetados no mercado. Na Europa, cada 100 caçadores geram 1,53 empregos. Nos municípios do sul, 4000 funcionários vivem em função das 1200 lojas de acessórios.

Por outro lado, Salvany admite que, para muitos caçadores, a legalização da caça não interessa. Pois em sistemas organizados como nos Estados Unidos e na



Portal, o caçador (à esquerda): o javali, agora, é praga



Parlatto: o prazer da caça não tem preço

Europa, existe uma alta incidência de impostos, que por sua vez sustentam a estrutura dos parques florestais e dos guardas. O imposto de orelha, como é chamado nos Estados Unidos, chega a render para o país mais de 5 bilhões de dólares/ano. Para a própria CBC a situação mudou. Na década de 50, a caça representava cerca de 30% das vendas da CBC. Hoje, este número não passa de 5%. As vendas de cartuchos e espingardas estão por conta da defesa pessoal.

A força da Associação Brasileira de Caça e Tiro já foi bem maior do que é hoje. Atualmente, ela conta com cerca de 25 mil nomes no cadastro, mas a estimativa do presidente é que existam 3 milhões de caçadores em todo o país. Ou seja, a maioria destes caçadores, dentro do Brasil, só tem uma opção de caça regulamentada: o Rio Grande do Sul. Geralmente, eles preferem fazer grupos de Safári para a África, a Argentina e o Uruguai, locais onde existem regras específicas para a prática. Freire informa que uma empresa francesa de Turismo, em época de caça, freta aviões para o Uruguai. E os poucos hotéis existentes na região de caça no sul lotam nos meses de junho a agosto, liberados para a caça.

Ritual— A caçada é, antes de mais nada, um ritual. Esta é a idéia do presidente da Federação Gaúcha de Caça e Tiro, Antônio Parlatto, que defende a caçada como uma forma de conviver com a natureza, reunir os amigos e por último, e como consequência de todo o processo, o abate do animal. Há mais de nove anos Parlatto possui uma casa e um ter-

reno arrendado em Mostardas, a 160 quilômetros de Porto Alegre. É no Rancho do Sossego, de 20 hectares, que ele passa os períodos de caça com os três cachorros Bretões, entre eles, a cadela Laika, que durante o ano é mantida em um hotel especial para cachorros. Deste momento participam os seus filhos e a sua esposa. Parlatto, como bom descendente de italianos, caça desde garotinho e tem

preferência por aves, em especial a perdiz.

O presidente ainda acrescenta que os grandes banhados do Rio Grande do Sul só existem graças ao caçador. Como a tendência dos proprietários destas áreas é drenar as terras improdutivas para plantar arroz ou criar gado, o caçador arrenda os banhados para garantir o habitat das aves de caça. Grupos de esportistas se reúnem e pagam somas consideráveis pelo direito de caça nestas áreas, evitando a sua destruição. Com isso, espécies envolvidas ou não em caça asseguram o seu habitat, garantindo a sobrevivência com alimentação adequada, descanso e reprodução.

Ele gasta em torno de R\$ 300,00 por fim-de-semana. "Não interessa a despesa. O prazer na caça não tem preço", confessa. Ele afirma que, só no Rio Grande do Sul, o mercado da caça abriga mais de 4000 funcionários e mais de 1200 lojas especializadas. O estado conta com 131 clubes de caça, espalhados pelos municípios.

Febre do javali — A mais nova febre no mundo da caça é o javali. Proveniente do Uruguai, de onde escapou das fazendas de caça, vieram para as propriedades da fronteira. Nesta época, foram registrados cerca 328 indivíduos abatidos clandestinamente e a população estimada foi de 2000 animais. Desde 1991, o crescimento populacional do Sus scrofa vem aumentando e vários acidentes

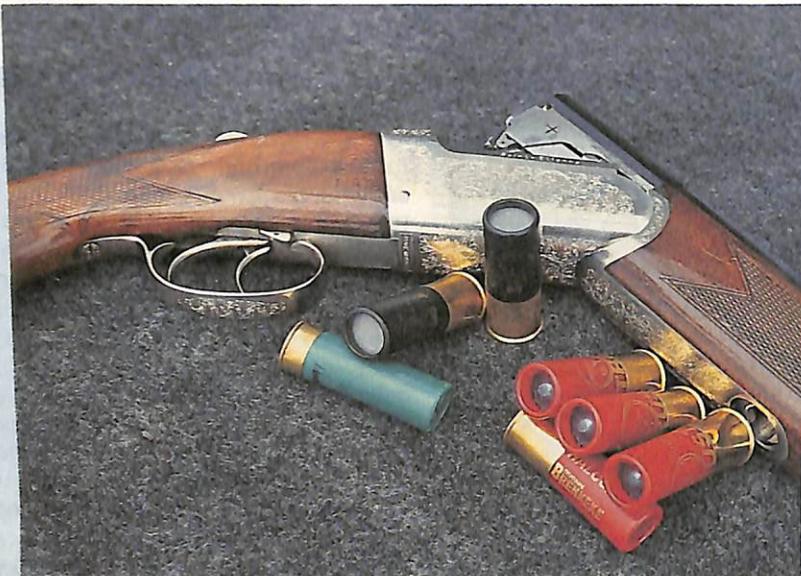
O melhor amigo do homem

Há 20 anos, Manoel Homero Mendes Portal treina cães para caça. Caçadores de todo o país levam os seus cachorros a Porto Alegre, no bairro Jardim Botânico, onde mora seu Homero, e deixam os animais sob os seus cuidados. Ali, os animais permanecem cerca de um mês nos canis, praticando exercícios diários nos campos e nos arredores da cidade. "Se for um animal inteligente, fica pronto para o campo em 15 dias", avisa Homero. Ele garante que se for o único adestrador, entrega um animal perfeito para a prática de caça às aves.

Para ele, de 5 a 10% do sucesso de uma caçada depende do homem, o resto fica por conta do cachorro, que deve saber buscar e apontar a presa com precisão. Alguns antecedentes são importantes, como ter um cachorro com pais caçadores e iniciar os treinamentos na faixa dos 10 meses de idade. Homero ainda explica que algumas raças se adaptam

melhor a alguns tipos de caças, como é o caso do labrador; indicado para o marrecão, e o pointer inglês, para a perdiz.

Depois de treinar os cachorros com pequenas bolinhas de penas e patinhas de marrecão, acostumá-los com o barulho dos tiros e convencê-los a largar as presas, Homero precisa adestrar os donos. "Algumas dicas são básicas, mas não custa lembrar", explica. O ideal é fazer com que o cão fique colocado contra o vento e corra sempre na diagonal, movimentando-se em zigue-zague. O adestrador já perdeu a conta de quantos cachorros já treinou por todo o país, mas calcula que esteja perto dos 10 mil. Apesar disso, lembra o nome de cada um e guarda, em álbuns de família, as fotos dos seus pupilos. Não é por nada que ele guarda com orgulho os inúmeros troféus de campeão das provas de adestramento que já participou ao longo da sua carreira.



Quem gosta, tem que gastar

Um armamento adequado é essencial para o bom desempenho do caçador. Em princípio, em termos de armas de caça, cada caçador tem direito a possuir dois rifles cano longo serrado e dois cano longo liso, registrados oficialmente. Segundo dados da CBC (Companhia Brasileira de Cartuchos), que também comercializa ar-

mas, uma arma na loja custa em torno de R\$ 700,00 a R\$ 800,00 e uma caixa com 25 cartuchos está na base de R\$ 9,00. Pelas contas de Parlatto, um caçador para ficar bem equipado gastou em média R\$ 3500,00, contando os blusões, a manutenção do carro (geralmente uma camionete) e uma boa arma.

vem acontecendo, principalmente em lavouras de milho no município de Herval onde muitos fazendeiros estimaram suas perdas em 40% no ano de 1994. Estas declarações levaram o Ibama a realizar três expedições no ano de 1994, para avaliar a população de javalis, sua dispersão para o interior do Estado, suas consequências e possível controle dos mesmos para evitar maiores prejuízos.

Segundo a Fundação Estadual de Proteção Ambiental (Fepam), o javali é um animal tímido. Na Europa, de onde é originário, convive com a presença do homem próximo aos núcleos urbanos, mas raramente é visto devido aos seus hábitos noturnos. A timidez só desaparece

quando ele se sente ameaçado ou quando a fêmea defende os seus filhos. A Fepam avisa que o ataque do javali pode ser muito perigoso, pois é direto e frontal. Sua dentadura é composta por 44 dentes, entre eles dois caninos, que tomam a forma de presas. A grossa camada de gordura que cobre o peito e os quartos dianteiros do animal atua como blindagem protetora das mordidas dos cães e dos tiros.

Classificado como praga, o javali é alvo de uma caça de extermínio. O objetivo da atual temporada de caça é controlar ou extinguir toda a sua população em solo gaúcho. Os javalis encontrados no Rio Grande do Sul atingem até 150

quilos de peso em idade adulta e medem 1,30 metro de comprimento e cerca de 0,70 de altura. A portaria do Ibama, que autoriza a caça ao javali, diz que os animais abatidos devem chegar completos aos postos de fiscalização para serem examinados. Outra preocupação dos técnicos da Fepam e também das organizações não-governamentais ambientalistas é que caçadores se utilizem da temporada de caça do javali para abaterem outros animais, como a capivara (mamífero que tem a sua caça proibida por lei).

Para ser um caçador de javali, antes de mais nada, o esportista deve fazer um curso. No Rio Grande do Sul e em São Paulo quem ministrou estas aulas foi o ex-guia de caça da Argentina, Álvaro Mouawad. Hoje, ele se dedica exclusivamente ao mundo da pesca, mas pela sua experiência com animais de grande porte foi contratado para ensinar aos inexperientes brasileiros os segredos de se rastrear e abater um mamífero de grande porte. Acostumado a caçar pumas, javalis e veados, Mouwad sempre alerta os caçadores que antes de mais nada é preciso ter um bom cachorro, de preferência da raça dogo argentino (uma mistura de raça criada exclusivamente para exercer este papel). São necessários de três a quatro cachorros e um conhecimento razoável sobre as características das pegadas do animal e dos seus hábitos.

Ele confessa que a caça do javali se diferencia dos animais de pequeno porte. O esportista precisa ter paciência, rastrear o animal e deixar os cães seguirem os seus instintos. Como o dogo alemão é específico para este esporte e se caracteriza por ser extremamente violento, aconselha-se a não deixá-lo em lugares fechados com outros cães, pois podem se matar. Ao avistar a presa, saltam sobre ela de tal forma que muitas vezes acabam feridos e até mesmo mortos. Nesse momento, o caçador deve ter habilidade suficiente para abater a presa sem atingir os cães. 🐾

Pump CBC 12



A arma ideal para caça.



Companhia Brasileira de Cartuchos

Av Humberto de Campos 3220
09400 000 Ribeirão Pires SP
Tel 011 742 7500
Fax 011 742 6099

A ADQUIÇÃO DE ARMAS E MUNIÇÕES DEPENDE DE REGISTRO CONCEDIDO POR AUTORIDADE COMPETENTE E SUA UTILIZAÇÃO EXIGE TREINAMENTO E EQUILÍBRIO EMOCIONAL. GUARDE ARMAS E MUNIÇÕES EM LOCAL SEGURO E FORA DO ALCANCE DE CRIANÇAS

Convênio contra as perdas

Todos os anos, nas várias etapas do processo produtivo e de comercialização, apenas em produtos como soja, trigo, arroz, feijão e hortigranjeiros, o país contabiliza perdas superiores a US\$ 2 bilhões. Estes dados alarmantes, fornecidos pelo Ministério da Agricultura e Reforma Agrária, significam um desperdício de cerca de 10% do PIB agrícola, estimado em US\$ 30 bilhões. Somente em relação à soja, os números do Centro Nacional de Pesquisa da Soja (CNP-Soja), de Londrina/PR, apontam perdas de um milhão e meio de sacas a cada safra, o equivalente a 600 mil toneladas de proteínas, ou US\$ 230 milhões. Com o objetivo de reverter este quadro, no que se refere aos fatores de operação e regulação de máquinas, foi renovado o convênio de cooperação entre o CNPSoja, da Embrapa, e a SLC, de Horizontina/



RS, tradicional fabricante de colhedei-
ras de grãos. Desta forma, com técnicos e
metodologia da Embrapa e apoio logís-
tico da SLC e seus concessionários, agri-
cultores de diversos pontos do país estão
tendo acesso aos cursos práticos e teóri-
cos sobre como evitar perdas na hora da
colheita. Além do treinamento e das ori-
entações, os participantes ainda recebem
o Manual do Produtor, com todo o de-
talhamento dos processos antidesperdi-
cio.

A metodologia do Centro, para apu-
rar perdas, consiste em amostragem no
terreno onde a colhedeira está operando,
quando um copo medidor determina, pe-

los grãos deixados no solo, o prejuízo por
hectare. Pelo último levantamento da
Emater, realizado no Paraná, foi consta-
tado que apenas um quarto dos produ-
tores registravam perdas consideradas acei-
táveis pelos padrões internacionais, de
até um saco por hectare.

Frota sucateada — Os técnicos da
Embrapa e da Emater também constata-
ram que, além dos descuidos com as
máquinas em termos de manutenção e
operação, o sucateamento da frota reper-
cute negativamente na produtividade. É
que grande percentual das colhedei-
ras em atividade no país tem mais de 10 anos de
funcionamento.

IPACOL®
QUALIDADE EM MÁQUINAS
AGRÍCOLAS

**DISTRIBUIDORES
DE ADUBO**

LÍQUIDO



SECO, LÍQUIDO, CALCÁRIO E GRANELEIRO
(CARACOL)



SECO E CALCÁRIO
(ESTEIRA)



PÁ CARREGADEIRA TRASEIRA



PARA VOCÊ PRODUZIR E PRESERVAR

Rod. RST 470 km 108 - Veranópolis - RS Fone/Fax - (054) 241.1626
Vendas RS (054) 242-2058 - Outros estados (054) 241.1626 ou 2317

MECANIZAÇÃO

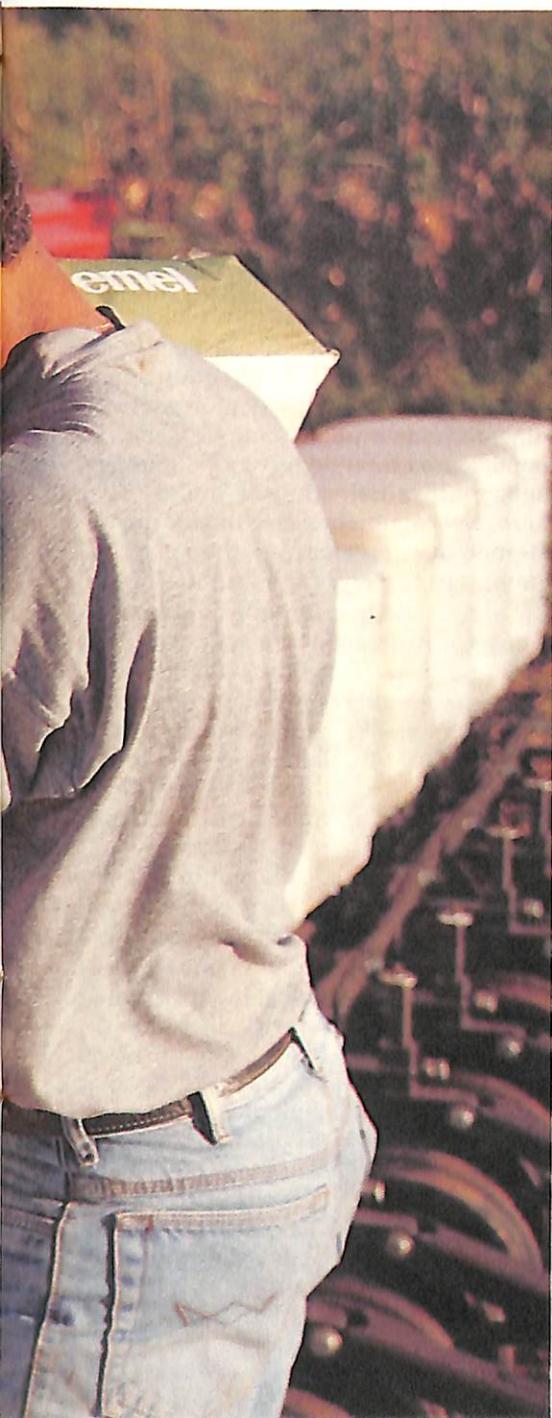
Semeia melhor quem con

As semeadoras/adubadoras são equipamentos essenciais na implantação das culturas. Preste atenção na sua máquina



hece a tecnologia

Moisés Storino



Fotos: Fernando Candiotto

O crescimento das áreas de plantio e a escassez de tempo para a realização das operações agrícolas, principalmente em regiões de clima temperado, onde o inverno rigoroso limita o tempo disponível à agricultura, fizeram com que o homem do campo lançasse mão de ferramentas que o auxiliasse na ocupação de suas terras.

Assim, surgiram os primeiros equipamentos utilizados para a semeadura mecanizada, permitindo a ocupação de grandes áreas com culturas de ciclo curto e médio.

No Brasil, o fator de maior propulsão ao avanço das áreas de plantio de culturas de ciclo curto foi o "crack" das Bolsas em 1929, onde novas alternativas, como o algodão e os cereais, foram a tábua de salvação da agricultura brasileira.

Durante e após a Segunda Guerra a demanda mundial de alimentos e matérias-primas forçou a agricultura brasileira a se mecanizar em definitivo, deflagrando um processo irreversível que hoje coloca o país como detentor de tecnologia de ponta em agricultura tropical.

Os primeiros equipamentos de semeadura mecanizada foram importados dos grandes fabricantes americanos e europeus que viram, e ainda vêem, no Brasil um mercado de grande potencial. Estes equipamentos eram os mesmos utilizados nas condições de clima temperado, mas, ao passar do tempo, vieram as adaptações.

As dificuldades de se importar equipamentos, o crescimento de demanda destes e a expansão da indústria brasileira, principalmente as de base, fornecedoras de matérias-primas, possibilitaram o surgimento das primeiras indústrias brasileiras de implementos e máquinas agrícolas.

Na grande maioria dos casos de caráter familiar, esta indústria ocupa posições de destaque no cenário internacional,

apesar de enfrentar grandes dificuldades e pressões de diversas faces do setor produtivo.

Um outro fator que impulsionou a indústria brasileira de máquinas agrícolas foi a produção de itens de exportação. A partir da década de 70, quando grandes esforços governamentais foram feitos para gerar superávits da balança comercial, a exportação, principalmente de produtos agrícolas, foi bastante estimulada, com incentivos fiscais, creditícios e cambiais.

Em se tratando de produtos de exportação, cabe lembrar que data desta época a expansão da cultura da soja, graças a homéricos esforços da pesquisa agrícola brasileira que desvinculou esta cultura das regiões de fotoperíodo longo, existindo hoje material genético adaptado as mais diferentes condições edafoclimáticas brasileiras.

Já que estamos falando de áreas de plantio, não poderíamos esquecer da "conquista do cerrado" que, deixando de ser apenas uma região de produção extensiva de gado, é produtora de grande parte da colheita de grãos e conseqüentemente grande usuária de semeadoras.

Estes fatores conjugados exigiram das indústrias um incremento tecnológico capaz de aumentar a capacidade operacional dos seus equipamentos implicando em maiores larguras e velocidade de trabalho, sem apresentar falhas nem causar danos às sementes, que a cada dia tem se tornado um insumo de alta tecnologia e, conseqüentemente, de alto custo.

Como foi dito anteriormente, o padrão tecnológico utilizado na agricultura brasileira traz uma forte herança da agricultura do hemisfério norte; portanto, como se podia esperar, começou a mostrar gargalos e até, num certo ponto, tornar a atividade inviável.

Numa procura incessante, pesquisadores e alguns produtores de espírito inovador foram buscar na Europa e nos Es-



Plantio direto: a máquina tem que vencer a palha

tados Unidos uma nova técnica que em diferentes aspectos se casa com as dificuldades brasileiras, trata-se do Sistema de Plantio Direto na Palha.

Cabe citar aqui os principais pontos de interesses desta técnica e prováveis fatores de sua expansão em diversas regiões agrícolas do Brasil e países vizinhos, para as quais somos exportadores de tecnologia.

Compactação, erosão e mineralização. Isto inviabiliza a agricultura

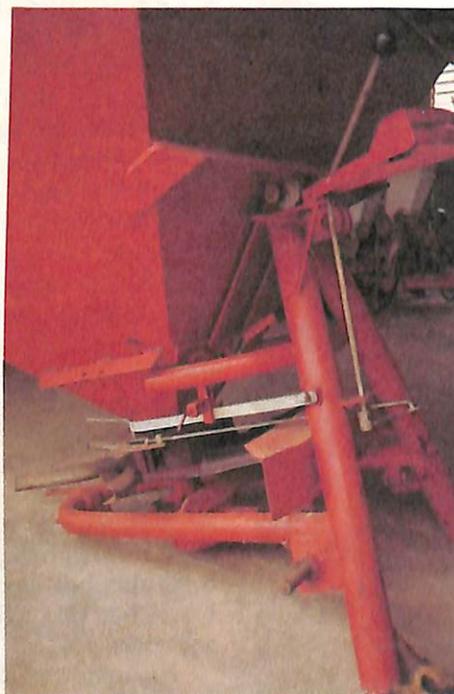
Num primeiro momento, o que quase chega a assustar é a diminuição do número de horas de uso das máquinas por área plantada. Em condições comuns, chega-se facilmente a um terço, porém, seguindo as tendências internacionais de uso de implementos dianteiros em tratores e outros, acredita-se que se possa chegar a um oitavo do uso de máquinas no plantio convencional. Este terço pode ser observado de três diferentes pontos de vista. O mais direto que é o custo/hora dos equipamentos, com todas as suas facetas de custo, combustível, depreciação etc. O menor tempo gasto na implantação das culturas permite até mesmo o aumento do número de safras a cada ano e, talvez o ponto de maior importância a longo prazo, a preservação do meio físico, não somente no aspecto ambiental, mas no que tange à perenidade do uso do solo.

Apenas a título de citação, colocamos três fatores que em pouco tempo invia-

bilizam a agricultura em uma determinada área e que são minimizados pelo plantio direto: compactação, erosão e mineralização. Estes fatores, agindo juntos, já levaram muitos agricultores a habitarem as favelas das grandes cidades.

Em todos os casos explicados acima uma situação é fato: "lucra aquele que faz bem feito". Algumas circunstâncias, normalmente artificiais, como terras a baixo custo, financiamentos paternalistas e seguros facilmente burláveis, podem até mascarar esta realidade. De toda forma, estes fatos, quando eliminados, quebram vários empreendedores, restando apenas aqueles que trabalham sob os moldes empresariais.

A qualidade da operação de semeadura implica num ganho inestimável no processo produtivo agrícola, favorecendo a ocupação efetiva do terreno pela cultura através do stand correto, economizando-se com operações de controle mecânico e químico de mato, melhor aproveitamento dos fertilizantes, proporcionando maior produtividade e melhor utilização da tecnologia empregada.



Semeadora a lanço: para culturas que ocupem todo o terreno

Seguindo a terminologia aconselhada por renomados expoentes da engenharia agrícola e utilizada oficialmente pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), por estar de acordo com a língua portuguesa formal, os equipamentos que fazem a semeadura são as semeadoras. Por isso, a rigor, são chamadas de semeadeiras as pessoas do sexo feminino que fazem a semeadura. Esta formação de palavras se repete para questionar os tipos de máquinas, como adubadoras, capinadoras, roçadoras, colhedoras e outras. Por outro lado, as semeadoras são as máquinas que distribuem sementes, enquanto que o termo plantadora é melhor utilizado para denominar os equipamentos que distribuem material vegetativo, como toletes ou roletes de cana, manivas, estolões e muitos outros materiais capazes de gerar plantas inteiras.

Num primeiro momento, vamos definir os principais tipos de semeadoras, segundo o tipo de distribuição. Basicamente, podemos dividi-los em quatro:

— Um primeiro grupo distribui as sementes em área total e quase sempre na superfície do solo, sendo denominada semeadoras a lanço. São equipamentos destinados a culturas cujo desenvolvimento pode ou deve ocupar aleatoriamente a área total do terreno, como pastagens, arroz irrigado por inundação e outros. Normalmente, este tipo de máquina pode distribuir ou esparramar fertilizantes ou corretivos, sozinhos ou em mistura, desde que tomados alguns cuidados. Considerações consagradas como

adubos fosfatados e sementes de pastagens exemplificam bem este caso. Faremos uma descrição mais detalhada dos mecanismos envolvidos a seguir.

Um outro grupo de semeadoras, talvez o mais conhecido de todos, inclui as semeadoras de precisão, ditas plantadoras ou plantadeiras, onde as sementes são dispostas uma a uma, em espaços pré-estabelecidos. Muito utilizadas por sua versatilidade, ocupando a maioria do mercado deste tipo de equipamento. ▶

Comprove no Agrishow' 95: pra cuidar do verde a força amarela.



No Agrishow' 95, a Valmet mais uma vez coloca à prova toda a tecnologia e versatilidade de seus tratores. Além de assistir a grandes demonstrações de operação, você vai conhecer em primeira mão os lançamentos Valmet que passam a compor a mais avançada linha de tratores do País. Não perca. No Agrishow' 95, o show vai ficar por conta da Valmet. Também pudera. Valmet é o trator da nossa terra.



São denominadas semeadoras de fluxo contínuo aquelas destinadas à distribuição, em linhas, de sementes miúdas, que podem ser distribuídas em grande número por metro linear. São aplicadas no plantio de cereais, como trigo, arroz de sequeiro, aveia, cevada e outros, cujo sistema de perfilamento permite a formação de um renque denso de plantas.

Finalmente, destacamos um grupo menos conhecido, utilizado para distribuir sementes com veículo, indicado para casos especiais como vegetação de rodovias e outros, as quais são denominadas de hidrossemeadoras.

Agora, abordaremos os principais mecanismos dosadores que equipam a grande maioria das semeadoras e adubadoras comercializadas no Brasil. Mecanismos dosadores são aqueles que retiram as sementes do reservatório e as transportam ao mecanismo de distribuição (quando existente) em quantidades pré-estabelecidas.

Primeiro, apresentaremos os dosadores que trabalham limitando o volume de saída utilizadas nas semeadoras de fluxo contínuo.

O mecanismo dosador de sementes e fertilizantes mais rudimentar, porém fornecendo resultados apenas razoáveis, é o do tipo comporta, utilizado hoje em dia, principalmente em adubadoras, na maioria dos casos auxiliado por um agitador.

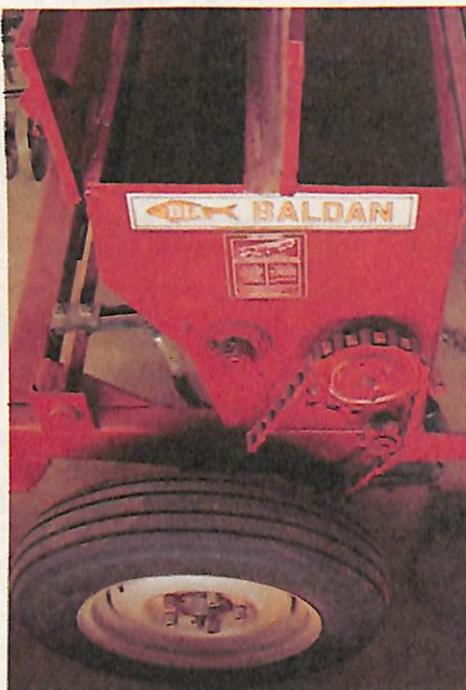
O retor acanalado é o principal mecanismo dosador utilizado em semeadoras de fluxo contínuo, podendo ser usado com fertilizantes. A quantidade dosada varia em função da velocidade dos rotores e do número e volume das canceluras. Sendo a cancelura transversal, a saída é frontal. Para a saída lateral, existem os rotores de canceluras helicoidais (rosca sem-fim).

O dosador do tipo caracol é uma versão mais moderna de rotores acanalados, servindo para as mesmas utilidades, porém com resultados ligeiramente superiores.

Os sulcadores mais comuns são os bico-de-pato, que abrem o sulco em "V"

Os mecanismos citados são todos muito simples, não encarecendo a construção dos equipamentos, mas em alguns casos, deixa a desejar no aspecto de regularidade e economia de sementes.

Outra família de dosadores é a denominada de precisão. Se caracterizam por trabalhar com sementes isoladas ou com pequenos grupos.



Semeadora de precisão: sementes em espaços pré-estabelecidos

Neste grupo, o tipo mais comum é o disco horizontal. O disco possui furos ou alveólos, onde deve se alojar uma ou um pequeno grupo de sementes. As dimensões dos furos, quando adequadas às das sementes, permitem que estas sejam dispostas em espaços pré-estabelecidos ou pelo menos próximos deste. São utilizados para grãos de dimensões maiores, podendo se adequar, com restrições, a sementes miúdas.

O mecanismo dosador de discos inclinados é muito semelhante ao horizontal, trazendo algumas vantagens quanto à regularidade da distribuição, durante o esvaziamento do reservatório.

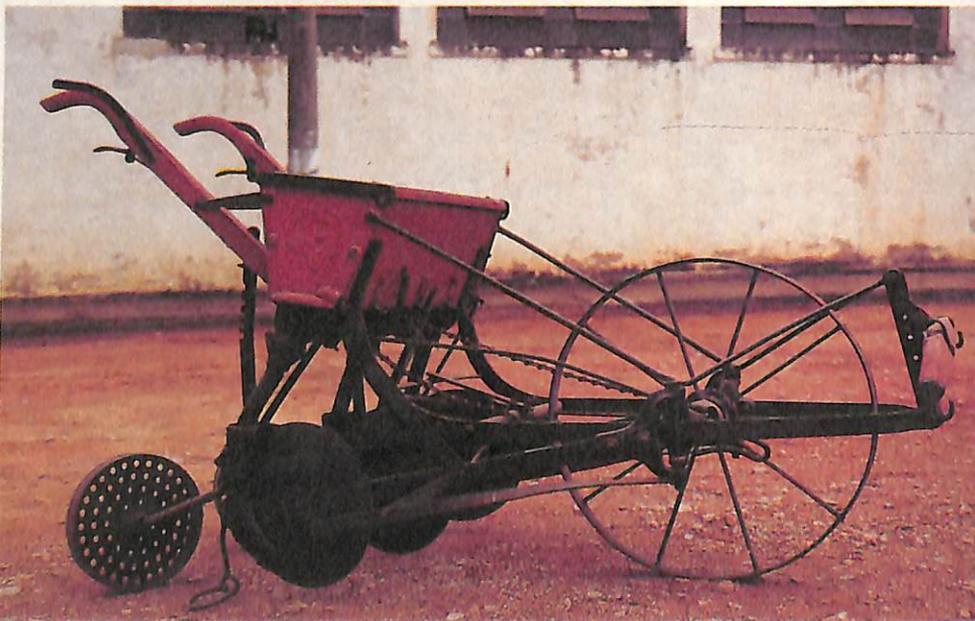
De origem americana, o mecanismo dosador de dedos prensores é um dos sistemas mais eficientes para sementes como milho. Pequenas modificações no formato e pressão dos dedos permitem realizar bons serviços com amendoim, alguns tipos de feijão e outras sementes graúdas.

Proporciona um dos menores níveis de danificação de sementes e não depende de sementes muito uniformes para seu bom funcionamento. Sementes de milho chatas e muito uniformes têm apresentado resultados inferiores ao de sementes dimensionalmente menores. Isto permite a utilização de sementes de menor valor, rejeitadas pelos proprietários de semeadoras com mecanismos dosadores de discos.

Provavelmente, os mecanismos dosadores mais avançados que equipam as semeadoras comercializadas no Brasil são os pneumáticos. Destacam-se dois tipos destes dosadores. Os de pressão positiva empurram as sementes contra os orifícios de um disco-rotor perfurado, ou que ocorre dentro de uma câmara de pressão. No outro caso, um sistema gerador de vácuo succiona as sementes, fazendo com que estas fiquem aderidas ao disco perfurado.

Em ambos os casos, ao girar parte dos discos saem da câmara de pressão ou vácuo e soltam a semente para ser depositada no solo.

Assim, este sistema não diferencia as sementes por seu tamanho, sendo um dos mais versáteis mecanismos dosadores. Para sementes muito miúdas, o disco deve ser substituído por um de furos menores, pois um furo entupido pode representar uma falha periódica ao lon- ▶



Equipamento com mecanismo dosador do tipo comporta, rudimentar

NOSSA ESTRATÉGIA
PARA O FUTURO
É CÓPIA FIEL DA
LEI DA NATUREZA.

PLANTAMOS HOJE, COLHEMOS AMANHÃ.

AQUI A GENTE PLANTA.

Nossos equipamentos são dotados de tecnologia que proporciona maior economia de combustível e energia. Nossos projetos são específicos para cada necessidade e as instalações podem ser fornecidas completas, pelo regime "turn-key". Nossas equipes encontram-se estrategicamente localizadas para vendas, assistência técnica, peças originais de reposição e manutenção preventiva.

AQUI A GENTE COLHE.

Mais do que um nome, uma marca de liderança no mercado de equipamentos e instalações para armazenagem, conservação, transporte, beneficiamento e industrialização de granéis sólidos. Mais do que uma estratégia de ação, uma vanguarda no respeito total ao Cliente e à sua produção.

KEPLERWEBER®

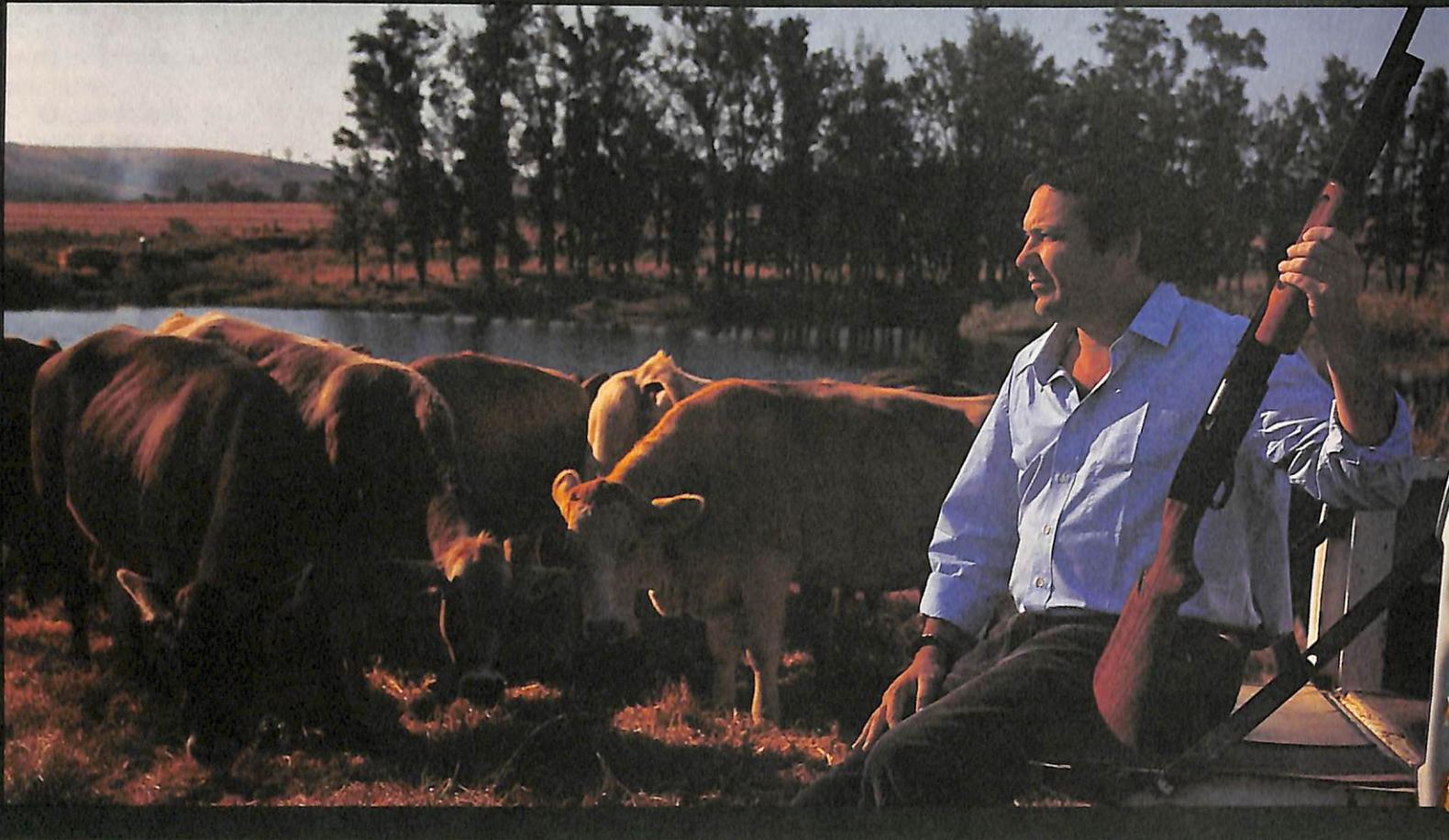
SUA SAFRA MERECE ESTA MARCA



Decidiu comprar uma arma?

PUMP

A arma ideal para defesa da sua fazenda.



A lei permite ter uma Pump na fazenda?

Sim, a Pump é uma arma liberada para uso civil e sua aquisição depende do registro concedido pelas autoridades competentes. Os documentos são os mesmos exigidos para a compra de um revólver ou pistola.

Qual é a munição ideal para a defesa da sua fazenda?

Para a defesa da residência o ideal é o cartucho "Home Load", que é extremamente eficiente a curtas distâncias. Para distâncias longas, existem três opções de cartucho: 3T, SG e Balote.

Ela é uma arma segura?

A Pump vem com um dispositivo de segurança que bloqueia o mecanismo. E uma trava de gatilho que previne disparos acidentais. Mesmo assim, como toda arma, é recomendável que ela seja guardada longe do alcance de pessoas não autorizadas.

É necessário praticar com a Pump?

Como qualquer arma, a Pump precisa ser acionada de 6 em 6 meses para se manter em ótimas condições de uso. E lembre-se: qualquer munição guardada por longo tempo pode eventualmente falhar.



1 Cartucho SG carregado com 9 bacos de 8,40mm.

2 Cartucho 3T carregado com 33 bacos de 5,50mm.

3 Cartucho com projétil singular, balote com 24,8 g.

1

2

3

CBC 12



Para os americanos, a "Pump" calibre 12 é a arma ideal para a defesa da propriedade rural. Ela apresenta muitas vantagens em relação às demais armas, curtas ou longas, as quais exigem muito treinamento para que se atire em momentos de extrema tensão. Já com a **Pump CBC 12**, com um único disparo, pode-se cobrir um alvo, a 10 metros de distância, com centenas de bacos de chumbo, com a munição Home Load, a ideal para a defesa da casa da fazenda. Seus bacos não atravessam portas e paredes, não existindo assim o perigo da bala perdida, evitando que inocentes sejam feridos. Para a defesa do campo, existem três opções: cartucho 3T, carregado com 33 bacos de 5.50 mm (efetivo até 25m); cartucho SG, carregado com 9 bacos de 8.40 mm (efetivo até 35m); ou cartucho com projétil singular, balote com 24.8 g (efetivo até 50m). A Pump possui um dispositivo que permite o descarregamento dos cartuchos alojados no tubo de depósito, mediante recuo da telha. Com isso, os diversos tipos de cartuchos são trocados sem nenhum perigo e com extrema facilidade, fazendo com que a Pump seja extremamente útil na defesa de todos os lugares da sua fazenda. O poder de intimidação da **Pump CBC 12** é tão grande, que muitas vezes o invasor se afasta, evitando o confronto. A **Pump CBC 12**, para maior segurança, vem com um dispositivo que impede seu uso por pessoas não autorizadas. Isso é importante, especialmente para quem tem criança em casa. Existe inclusive um vídeo que ajuda a melhor compreender a **Pump CBC 12**, tornando seu manejo simples até mesmo para quem nunca teve uma arma. A **Pump CBC 12** é versátil, podendo utilizar cartuchos para defesa, competição ou caça. Basta substituir o cano por um de 30 polegadas e ela se transforma numa eficiente arma para tiro ao prato ou caçadas.



Com o revólver ou pistola você só dá **1 tiro** cada vez que aperta o gatilho.



Com a Pump CBC 12 você manda **33 bacos de chumbo**, com um único disparo, utilizando o cartucho 3T.



E com o cartucho "HL" então, o alvo fica inteiramente saturado com **centenas de bacos**.

A AQUISIÇÃO DE ARMAS E MUNIÇÕES DEPENDE DE REGISTRO CONCEDIDO POR AUTORIDADE COMPETENTE E SUA UTILIZAÇÃO EXIGE TREINAMENTO E EQUILÍBRIO EMOCIONAL. GUARDE ARMAS E MUNIÇÕES EM LOCAL SEGURO E FORA DO ALCANCE DE CRIANÇAS.

Quantos cartuchos carrega a Pump CBC 12?

Depende da munição que você escolher.
9 cartuchos "Home Load" ou 8 cartuchos comuns ou
7 cartuchos Magnum.

Ela não é pesada demais?

A Pump tem praticamente o peso de uma espingarda comum.
Existem 13 modelos Pump de vários tamanhos.

A Pump é fácil de limpar?

Você desmonta a Pump para limpeza básica, sem usar qualquer ferramenta, facilitando sua correta manutenção.

Quais tipos de cartucho existem em calibre 12?

O cartucho 12 é um dos mais versáteis que existem, com muitas variações de carga e tamanhos de chumbo.



Companhia Brasileira de Cartuchos

Av Humberto de Campos 3220
09400 000 Ribeirão Pires SP
Tel 011 742 7500
Fax 011 742 6099
Telex 11 44007 CBCA BR

À VENDA EM TODAS AS CASAS DE CAÇA E PESCA.

GRANELEIRA GS 150 - IBL



CAPACIDADES:

Descarga média: 10/12 sacos/min
Comprimento: 4,00 m
Largura: 2,00 m
Altura descarga: 3,30 m
Volume: 11.500 litros
Capacidade: 150 sacos
Sistema de descarga exclusivo IBL

IBL Industrial Busse

Máquinas e Implementos Agrícolas Ltda.
Rua Cel. Jorge Frantz, 845
Telefone: (055)359-1422 - Telex: HIBL 552576
CERRO LARGO - RS

QUEM IMPORTA ? Aquele que desconhece o produto nacional



- Marcador de Linha RM2 para marcadores de linha usados em pulverizadores de plantio direto na palha
- Fabricamos e fornecemos qualquer quantidade do produto sem taxas de alfândega, burocracia, greves, etc.
- 2,5 a 3% de diluição, atóxico e não-corrosivo

QUIMIPAL
Ind. e Comércio Ltda.

Rua Domingos Veríssimo, 167 - Centro - Fone: (055) 322 4680
Fax: (055) 322 3527 - Cruz Alta - RS
Capital Nacional do Plantio Direto Na Palha

go da linha. Já existem mecanismos de segurança que invertem o fluxo de ar para evitar o entupimento. Este mecanismo raramente danifica as sementes.

A velocidade de deslocamento da semeadora, a rotação do disco e o número de furos definem o número de sementes depositadas por metro.

Alguns mecanismos dosadores de fertilizantes, também utilizados em semeadoras, já foram citados anteriormente. Uma característica comum a quase todos os dosadores de fertilizantes disponíveis no mercado é o transporte volumétrico do fertilizante, alterando as taxas de distribuição pela velocidade de rotação e pelo volume dos transportadores. Podemos citar dentre os que possuem estas características os rotadores horizontais dentados e helicoidais, as rosetas, os rotores helicoidais flutuantes e diversas variações destes tipos básicos. Todos estes sistemas têm limitações, devendo-se evitar fertilizantes úmidos e empedrados.

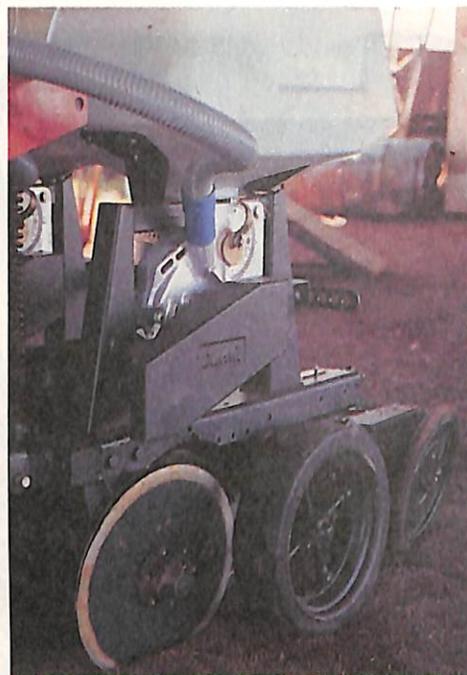
As semeadoras/adubadoras convencionais rompem o solo através de sulcadores, facões, discos ou outras ferramentas capazes de abrir a terra para alojar o fertilizante e as sementes. Neste caso são feitos, preferencialmente, sulcos paralelos para evitar o contato do fertilizante com as sementes.

Os sulcadores mais comuns são as enxadinhas ou bicos-de-pato que, abrindo sulcos em forma de "V", direcionam o fertilizante para seu fundo. São utilizados principalmente para abrir o sulco do adubo.

Para abrir o sulco das sementes, e em alguns casos os dois sulcos, são utilizados com grande frequência os escarificadores ou facões, estruturas metálicas rígidas e delgadas que abrigam os condutores de insumos. Movimentam quantidade razoável de solo e podem trabalhar a grandes profundidades em relação a outros sistemas.

Nos últimos anos as semeadoras passam a ser equipadas com sistemas rompedores de solo à base de discos. Com uma infinidade de tamanhos, desenhos, formas, posicionamento e combinações, os discos têm se mostrado muito eficiente, sendo o sistema mais utilizado atualmente. Sua disposição concêntrica, ou não, de disco de mesmo ou de diferentes diâmetros permite ao agricultor escolher aqueles que melhor realizam o trabalho.

Com tecnologia realmente de alto nível, alguns mecanismos possuem sistemas de segurança contra embuchamento e pequeno requerimento de potência e peso. Sistemas como os do tipo guilhotina, são realmente dignos de prêmios in-



Sistema gerador de vácuo: a semente é succionada

ternacionais.

O usuário deve estar atento a estas características, que representam não apenas um aumento no preço da máquina, mas muitas vezes, melhorias no aproveitamento do equipamento.

Além do sistema de abertura de sulcos para a deposição do fertilizante e sementes, as semeadoras de plantio direto têm que vencer a camada de palha, fator primordial para o aproveitamento das vantagens do referido sistema. Isto deve ser feito com a mínima movimentação de terra e evitando o embuchamento dos mecanismos que atuam a seguir.

A grande maioria dessas máquinas é equipada com sistemas cortapalha de discos, da mesma forma há uma infinidade de combinações adequadas às mais diferentes condições de solo e palhada.

Discos recortados, estriados, de vários diâmetros e equipados com sistemas de pressionamento, fazem combinação com os discos posicionadores de adubo e sementes, realizando um serviço muito satisfatório.

Para vencer a camada de palha, no início da introdução do plantio direto, acreditava-se ser necessário que as semeadoras fossem muito robustas, transferindo seu peso para os discos de corte e abertura de sulcos. Os sistemas de pressionamento mudaram este ponto de vista, permitindo a construção de semeadoras articuladas, facilitando a sementeira por adequar a máquina às ondulações do terreno. Isto proporciona uniformidade na profundidade de posição de fertilizantes e sementes. Também permite a área de terraços de base média e larga, quase que

totalmente para o plantio, aproveitando melhor o terreno.

Outro ponto que pode despertar curiosidade dos usuários é o posicionamento adubo/semente, pois no plantio direto a existência de palha dificulta ou mesmo inviabiliza a abertura de mais de um sulco. O que se tem feito é posicionar as sementes sobre o adubo, separando-os por uma quantidade de terra. Isto tem dado resultados muito satisfatórios, sem danos às plantas.

Entre o mecanismo dosador e o solo pode haver um percurso que necessite de uma peça que promova o espalhamento do insumo na linha de semeadura. Ele é denominado distribuidor.

Os distribuidores, apesar de nem sempre estarem presentes nas semeadoras ou adubadoras, são motivo de grande atenção da pesquisa de máquinas agrícolas, pois em alguns casos eles têm prejudicado o trabalho destes equipamentos. São geralmente dutos, feitos dos mais diferentes materiais e formatos, embora não tenha se chegado ao consenso de qual é o melhor, para as diferentes situações encontradas no campo.

Situações especiais, onde os distribuidores são imprescindíveis se revelam com as semeadoras a lanço. Neste caso, eles têm a função de espalhar os produtos de maneira uniforme pela superfície do solo. Os principais sistemas são os pendulares e os centrífugos. Na verdade, ambos utilizam a força centrífuga para arremessar o material radialmente, proporcionando seu esparramamento. Por ser mais robusto, o sistema centrífugo é

utilizado para distribuir materiais mais grosseiros, como esterco, adubos orgânicos e tortas.

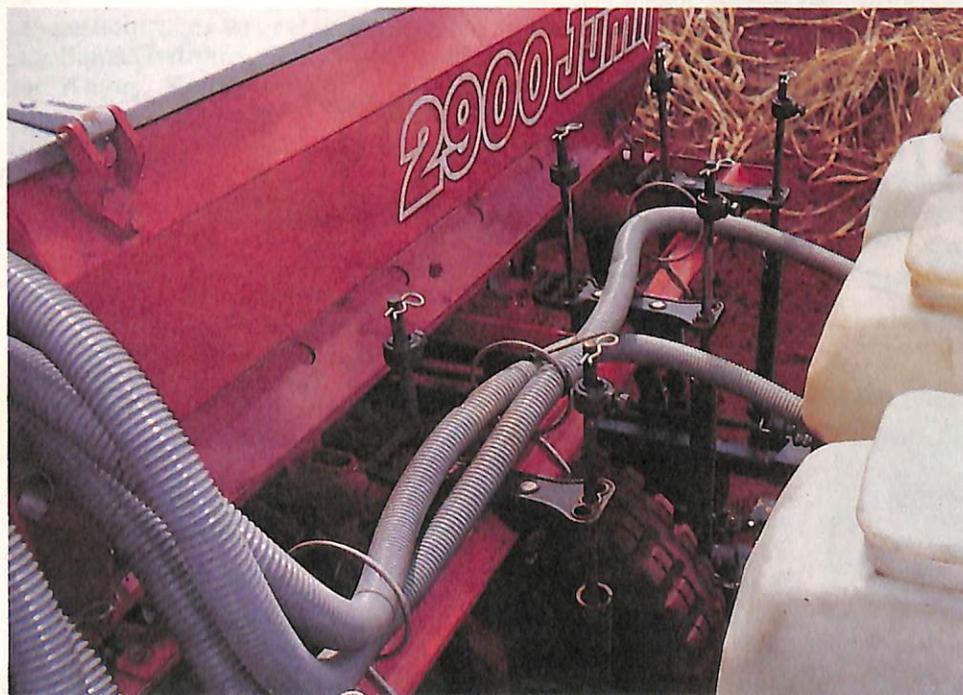
Sementes leves e graúdas exigem mais volume dos reservatórios

Tanto no plantio convencional, como no direto, as sementes precisam estar em contato íntimo com o solo, para desencadear satisfatoriamente os processos de germinação e emergência.

No caso do plantio convencional, estando o sulco aberto, este deve ser fechado e compactado, deixando a semente em condições ótimas de desenvolvimento. Neste sistema, temos opções de utilizar estas Ferramentas, para adequar o plantio às técnicas de condução das culturas em relação ao acúmulo ou retirada da água do pé da planta, dependendo do solo, da cultura e da época do ano. Plantando-se dentro do sulco, acumula-se água na planta e, sobre o camalhão, esta escorre, não encharcando a planta.

No sistema de plantio direto, o pequeno sulco, que mais se assemelha a um corte, deve apenas ser fechado. O mais aconselhado é a pressão lateral, podendo ser feita de um ou dois lados do sulco.

A autonomia das semeadoras/adubadoras não é apenas um aspecto de sua robustez, devendo estar de acordo com o tipo de terreno e de cultura. Quanto ao terreno, relevos mais planos permitem tiros mais longos, exigindo maior au- ▶



Mecanismo de fluxo de ar: para evitar danos às sementes

*DDG a granja

DISCAGEM DIRETA GRATUITA

Das 8:30 às 20:30

▶ DISQUE

051 800 21 06



ENTRE EM CONTATO
COM A GENTE

Você tem dúvidas
sobre sua
assinatura?

DDG

*VANTAGEM EXCLUSIVA PARA O ASSINANTE

Agricultura?
Exposições?

Quer saber algo
sobre pecuária?

Alguma
sugestão?

LIGUE PARA A GRANJA E TENHA A SUA RESPOSTA

FANKHAUSER®

PLANTADEIRAS

MATRIZ: FONE (055) 543-1108 TUPARENDI - RS
FILIAL: FONE (0452) 25-2717 CASCAVEL - PR
FILIAL: FONE (043) 325-4398 LONDRINA - PR

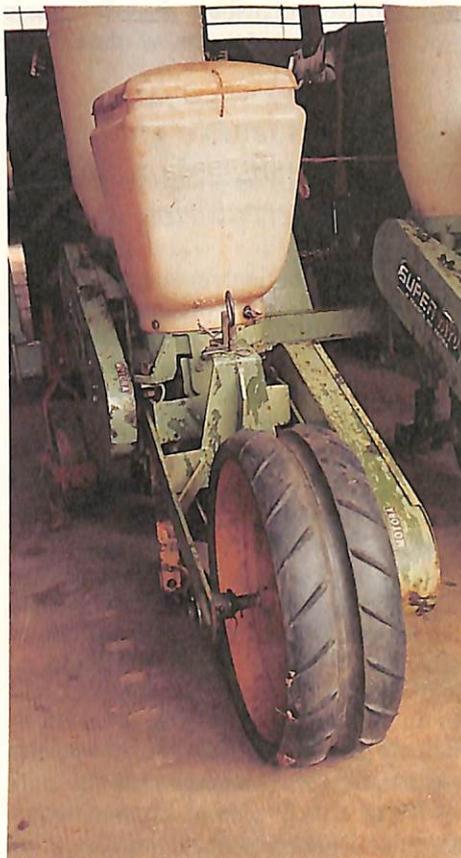
tonomia. Evita-se, assim, paradas muito freqüentes para reabastecimento, assim como problemas com equipe de apoio. Áreas mais onduladas exigem tiros mais curtos, permitindo que se volte mais freqüentemente ao carreador do talhão, onde pode ser facilmente feito o reabastecimento. Isto implica na compra de equipamento de menor porte, quase sempre mais em conta.

Em relação às culturas, sementes leves e graúdas requerem mais volume dos reservatórios, o mesmo ocorrendo para culturas de grande exigência de fertilizantes. Todos estes fatores atuarão no rendimento operacional da sementeira, fator importante no planejamento da operação.

Outro aspecto que pesa sobre o rendimento do equipamento é o seu preparo e ajuste. É a facilidade para se obter as regulagens desejadas, no galpão; isto é, antes de se levar a máquina ao campo. Quanto mais segura e rápida for estas operações, mais vantagens terá o operador. Outro ponto importante é o fato do equipamento segurar a regulagem, evitando que esta seja refeita ou aferida, pelo menos durante os reabastecimentos.

Como toda máquina, as semeadoras exigem constantes inspeções (principalmente das partes móveis), lubrificação, reapertos e, o mais importante, observação dos operadores e ocorrência de barulhos, vibrações etc.

Mesmo dentro de todas as recomendações dos fabricantes o uso da máquina implica em desgaste, quebra e conse-



Mecanismo compactador de sulco

quente necessidade de reposição das peças. Pois bem, este é um fator que jamais pode ser esquecido na hora da escolha da máquina.

Além das peças de reposição muitas máquinas se dizem muito versáteis e fáceis de se adaptar mediante à aquisição de opcionais.

Este é um modo de melhor aproveitamento do equipamento, aumentando o número de horas utilizadas durante o ano e justificando melhor o investimento realizado. Estes opcionais podem ser encontrados com certa facilidade e deve-se prever sua necessidade com a maior antecedência possível, pois podem causar os mesmos problemas da falta de peças de reposição.

Dentre os acessórios opcionais disponíveis no mercado, estão os monitores eletrônicos de deposição de adubo e sementes.

O sistema pode ser considerado um pequeno computador que informa ao operador a velocidade de trabalho, as distâncias percorridas, o número de sementes e a quantidade de adubo depositada por metro e por hectare, permitindo um acompanhamento do sistema quanto à regulagem, a ocorrência de folhas, embuchamento etc.

Num âmbito mais global, é muito importante casar bem os implementos com sua fonte de potência, normalmente o trator.

O ponto mais gritante é o requerimento de potência do equipamento, devendo-se ter em mente as condições e o volume de trabalho do parque de máquinas da propriedade. Deve-se procurar a utilização dos tratores em faixa de potência média, sem forçar a máquina. Em equipamentos de acionamento hidráulico, alguns exigem sistemas duplos, o que pode ser motivo de surpresa aos proprietários de tratores com sistema de comando hidráulico simples. 

QUEM GOSTA DE CHUVA É A LAVOURA



CAPA COM MANGA

CAPA PONCHO

CAPA MORCEGO

Proteja-se com as CAPAS DE CHUVA CAPE



Conheça, também, toda a nossa linha de aventais, macacões e abrigos para motoqueiros.

Av. Farrapos, 2845
Fone: (051) 342-6388 - Fax: (051) 342-4714
CEP 90220-006
Porto Alegre - RS - Brasil

23ª Exposul: a revolução agropecuária do Centro-Oeste

Acontecerá de 19 a 28 de maio, em Rondonópolis/MT, a mais importante exposição agropecuária do Centro-Oeste brasileiro, a 23ª Exposul, realizada num parque com 500 mil metros quadrados, sob o comando dos empresários Blairo Maggi e Adolpho T. Vieira, presidente do Sindicato Rural de Rondonópolis.

Cidade pólo da região sul do Mato Grosso — 2º maior produtor nacional de soja —, situada a 200 quilômetros da capital (Cuiabá), Rondonópolis transformou-se, nos últimos anos, na capital interior do agribusiness brasileiro.

Este ano, a 23ª Exposul, além dos leilões de bovinos e mostra de equipamentos agropecuários, sediará dois importantes eventos: o 2º Show Nacional do Novilho Precoce ABNP e a 1ª Agrodemonstração de Máquinas e Implementos Agrícolas.

Novilho Precoce

O novilho precoce é o resultado do avanço tecnológico da pecuária de corte, tendência dominante do setor. No 2º Show Nacional do Novilho Precoce, sob organização de Terezinha Maggi, Luiz Fernando Levy e Albino Luchiarri, contaremos com uma comissão julgadora de altíssimo nível, liderada por Charles Augagnour — de Lion, França, especialista da Comunidade Econômica Européia (CEE). Estarão em demonstração e julgamento 150 animais. No show estão confirmadas as participações das raças Marchigiana, Santa Gertrudis, Canchim, Aberdeen Angus, Nelore mocho, padrão e Lemgruber, Charolês, Limousin, Simental e Piemontês, dentro do seguinte programa:

Dia 19 — demonstração dos novilhos precoces nos currais;

20 — julgamento de animais vivos;

21 — abate técnico dos animais classificados;



Blairo Maggi, presidente da Exposul



Parque de Exposições de Rondonópolis/MT

22 — abate técnico e julgamento das carcaças;

23 — apresentação dos resultados finais.

Agrodemonstração de máquinas agrícolas

Ainda na 23ª Exposul acontecerá a primeira agrodemonstração de máquinas e implementos agrícolas, nos dias 24 e 25 de maio, sob a liderança dos empresários Claudino Marim e João Vargas, com a participação dos pesos-pesados da indústria nacional e internacional do setor.

O evento terá lugar em área de 69 hectares, próxima ao Parque de Exposições de Rondonópolis, preparada e planejada antecipadamente com soja, capineiras e milho, e tem como objetivo demonstrar, em trabalho planejado, o que existe de mais moderno em equipamentos e tecnologias agrícolas.

A agrodemonstração será o momen-

to ideal para o contato direto do produtor rural com as novas tecnologias do setor e as indústrias que as desenvolveram e fabricam.

Leilões previstos

No decorrer da 23ª Exposul de Rondonópolis, que terá o patrocínio da New Holland e Sadia, com apoio do Governo do Estado do Mato Grosso, acontecerão, ainda, 12 leilões de elite e de animais a campo, onde serão ofertados 3,8 mil bovinos de diversas raças. O programa de leilões é:

Dia 19 — Sta. Gertrudis ABCSG, do Grupo Itamaraty, Faz. São Paulo e convidados

20 — Leilão Elite Simental ABCS

21 — 1º Nelobaio 95 (1,5 mil animais de campo)

22 — Leilão Elite Nelore Mocho ABCNM

23 — Grande Leilão Nelore Mato Grosso ACNMT

24 — Leilão Elite Canchim ABCC

25 — Leilão Elite Conexão Braford

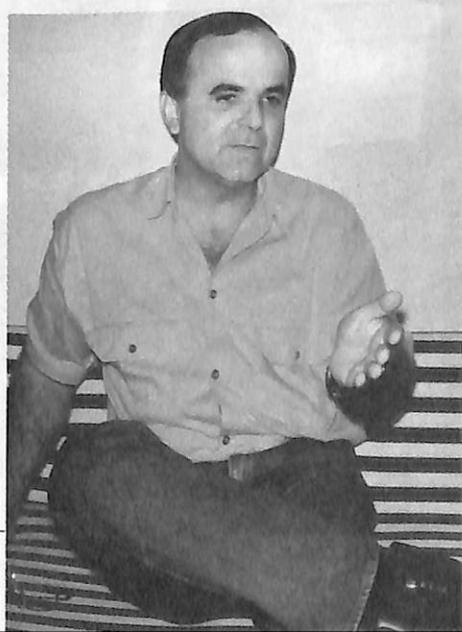
26 — Leilão Elite Marchigiana ABCM

27 — Leilão MT de Gado Leiteiro APROBLESMAT

28 — 2º Nelobaio 95 (1,5 mil animais de campo)

Para maiores informações sobre a 23ª Exposul de Rondonópolis os telefones disponíveis são: Sindicato Rural de Rondonópolis, (065) 421-2783; Parque de Exposições, (065) 422-3133; e Assessoria de Comunicação, (065) 421-3606.

Adolpho Vieira: presidente do Sindicato Rural



EVOLUÇÃO EM MÁQUINAS AGRÍCOLAS

A Casale Equipamentos tem como fator primordial melhorar e evoluir tecnicamente seus produtos, e é com esta filosofia que assegura seu reconhecimento nacional e internacional no setor Agropecuário.

As máquinas Casale são projetadas para serem robustas, simples e lógicas, facilitando assim o seu manuseio e garantindo um bom rendimento. Os materiais empregados na fabricação são de primeira linha, trabalhados de forma a obter um produto com qualidade, durável e confiável. A manutenção é mínima e a lubrificação é simples. Adquirindo um produto Casale, você tem a sua disposição suprimento de peças de reposição, e conta com Assistência Técnica permanente através da fábrica ou de seus representantes. A Casale Equipamentos é a parceira dos produtores que buscam aumentar a eficiência em suas atividades.



CONHEÇA NOSSA LINHA DE FENAÇÃO NA AGRISHOW 95

Casale

CASALE EQUIPAMENTOS LTDA.
Rod. Washington Luiz, km 237
C.P. 709 - CEP 13.560-970 - S. Carlos - SP
Fone: (0162) 71-3099 - Fax: (0162) 71-5511
Telex: (16) 2364EQCS-BR

SYMAPI



Fotos: Antônio Sanchez

Acelerando o santa gertrudis

A Fazenda Douradilho, em Barra do Ribeiro/RS, consegue melhorar a genética e adiantar o ciclo produtivo da raça

Carolina Bahia

Há cerca de seis anos, na Fazenda Douradilho, localizada na Barra do Ribeiro, a 60 quilômetros de Porto Alegre, a vaca santa gertrudis Gracinha, de sete meses, foi coberta pelo touro Paraguainho, por esses acasos da natureza. No início, a preocupação tomou conta do proprietário Milton e do administrador Eduardo Nascimento, pois não acreditavam que um animal tão jovem conseguisse suportar a prenhez. Como a

situação era irremediável, eles resolveram pagar para ver, já contando com a perda da Gracinha. Mas para surpresa geral, nove meses depois, a vaca pariu um bezerro forte e de boas características raciais. Nos anos seguintes, a novilha continuou procriando; chegou aos seis anos de idade com cinco crias e se destacou como um dos melhores animais do rebanho. Esta historieta, que poderia ter passado em branco, alertou Eduardo para

uma das possibilidades que mais encantam os criadores: conseguir adiantar o ciclo, fazendo com que o rebanho procrie mais em menos tempo. Apostando em bons resultados, o administrador, em 93, separou uma amostra do rebanho com uma média de 14 a 16 meses e colocou para procriar. “Conseguimos adiantar a época da parição em 20%. Graças a rusticidade da raça e a sua garantia de precocidade, temos conseguido animais for-

tes e selecionados,” comemora Eduardo. Dentro de pouco tempo, todo o plantel estará acelerando o ciclo da procriação. Isso significa economia, rendimento e mais dinheiro no bolso do criador.

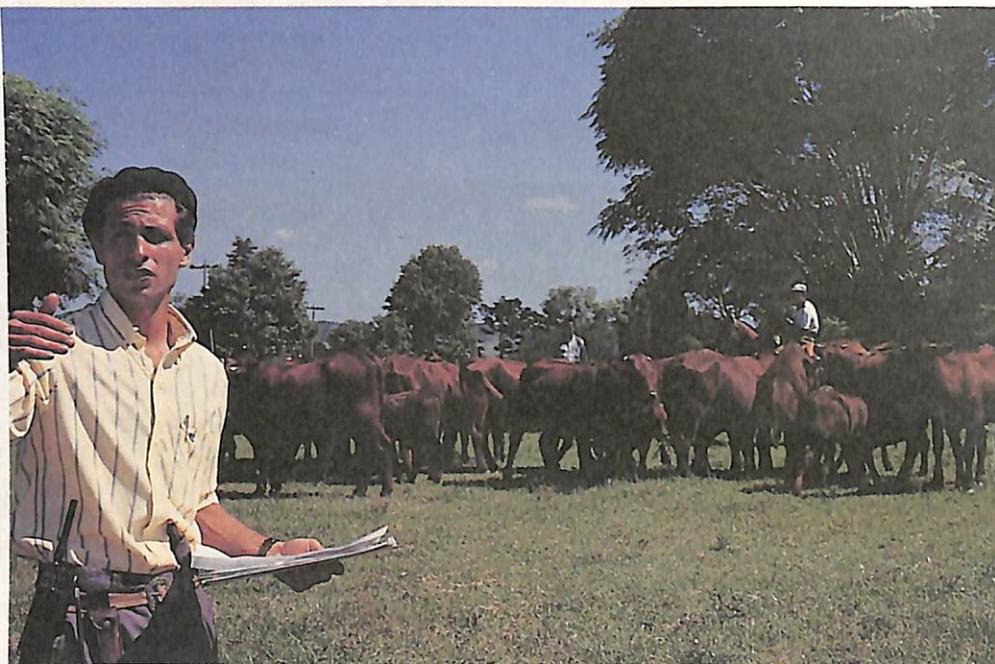
A Fazenda Douradilho é uma das mais tradicionais criadoras de gado santa gertrudis. Há 30 anos no negócio, se caracteriza pela preocupação com o se-
lecionamento genético da raça. Desde o início, Milton Nascimento e, mais tarde, Eduardo Nascimento, tentaram alcançar maior precocidade e fertilidade do rebanho. Mas sempre esbarraram na teoria de que uma fêmea não pode ser entourada antes dos dois anos. Agora, eles estão mudando esta realidade.

Os 1200 hectares da propriedade são distribuídos em três lotes: 400 para o reflorestamento, 400 para a agricultura (lavoura de arroz irrigado, com uma produtividade média de 6000 kg/ha) e 400 para a pecuária; divididos entre o rebanho de 500 cabeças de santa gertrudis puro e o de 100 cavalos quarto de milha. Para o próximo ano, o administrador pretende reservar mais 200 hectares para pastagens, já que a intenção é aumentar o plantel de bovinos. Isso graças à precocidade das vacas, que, em pouco tempo, estarão produzindo uma cria a mais por ano. Isto é, a vaca mãe dá uma cria no início e outra no final do mesmo ano, enquanto sua bezerra, nascida na primeira parição, é aprontada para também parir no fim do ano. Todos os animais envolvidos neste experimento originaram-se do controle de qualidade da Douradilho. Problema de prepúcio longo, por exemplo, não existe. Mas quando uma cria apresenta qualquer sinal de retrocesso (prepúcio fora dos padrões), o problema é eliminado, para manter o nível do rebanho.

Sessenta por cento dos machos são vendidos como reprodutores

Segredos da precocidade — Segundo o administrador da Douradilho, os segredos para se conseguir bons resultados de precocidade são três: seleção rigorosa, alimentação e manejo sanitário adequados. A partir destes dados, Eduardo reservou 31 animais com idade média de 16 meses para o entoure, em setembro de 1993. O requisito necessário, para que a vaca participasse do grupo, era não apresentar menos de 300 quilos. Cerca de 56% dos animais ficaram prenhes.

No inverno, o cuidado com a alimentação se restringiu à aveia, durante 70 dias, e a campo nativo, no restante. Depois de parir, as vacas tiveram uma per-



Eduardo Nascimento: precisamos ouvir mais o consumidor

da de peso de 435 para 431 quilos, margem pequena se comparada ao esperado. Os bezerros apresentaram uma perda média de 861 gramas durante o período, índice tão bom quanto o dos melhores bezerros de vaquilha comuns, graças à sua rusticidade. O objetivo com toda esta pesquisa é conseguir adiantar em um ano o ciclo reprodutivo. “Eu jamais conseguiria realizar o mesmo trabalho com a raça hereford”, explica Milton Nascimento, que também possui uma fazenda no Uruguai, onde cria hereford e santa gertrudis. Já no próximo ano, será aplicado o mesmo processo no rebanho uruguaio de santa.

Eduardo Nascimento conta que estava pronto para enfrentar alguns problemas, como bezerros sofrendo no desmame ou novilhas com grande perda de peso,

até o terceiro mês de amamentação. “Tivemos uma agradável surpresa. Apesar do pasto ser muito ruim na região, os índices de aumento de peso se mantiveram altos”. Além do pasto nativo, foram implantadas pastagens, como a braquiária, capim-estrela e aveia no inverno.

Todo o gado da Douradilho é de cabanha, para a produção de reprodutores. Cerca de 60% dos machos nascidos são vendidos como reprodutores, o restante é refugado, vai para o açougue. Com todo este trabalho, Eduardo garante, também, touros mais precoces, que, com dois anos, já estão atingindo a maturidade, enquanto, antes, os touros geralmente ficavam prontos para o serviço aos três anos. “Hoje em dia, temos de saber o que o consumidor quer. E, sem dúvida, ele está em busca de qualidade. Nosso trabalho per-



Reprodutor Douradilho: prepúcio no padrão

mite a produção de animais muito mais rústicos e precoces, o que é econômico para o produtor”, explica Nascimento. “Ponto” para a Cabanha Douradilho, que, com a evolução genética da fêmea, está conseguindo um macho mais precoce; logo, o filho do touro apresentará para o gado geral maior rapidez de acabamento.



A Granja

O antigo santa gertrudis: prepúcio quase arrastando

Em 53, a raça chega ao Brasil

O gado *santa gertrudis* é resultante da adaptação da natureza aos interesses do homem. Como havia a necessidade, no sul dos Estados Unidos, de se conseguir uma raça resistente ao clima ruim, por volta de 1910 começaram os cruzamentos entre os melhores rebanhos das raças zebuínas e europeias.

Cerca de dez anos mais tarde, este trabalho iria culminar no nascimento do touro *Monkei*, chamado de primeiro gigante vermelho, 3/8 *brahman* e 5/8 *shorthorn*, às margens do Rio Santa Gertrudis, no Texas. Somente em 1940, foi reconhecida oficialmente como primeira raça sintética formada no Hemisfério Ocidental.

Por volta de 1953, um grupo de produtores paulistas trouxe o *santa gertrudis* para o Brasil, na busca de um animal rústico e adaptado ao clima do Sul do país. Só que a raça apresentou um grande problema: o prepúcio, muito grande, chegava a arrastar no chão, em meio à pastagem alta, característica da região. Os animais ficavam doentes, com bicheiras e produziam pouco. Mas os criadores brasileiros não desistiram. Partiram para a pesquisa e seleção de animais. Depois de muito trabalho, este problema foi resolvido.

Com o tempo e a preocupação com a seleção genética, os criadores do *santa gertrudis* conseguiram adaptá-lo às condições necessárias, com prepúcio que

atende a um padrão morfológico, permitindo a utilização de touros em campo. Só na associação da raça (ABSG) estão registradas 100 mil cabeças, mas se imagina que o rebanho nacional seja bem maior; já que nem todos são registrados. Hoje, estão concentrados especialmente no Rio Grande do Sul, São Paulo e região nordeste. Com a correção do tamanho do prepúcio e o melhoramento cada vez maior da raça, o veterinário Clairton Emerim Marques acredita que a procura pelo *santa gertrudis* tem aumentado, especialmente em função do ganho de peso (1 quilo/dia), da precocidade e da rusticidade. Agora, a preocupação da ABSG é manter a qualidade do rebanho brasileiro.

Por isso, uma equipe de cinco técnicos percorreu as principais fazendas criadoras da raça, no país, selecionando os melhores touros, com prepúcio adequado e boas crias. Estes serão encaminhados para a coleta de sêmen, que ficará à disposição dos criadores na PecPlan (conveniada à ABSG). Cerca de 200 doses de cada touro serão encaminhadas ao Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte (CNPGC-Embrapa), que as distribuirá entre os rebanhos registrados, para observação da eficiência do trabalho. "A meta para 95 é aumentar em 10% a venda de sêmen sobre o ano passado, quando foram consumidas apenas 10 mil doses em todo país", planeja o gerente-técnico, João Francisco Danielletto. 📷



BONÉS - SUA MARCA NÃO SAI DA CABEÇA

- BONÉS/VISEIRAS PROMOCIONAIS
- Cores e modelos a sua escolha
- Fazemos amostras sem compromisso

ATENDEMOS TODO O BRASIL

TELEVENDAS: DDG 0800-43-6606

Keep
BONÉS

Sokeeps Bonés Promocionais Ltda.

Av. Munhoz da Rocha, 300

CEP 86800-010 - Apucarana / PR

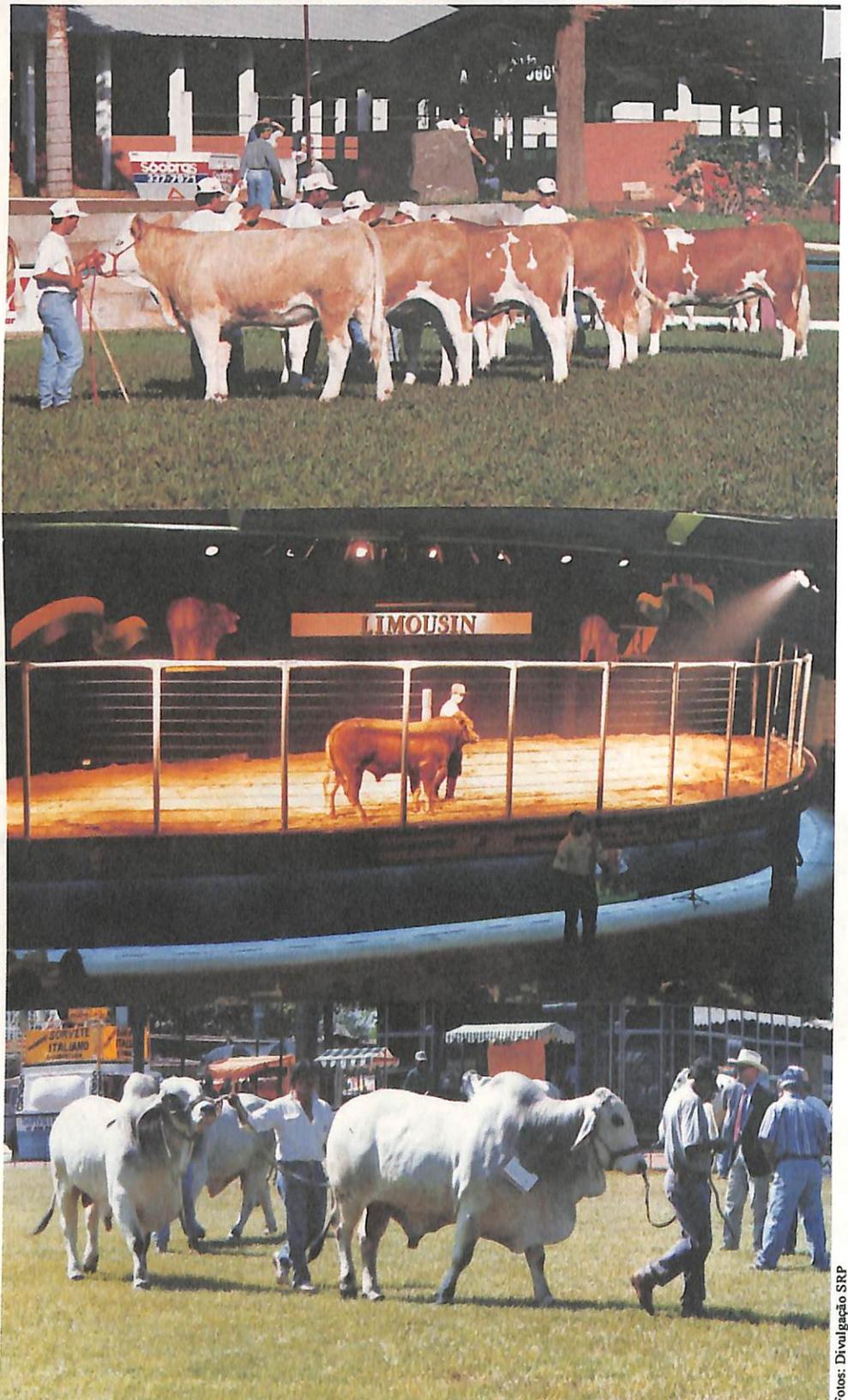
Fone: (043) 422-6944

Fax: (043) 422-8566 - Telex: 43 3100

Os animais tomam conta da primeira

Mais uma vez, os paranaenses abrem o calendário das feiras com uma mostra repleta de recordes, qualidade zootécnica e negócios milionários. Nesta 35ª edição, entretanto, os destaques foram os bovinos europeus, demandados para cruzamento industrial, e o comércio de material genético e veículos importados

Ana Paula Rodrigues Pinto



grande exposição do Brasil



Com 26 raças bovinas e zebuínas, somando cerca de 7300 animais em competições e leilão, a 35ª Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina — 3ª de âmbito internacional, encerrada em 9 de abril — venceu o desafio de ser uma das mais completas feiras do Brasil. Só a movimentação nos 25 leilões especializados atingiu uma arrecadação total de R\$ 2,5 milhões (ante os US\$ 2 milhões do ano passado), levando a Sociedade Rural do Paraná (SRP), promotora do evento, a prever, para 1996, uma mostra de 15 dias, ao invés dos 11 desta edição.

“Já recebemos a solicitação de associações de criadores pedindo para ampliar a participação de suas raças nos 14 alqueires do parque Nei Braga, com muitas delas querendo dobrar sua presença. Por isso, deveremos ampliar o evento”, disse o presidente da SRP, José Carlos Tibúrcio, satisfeito com os negócios em todas as segmentos da pecuária, incluindo as vendas de sêmen. “O pecuarista brasileiro está ciente da necessidade de produzir mais e melhor”, avaliou ele, ressaltando, porém, que o entusiasmo verificado nas pistas de julgamento e de leilões não encontrou ressonância na área agrícola.

Ao contrário dos anos anteriores, em que a Expo-Londrina vinha se transfigurando numa gigantesca mostra agrícola — foram US\$ 6 milhões movimentados em 94 —, desta vez o pátio para máquinas, equipamentos e insumos contou com apenas cinco empresas, com um faturamento geral que não ultrapassou os R\$ 200 mil. “Os produtores estão desmotivados e descapitalizados, sem poder de barganha para investir em maquinário e insumos”, desabafou o dirigente.

Profusão de recordes — Lances rápidos e bastante disputados permitiram que recordes de preços mais altos fossem sucessivamente desbancados, até que se chegasse ao maior preço da feira: Ida da 4 Irmãos, uma matriz marchigiana de 3,5 anos, da criação de Otávio Pe-

drialli e Lauro Garcia Molina, de Londrina/PR, comprada por R\$ 28,2 mil por Gilson Katayama, da Katayama Agroavícola Pecuária, de Guararapes/SP. Na avaliação dos organizadores, aliás, o leilão de bovinos marchigiana surpreendeu ao apurar um preço médio de R\$ 3.351,00 para cada um dos 59 animais comercializados, representando uma arrecadação geral de R\$ 197.760,00 para a raça.

No entanto, a maior oferta de animais de elite em leilão coube aos criadores de simental, que emplacaram ainda o segundo melhor preço da feira. A oferta foi dividida em dois pregões: reprodutores (42 exemplares) e matrizes (47 animais). E foi justamente no leilão de matrizes que a raça consagrou-se com o título de melhor preço médio da Expo-Londrina, ao apurar R\$ 4.155,00,

totalizando R\$ 195.300,00. “A simental apresentou um preço médio de 57% superior ao obtido no ano passado”, comentou o diretor de pecuária da SRP, Gustavo Garcia Cid, atribuindo o fato à forte demanda de produtos desta origem para cruzamentos industriais. Da mesma forma, continuou Cid, representações como as do blonde

d’aquitaine e limousin também se destacaram. No primeiro grupo, 20 animais em pista movimentaram negócios da ordem de R\$ 76.960,00, com um preço médio de R\$ 3.848,00. Isaura da Rosasul foi o lote mais caro, ao ser vendida por Renato Alacides Trombini para Edson Antônio de Sastro, de Brasília/DF por R\$ 8.400,00.

Entre os limousines, a apuração total do 1º Leilão Carça Show foi de R\$ 182.070,00, com preço médio de R\$

3.310,00. Eduardo Fabretti, de Londrina, adquiriu o lote mais cobiçado da noite, a fêmea Maragogipe Doudone TEI, 20 meses, da Maragogipe Agropecuária, procedente do Rio Grande do Sul, por R\$ 8.050,00. Outro grupo que despertou muito interesse foi o gelbvieh, considerado uma grande surpresa nesta edição da Expo-londrina, ao faturar R\$ 55.050,00 com a venda de 28 exemplares ao preço médio de R\$ 1.966,00. A fêmea Atena Dinorá TE, vendida por José Hoffig Ramos a Luiz Augusto Müller, de Pirassununga/SP, foi o destaque, pois valeu R\$ 10.000,00.

Zebuínos cedem espaço — “De uma maneira geral, pode-se deduzir que a mostra londrinense está alterando seu perfil de praça zebuína para uma praça



Ida da 4 Irmãos: marchigiana fica com melhor preço

interracial”, avaliou Cid, ressaltando a importância da feira como entreposto de matrizes e reprodutores de raças europeias para rebanhos azebuados do Centro-Oeste. De fato, numa região de tradição do gado índico, o que se viu, nesta edição, foi uma supremacia de bovinos europeus das mais diversas raças, confirmando a tendência da feira em ser fornecedora de material genético para cruzamentos industriais. Eram 1557 exemplares de gado europeu (e sintéticos a partir

O QUE FOI LONDRINA



Total geral de animais comercializados: 4.878
 Total geral comercializado: R\$ 2.488.615,00
 US\$ 2.796.196,60

LEILÕES DE CORTE

Total de animais em leilões gado de corte: 4.046 animais
 Total comercializado: R\$ 840.797,00
 US\$ 944.715,73

BOVINOS ELITE (MATRIZES E REPRODUTORES)

Raças zebuínas (Guzerá, Nelore, Tabapuã e Brahman):
 264 animais

Total comercializado: R\$ 349.033,00
 US\$ 392.171,91

Raças européias (Charolês, Limousin, Gelbvieh, Simental, Bonde D'Aquitaine, Normando, Marchigiana, Devon, Caracu, Aberdeen Angus e Holandês): 420 animais

Total comercializado: R\$ 1.051.080,00
 US\$ 1.180.988,70

OVINOS

(Hampshire Down, Ile de France, Suffolk e Texel): 85 animais
 Total comercializado: R\$ 44.300,00
 US\$ 49.775,28

SUÍNOS

(Duroc, Large White e Landrace): 37 animais
 Total comercializado: R\$ 11.055,00
 US\$ 12.421,35

EQÜINOS

(Árabe): 26 animais
 Total comercializado: R\$ 42.350,00
 US\$ 47.584,27

VENDAS DIRETAS:

R\$ 150.000,00
 us\$ 168.539,32

Total de leilões realizados: 25

Obs.: Cotação do dólar utilizada para conversão: US\$ 0,89

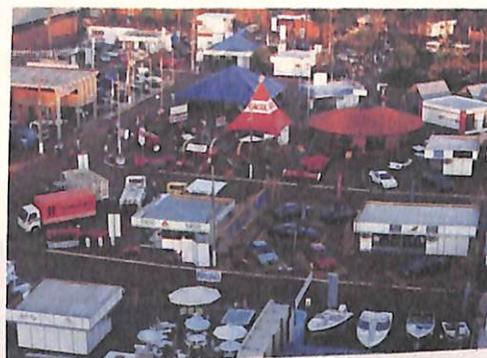
dele), contra 661 cabeças zebuínas. Nem por isso Londrina deixou de exibir seus melhores plantéis neloristas, que levaram 348 exemplares, entre padrão e mocho, ao parque Nei Braga.

A qualidade dos animais se expressou nos dois leilões da raça. No tradicional Nelorextra, os 48 lotes vendidos apuraram um total de R\$ 146.400,00 (média de R\$ 3.045,00), com o macho Jaeva da GV, do espólio de José Garcia Molina, arrematado por R\$ 14.400,00 pela Santa Maria Agropecuária, de Osasco/SP. Já no Nelore Elite, foram vendidos 36 lotes por

uma soma total de R\$ 89.160,00, representando preço médio de R\$ 2.476,00, 100% acima da média obtida no ano passado. "Foram preços excelentes, pois a exposição ocorreu num período em que a arroba do boi sofreu uma retração de R\$ 25,00 para R\$ 22,00", argumentou Tibúrcio. "Mas, por sorte, tivemos um realinhamento de preços durante a feira, provando que os pecuaristas estão procurando os me-

lhores animais para promover o cruzamento industrial", reforçou.

O toque negativo ficou por conta da pequena representação de cavalos, com a presença de apenas uma raça, o árabe. Em seu leilão, os arabistas movimentaram R\$ 42.350,00 (média de R\$ 1.628,85) e o preço mais elevado coube a Fai Cayá, vendido por Faiçal Jannani para o mato-grossense Carlos Trevisan, por R\$ 6.200,00. 



Terra de importado e sêmen

Adeptos das novidades, os pecuaristas que comparecem a Londrina andam de lua-de-mel com dois setores: comércio de material genético e de veículos importados. Na área de sêmen e embriões, as empresas faturaram alto, como atestou Marcelo Vezzozzo, da londrinense Araucária Imp. e Exp. Ltda., especializada em limousin, que vendeu 1524 embriões, 462 doses de sêmen e ainda concretizou novos contratos para a importação de animais vivos, negociando mais de R\$ 1,3 milhão. Na Lagoa da Serra, foram vendidas 4 mil doses de sêmen (70% de nelore, faturando R\$ 45 mil), enquanto a Alta Genetics abocanhou R\$ 570 mil ao vender 1200 em-

briões e cerca de mil doses de sêmen. "Prevíamos vender 1950 embriões até o final do ano e só na Expo-Londrina chegamos a 1200, o que nos obriga a rever nossa expectativa para 95", disse Donário Lopes de Almeida, diretor da empresa.

A boa comercialização foi igualmente observada pelo gerente regional da American Breeders Service (ABS), Rêmolo Quesada, salientando o incremento na procura por sêmen de gado holandês — foram aproximadamente 2800 doses, ante pouco menos de 2000 no ano passado. O aumento de procura também se verificou na Pecplan Bradesco e Sérsia France, que não informaram o montante dos negócios,

mas confirmaram boas vendas de material genético.

Por outro lado, se a comercialização de máquinas agrícolas e de cavalos foi inexpressiva, no segmento de veículos importados Londrina surpreendeu: a partir de contatos nos 11 dias da feira, os visitantes investiram um montante de R\$ 6,5 milhões na compra de carros e utilitários, alegrando os 10 expositores presentes no parque Nei Braga. Durante a feira, foram negociados 54 veículos, representando R\$ 2 milhões, mas a maior parte das compras ocorreram na semana posterior ao término da exposição, como costuma acontecer em eventos do gênero.

GOIÂNIA

EXPO AGROPECUÁRIA

*Estado
de Goiás*

10ª INTERNACIONAL DE ANIMAIS

**GOIÂNIA
DE 14 A 28
MAIO
95**



DIARIAMENTE DURANTE A EXPOSIÇÃO:

• LEILÕES • PALESTRAS • RODEIOS • SHOWS ARTÍSTICOS

**A MAIOR EXPOSIÇÃO
AGROPECUÁRIA DO BRASIL**

PROMOÇÃO:



SOCIEDADE GOIANA
DE PECUÁRIA
E AGRICULTURA

PATROCÍNIO:



UMA PAIXÃO NACIONAL

57ª EXPOGRANDE



Fotos: Valmirat Gomes

Vendas acompanham a realidade

A 57ª Exposição Agropecuária e Industrial de Campo Grande/MS movimentou mais de R\$ 2 milhões nos leilões de elite e de gado geral

Maurício Hugo

A fase de preços baixos na pecuária não chegou a afetar em profundidade a tradicional festa da agropecuária nacional de Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul. A 57ª Exposição Agropecuária e Industrial da cidade (Expogrande) movimentou pouco mais de R\$ 2 milhões entre leilões de gado, principalmente nelore, negócios de máquinas, implementos e produtos veterinários. A expectativa inicial era de

maior movimento financeiro, algo em torno de R\$ 3 milhões, mas a avaliação final foi positiva, demonstrando que a Expogrande tem tudo para ser top no calendário de feiras do país.

Neste ano, junto com a 57ª Expogrande, a Associação dos Criadores de Mato Grosso do Sul (Acrissul) promoveu a 1ª Exposição Internacional de Zebu do Mercosul (Mercoexpo). O parque de Exposições Laucídio Coelho também

abriu suas portas para receber a 8ª Exposição Nacional da Raça Guzerá, que não tem muita presença no estado.

O Mercoexpo, na verdade, acabou contando somente com agropecuaristas e industriais do Paraguai. Segundo o presidente da Acrissul, Antônio Barbosa de Souza, a decisão de realizar o Mercoexpo foi tomada pelo governo do estado muito em cima da hora, não havendo tempo hábil para garantir uma maior partici-

A FEIRA EM NÚMEROS

Nome do Leilão	Raça	Renda	Média
Toca Jacaré	Mangalarga	R\$ 97.800,	R\$ 2.716,
9º Nelorão	Nelore padrão	R\$ 200.820,	R\$ 2.051,
1º Nelozebu	Nelore/Gir	R\$ 52.380,	R\$ 588,
19º NeloCampo	Nelore	R\$ 85.572,	R\$ 882,
Nelore Azul	Nelore	R\$ 50.100,	R\$ 2.277,
Nelore Grande	Nelore	R\$ 49.800,	R\$ 1.245,
1º Mocho West	Nelore Mocho	R\$ 82.980,	R\$ 1.565,
Maria Taboca	Nelore Elite	R\$ 261.100,	R\$ 6.527,
Top MS (Equínos)	Árabe	R\$ 95.500,	R\$ 2.893,
Guzerá	Guzerá	R\$ 55.800,	R\$ 858,
10º Nelosul	Nelore Elite	R\$ 92.000,	R\$ 2.358,

Fonte: Acrissuk

pação. Ele entende, no entanto, que foi muito positiva a participação dos paraguaios, que trouxeram 11 zebuínos brahman.

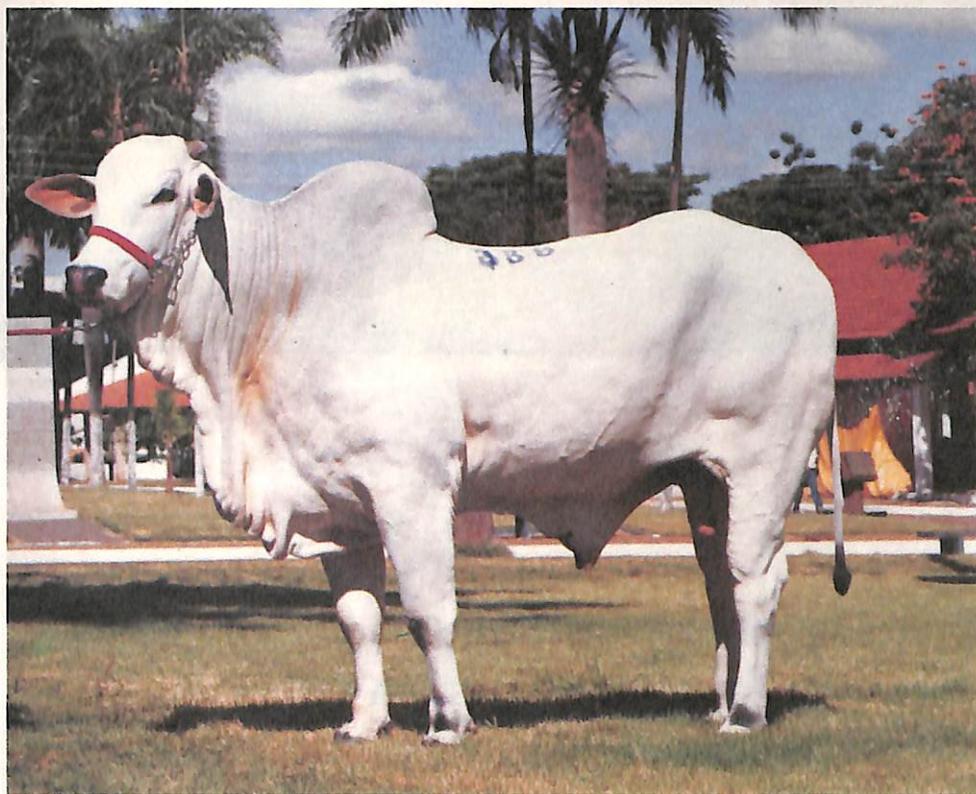
Pecuaristas discutiram o fim das restrições ao trânsito de animais

Na abertura da feira, dia 1º de abril, além da presença do ministro da Agricultura, José Eduardo Andrade Vieira (muito criticado pelos problemas do setor), a festa contou com a visita do presidente do Paraguai, Juan Carlo Wasmosy, muito próximo do governo sulmatogrossense na busca de uma maior integração.

Barbosa, numa avaliação do encontro, disse que muitas barreiras burocráticas e sanitárias, no que se refere ao trânsito de gado, foram vencidas, abrindo a perspec-

terminou no dia 9, contou com a participação de pecuaristas de nove estados brasileiros, que movimentaram os 18 leilões de elite, principalmente nelore, levando a uma comercialização de R\$ 1,4 milhão.

O touro mais caro — Balior, o nelore padrão, obteve o maior preço durante os leilões realizados no parque Laucídio Coelho: R\$ 43 mil. Ele foi adquirido por um condomínio formado por seis criadores. O reprodutor, de 35 meses e 894kg, tem como progênie de pai o campeão Vasuveda, considerado um dos melhores raçadores nelore. Balior ganhou 11 campeonatos, possui 15 descendentes diretos, dentro os quais 11 em cocheira. Um dos compradores, Jaime Fontoura, informou que o touro já está contratado pela Lagoa da Serra, de Sertãozinho/SP. Cada coleta, segundo ele, deve render 300 doses de sêmen, que devem ser comercializadas a R\$ 30 a dose. 

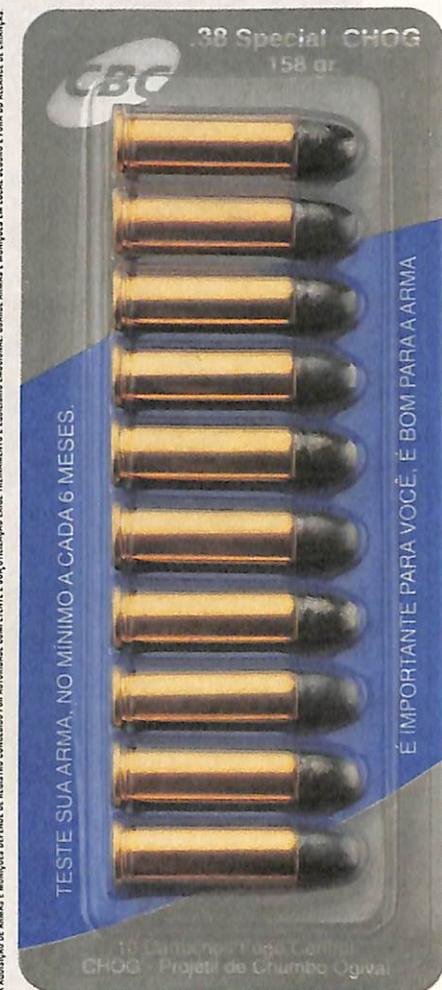


O nelore Balior: o maior preço de toda feira

tiva de uma participação mais efetiva dos países do Cone Sul na próxima edição da feira. O dirigente criticou, no entanto, os entraves que a Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ) colocou contra a presença do gado paraguaio.

A mostra, que

CHEGOU O BLISTER CBC COM 10 BALAS.



A AQUISIÇÃO DE ARMAS E MUNIÇÕES DEVE SER CONDICIONADA ÀS AUTORIZAÇÕES DE REGISTRO CONCEDIDAS POR AUTORIDADE COMPETENTE E SUA UTILIZAÇÃO DEVEZ TRINAMENHO E COIBIÇÃO NACIONAL. GARANTIA ANIMAIS E MUNIÇÕES EM LOCAL SEGURO E FORA DO ALCANCE DE CRIANÇAS.

ENIO MANNARDI

A embalagem é inviolável, Você tem certeza que a munição é original de fábrica.

O Blister é econômico, você compra apenas as balas que vai usar. Agora você pode **treinar sempre,** aprimorando sua pontaria e autocontrole. Disponível nos principais calibres, nas lojas de caça e pesca.



Companhia Brasileira de Cartuchos

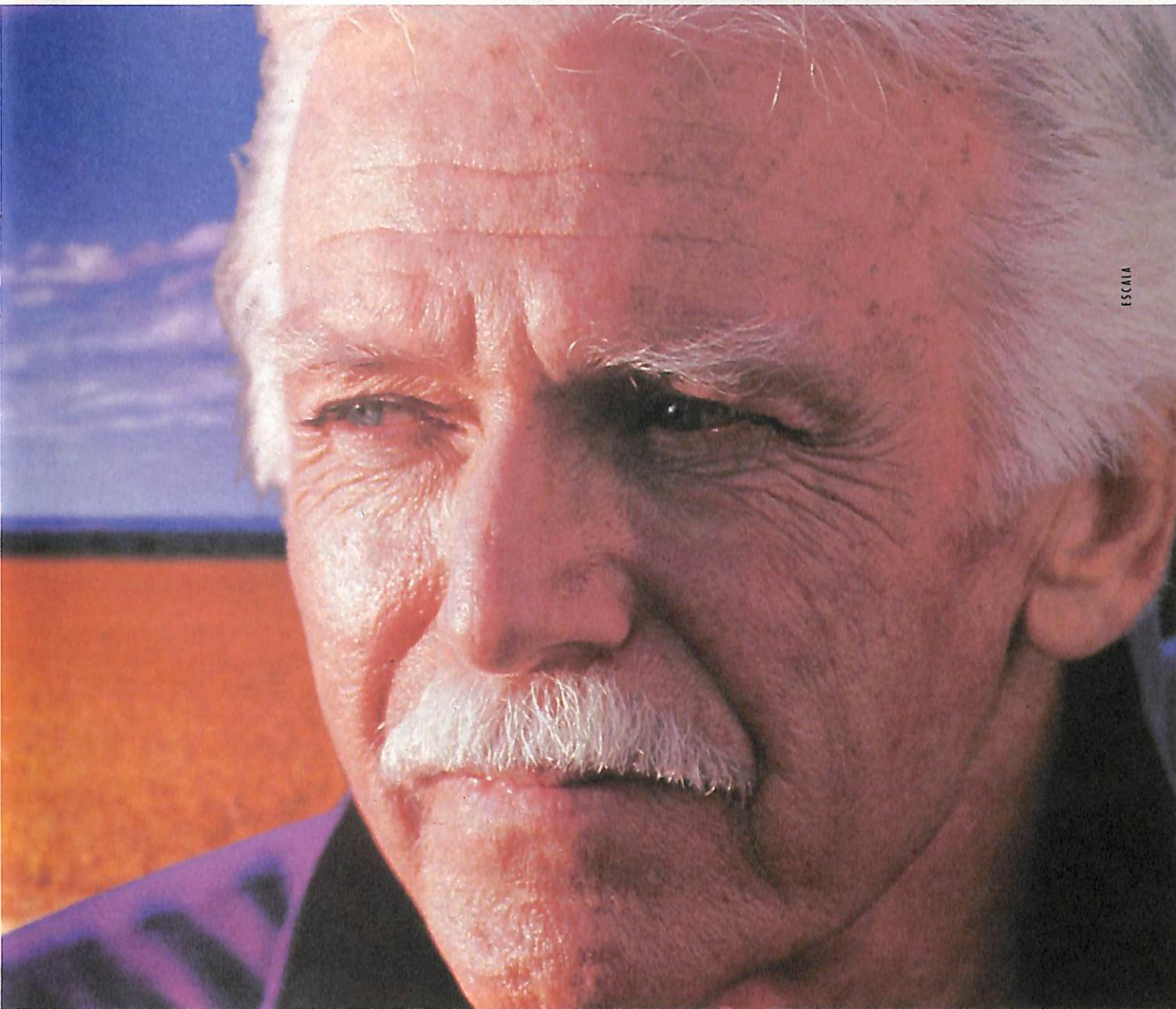
Av Humberto de Campos 3220
09400 000 Ribeirão Pires SP
Tel 011 742 7500
Fax 011 742 6099

NA SLC, TUDO COMEÇOU POR C



50 anos se passaram. Aquelas 8 milhões de toneladas por ano viraram mais de 74 milhões. O homem do campo se tornou um empresário rural exigente e preocupado com o resultado de seus investimentos. E com isso, a SLC se consolidou como a maior fabricante de colheitadeiras da América Latina. Hoje, 50 anos depois, a SLC tem total confiança que a

AUSA DOS HOMENS DO CAMPO.



ESCALA

nossa agricultura tem tudo para crescer ainda mais. Por isso, queremos parabenizar cada um desses empresários rurais em nome de toda a agricultura brasileira. É só com homens assim que vamos continuar escrevendo na terra a história do nosso país.



NA MINHA VIDA, TUDO COME



Houve uma época em que o Brasil colhia apenas 8 milhões de toneladas de grãos por ano, os homens trabalhavam como máquinas e as máquinas eram apenas um sonho. Foi justamente nessa época, 50 anos atrás, que foram lançadas as primeiras sementes da mecanização agrícola. E foi também nessa época que os homens do campo encontraram na SLC um parceiro de confiança

ÇOU POR CAUSA DE UMA SLC.



ESCAVA

que iria acompanhá-los por toda a vida. É possível que, naquele tempo, ninguém percebesse. Mas, mais do que trabalhar a terra e colher os seus frutos, homens como aqueles agricultores e empresas como a SLC estavam construindo a agricultura de um país.



SANIDADE VEGETAL

Na mira do percevejo-da-soja



A cultura da soja — principal grão produzido no Brasil, com mais de 25 milhões de toneladas nesta safra — está sujeita ao ataque de várias espécies de insetos. Para citar apenas alguns exemplos, após a emergência, as plântulas da soja podem ser atacadas pela lagarta-rosca e a broca-do-colo. Posteriormente, a lagarta-da-soja, a falsa-medideira e a broca-das-axilas atacam as plantas durante a fase vegetativa. Com o início da flora (fase reprodutiva), surgem os percevejos, que causam danos desde a formação das vagens até o final do desenvolvimento das sementes. Apesar dos prejuízos, não é recomendável a aplicação preventiva de agrotóxicos, pois, além do grave problema de poluição ambiental, o uso desnecessário e excessivo de produtos químicos pode elevar demasiadamente os custos, inviabilizando a produção.

Os percevejos são considerados os principais predadores do cultivo da soja. Pelo menos 15 espécies da família pentatomidae são registradas como sugadoras, sendo a *Nezara viridula* (linhaeus), a *Piezodorus guildinii* (westwood) e a *Euschistus heros* as mais importantes.

Estes insetos alimentam-se sugando diretamente os grãos e, assim, afetam o rendimento e a qualidade das sementes. Quando atingem populações elevadas, devem ser controlados, pois podem causar sérias perdas. No Brasil, estima-se que 4 milhões de litros de inseticidas são gastos anualmente, para o controle dessa praga, o que acarreta, obviamente, o encarecimento do produto, além da resistência, ressurgência de pragas, redução do número de inimigos naturais, afetando toda a cadeia alimentar dos animais.

Nas últimas décadas, o uso indiscriminado de agrotóxicos tem provocado danos ao meio ambiente e colocado em risco a saúde do homem. Assim, resultados de pesquisas realizadas em vários países vêm recomendando o uso do controle biológico, como uma arma eficaz para minimizar o ataque das pragas. É o caso do baculovírus anticarsia, desenvolvido pelo Centro Nacional de Pesquisa de Soja da Embrapa (CNPSoja), em Londrina, no Paraná, e hoje amplamente utilizado, no Brasil e em outros países, no controle da lagarta-da-soja.

Feromônios — Dentro deste princípio, o pesquisador Miguel Borges, da Área de Controle Biológico do Centro Nacional de Pesquisa de Recursos Ge-

néticos e Biotecnologia (Cenargen), está desenvolvendo um projeto, desde 1990, que visa ao controle biológico do percevejo, a partir da utilização de semioquímicos (feromônios) associados aos parasitóides *Trissolcus basalis* e *Telenomus podisi*, ou seja, vespas, que são atraídas pelo odor e se reproduzem no interior dos ovos dos percevejos, interrompendo, assim, seu ciclo reprodutivo.

Os feromônios são substâncias químicas de odor peculiar empregadas na comunicação entre indivíduos de uma mesma espécie. De forma simples e em diminutas quantidades, constituem o principal elemento da linguagem de comunicação entre os insetos.

A possibilidade de rompimento deste sistema, de modo a inviabilizar as futuras gerações da espécie-praga, tem motivado muitas pesquisas. Os feromônios sexuais são responsáveis pela atração entre os parceiros, para acasalamento.

Segundo Borges, o emprego dos feromônios pode ser feito, principalmente, das seguintes formas:

- * depositando-os na cultura, através de pulverizações, em quantidades que possam confundir os insetos-praga, de modo que machos e fêmeas não se encontrem;

- * colocando-os em armadilhas para reter os insetos atraídos pelo sexo oposto, interrompendo o ciclo reprodutivo do inseto-praga;

- * liberando semioquímicos para parasitóides (parasita dos ovos dos insetos-praga), a fim de que sejam atraídos e mantidos na lavoura, para controlarem a população da praga, através da destruição dos ovos.

SEMENTES DE FORRAGEIRAS

- FORRAG. VERÃO E INVERNO
- ADUBOS VERDE
- SORGO FORRAG.
- MILHO CARGILL
- SORGO GRANIF.

Ojronatura SEMENTES

Rua U, Nº 60
Parque Cidade Verde - ELDORADO DO SUL - RS
Fone/Fax (051) 481 3440

EDITORA FEPLAM

MANTENHA-SE ATUALIZADO,
ADQUIRA AS PUBLICAÇÕES
DA ÁREA RURAL DA
EDITORA FEPLAM

Faça seu pedido pelo Reembolso Postal:
Av. Bastian, 286
Fone: (051) 233-3723/229-5540
Fax: (051) 233-4624
Cep: 90.130.020
Porto Alegre/RS/Brasil

O maior e mais premiado
plantel da raça

MARCHIGIANA

OPORTUNIDADE

RANCHO CENTAURUS

Tourinhos
de 6 a 30 meses de
idade, altamente
selecionados,
estão à venda.

Informações:
Fone: (051) 233-1822
Porto Alegre/RS

Porco finca o pé em Dourados



Fotos: Ramão Carlos Martins

A atividade caiu como uma luva para garantir o lucro do produtor sul-mato-grossense. Ponto para os que não se deixaram abater pelas dificuldades iniciais

Chahine Abdo Sater

Nos últimos anos, o município de Dourados/MS só conhecia soja e boi. As propriedades rurais abrigavam criações de suínos somente para consumo interno. Ninguém via a suinocultura como uma fonte de renda. Mas, aos poucos, alguns produtores perceberam que a monocultura era inviável e partiram para a diversificação.

Uma das opções foi a suinocultura, atividade que tem trazido bons rendimentos

e ajudado os produtores a manter a propriedade. Diferente da agricultura, que tem picos, o porco é vendido o ano inteiro.

Um levantamento feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no final de 1993, mostrou que Dourados tinha 1810 matrizes e 20548 suínos para abate, somando-se 22358 cabeças. Este ano, o IBGE deve fazer uma nova pesquisa da pecuária municipal; assim, será possível saber exatamen-

te a quantidade de suínos existentes em Dourados. A Associação dos Suinocultores do Estado informa que Dourados tem, atualmente, 2843 matrizes, o que faz prever uma população total de mais de 40 mil cabeças.

Pioneirismo — No início da década de 80, quando a região ainda não conhecia a suinocultura comercial, um engenheiro agrônomo catarinense, reconhecendo a necessidade de promover a di-

versificação, decidiu investir no criatório. Na época, ele e mais quatro sócios, proprietários de uma empresa de planejamento agropecuário, decidiram partir para a produção em escala comercial, a fim de mostrar aos produtores-clientes a viabilidade da suinocultura.

No entanto, dois anos depois, com o surgimento da peste suína, os sócios desistiram do empreendimento. Então, Domingos Sávio Souza e Silva prosseguiu sozinho na atividade. Hoje, na Granja Natureza, uma propriedade de 80 hectares, afastada a 20 quilômetros da sede do município, ele tem um plantel de 1000 cabeças das raças landrace, large white e duroc, criadas a partir de uma avançada tecnologia.

Tecnologia — Antes de investir na suinocultura, Silva foi buscar tecnologia nas regiões tradicionalmente produtoras (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e São Paulo). Graças ao emprego da tecnologia, ele obtém animais de alta qualidade que são vendidos para pequenos, médios e grandes abatedouros. A maior parte da produção é comercializada na região. Mesmo assim, ainda sobra alguma coisa para exportar. Ele já vendeu para São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Minas Gerais. “Vendo para quem eu quero. Não tenho compromisso com nenhuma empresa”, diz o suinocultor.

Os porcos recebem ração balanceada à base de farelo de soja, milho, farelo de trigo e às vezes sorgo. Na propriedade ele produz boa parte dos produtos que necessita para ração. Dependendo das tendências do mercado, Silva guarda a produção ou vende para comprar depois, quando precisar.

Para este produtor, o uso técnico é fundamental para se obter um produto de ótima qualidade e competir no mercado. Ele destaca, por exemplo, a qualidade do farelo de soja que está sendo produzido e distribuído por uma indústria local, resumindo que “Esse farelo, acima dos padrões médios internacionais, permite a formulação de uma boa ração e, conseqüentemente, a obtenção de animais de primeira”.

Diversificação — O suinocultor defende que as propriedades agrícolas precisam se diversificar e verticalizar, procurando investir em atividades que se complementem entre si, proporcionando bons resultados financeiros e equilíbrio ecológico. Segundo ele, a suinocultura se integra perfeitamente na exploração da propriedade agrícola. Combina com qualquer outra atividade, facilita o fluxo de caixa possibilitando ganhos durante o ano todo. O lucro varia de 5% a 10% ao ano.



Giolando: todos os dias entra dinheiro

“A suinocultura é um bom investimento, pois converte produtos de baixo valor agregado (grãos) em produtos de maior valor, ou seja, carnes e seus derivados”, afirma o produtor que atualmente ocupa a presidência do Sindicato Rural de Dourados.

Tudo o que investi, até o momento, foi com recursos do próprio bolso, uma vez que se declara contrário à prática de subsídios, venha de onde vier. “O produtor deve buscar a auto-suficiência, para ser independente”, conclui Silva.

Grão em carne — Outro que vê vantagem em transformar grão em carne é Sebastião Giolando, que começou a in-

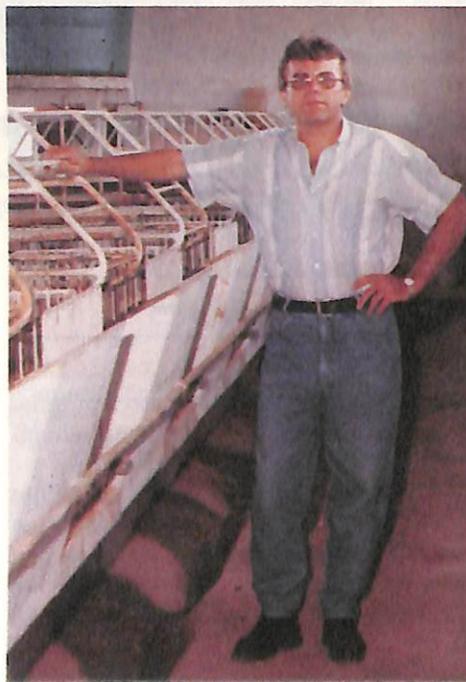
vestir em suinocultura em 1987. Ele entrou no setor para dar um destino mais útil à grande quantidade de produtos agrícolas que sobrava da safra. Inicialmente, eram apenas 60 matrizes. Em 1990 passou para 150 e em 1991 chegou a 500 matrizes. Giolando viu tanta vantagem na suinocultura que já está ampliando sua granja na fazenda Palmital para 700 matrizes.

A partir daí, começou a multiplicar suínos para uma empresa de melhoramento genético de São Paulo que lhe fornece os cachaços, assistência técnica e todo mês vai buscar 300 matrizes na Palmital, como pagamento. A fazenda ocupa uma área de aproximadamente 800 hectares, no distrito de Macaúba, a 35 quilômetros de Dourados, onde, além da suinocultura, desenvolve-se também a piscicultura e a agricultura.

Ao todo, Giolando comercializa cerca de 900 cabeças por mês. Trezentas são fêmeas e vão para a empresa, com o restante vendido para o abate dentro e fora do Estado. Os suínos criados na fazenda Palmital vão parar em São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Rentável — A empresa de melhoramento genético paga por matriz 30% a mais que o valor do mercado, o que dá um lucro líquido de 30 reais por matriz. Mesmo assim, Giolando considera a suinocultura rentável porque investe recursos próprios e produz pelo menos 80% da ração utilizada na alimentação dos porcos.

Ele que antes plantava apenas trigo e soja, quando investiu na suinocultura passou também a plantar milho. Hoje, o milho ocupa nada menos que 700 hecta-



Domingos Sávio: valeu o pioneirismo

res somando-se as safras de verão e a safrinha. Em época de boa safra, a produção chega a 35 mil sacas. A área de milho já superou a de soja que, nesta safra, ficou com 650 hectares.

Segundo Giolando, mesmo apresentando algumas oscilações, com períodos bons e ruins, a suinocultura ainda é viável porque "todos os dias entra dinheiro". É diferente da agricultura, diz ele.

O produtor está tão entusiasmado que pretende viabilizar o uso da soja que ele produz na fabricação da ração dentro da fazenda. O que ele quer é ser cada vez mais independente, assim como prega Silva.

Adotando a prática da verticalização, na fazenda Palmital nada se perde, tudo se transforma. As fezes dos suínos, por exemplo, são beneficiadas para se extrair a ração que vai servir para alimentar os peixes criados em cativeiro, uma atividade economicamente importante dentro da fazenda.

Alto investimento — Sebastião Giolando calcula que investiu cerca de dois mil dólares por matriz. A alta qualidade das fêmeas garante em média 10,8 leitões por parida. O plantel da fazenda Palmital gira em torno de 4800 cabeças abrigadas em barracões, que ocupam uma área de dois hectares. As raças são as mesmas criadas por outros suinocultores em escala comercial: landrace, duroc e larje white.

Todo este plantel consumiu em dezembro mais de 160 toneladas de ração. Só de milho foram 98 toneladas, farelo de soja 37 toneladas, de triticales foram mais de 17, além dos outros nutrientes acrescentados à ração.

Um estímulo para o milho — A suinocultura, aliada à avicultura, influenciou no aumento do plantio de milho na região de Dourados, principalmente no inverno, período da chamada safrinha, segundo o chefe do IBGE, Nerdino Paulino da Silva.

Não se pode negar que o desestímulo ao trigo também ajudou, pois os agricultores não tinham outra opção no inverno, admite Silva. Embora seja arriscado plantar no inverno por causa da geada, o milho ainda é uma das melhores opções, tendo em vista o baixo custo e a boa comercialização, afirma.

O plantio de milho no inverno vem crescendo significativamente desde a safra 90/91, conforme dados fornecidos pelo IBGE. Neste período, Dourados plantou 10 mil hectares na safrinha. Na safra 91/92 foram 14 mil hectares, aumentando para 25 mil na safra seguinte. Na última safra de inverno, foram plantados 50 mil hectares de milho. 

TECNOLOGIA NA INDUSTRIALIZAÇÃO DE POSTES DE MADEIRA

É o que a ICOTEMA emprega no tratamento da madeira do eucalipto para postes e mourões com todas as dimensões e padrões.

Consulte-nos



INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE TRATAMENTO DE MADEIRAS LTDA.

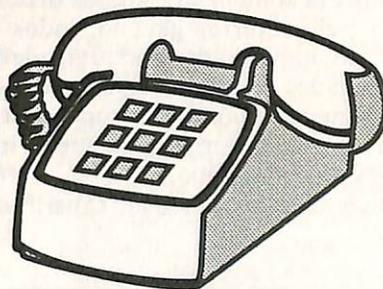
Matriz - Av. Eng.º Gianni Palanga, 191 - Itu - São Paulo
Telex 11 79815 - Fax: (011) 783-0269 - Tel. (011) 409-2611

Escritório - São Paulo - SP - Tel. (011) 826-5188

Assine a **agranja**

Ligue GRÁTIS

051 800 21 06



ASSINAR É MELHOR

Você economiza tempo e dinheiro e ainda recebe **GRÁTIS** o anuário **A GRANJA DO ANO**, contendo o mais completo índice de empresas, produtos e serviços.

Assine já!

INFORMATIVO FEDERACITES

A experiência que deu certo

*Os Clubes de Integração aproximam os produtores
e espalham tecnologia*

Getúlio Marcantonio

O homem do campo, em sua imensa maioria, vive só e distante das escassas informações disponíveis.

Estas duas limitantes dificultam o crescimento vertical da produção agropastoril. Inconformados, os gaúchos foram em busca de um instrumento capaz de vencê-las. Criaram os Clubes de Integração e Troca de Experiência — CITEs.

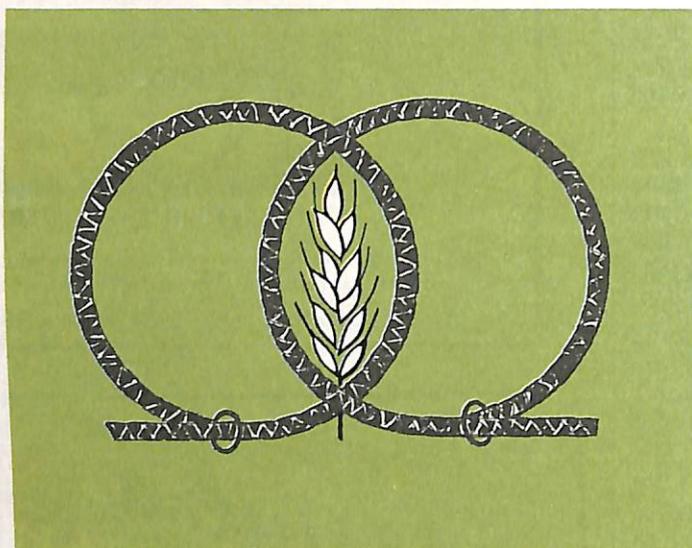
É um organismo similar aos CREAs, existentes no Uruguai e na Argentina.

Em duas décadas de vida, os CITEs lançaram sementes férteis no solo rio-grandense.

Hoje, já somam 112 grupos disseminados pelo interior gaúcho, toços em busca do aumento da produtividade das propriedades de seus componentes.

A riqueza maior flui da fonte cristalina da troca de experiências entre os integrantes de cada grupo.

Diversas cabeças somam experiências



e oferecem idéias para as melhores alternativas na orientação de cada propriedade.

Conscientes de que a informação é o principal insumo para os que produzem, os CITEs realizam anualmente um dia-de-campo, durante o outono, para observar as pesquisas geradas nas universidades e nas unidades da Embrapa, além de visitas aos experimentos vitoriosos nos

estabelecimentos mais avançados.

No mês de junho, com o mesmo propósito, fazem uma viagem de observação técnica, já tendo visitado os estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul, como também o Uruguai, a Argentina e o Chile.

Durante a Expointer, são realizados seminários sobre temas relevantes e lançado um livro técnico a cerca dos aspectos mais palpitantes da agropecuária gaúcha.

É fácil deprender que, jorrando as últimas pesquisas e a moderna tecnologia sobre os campos e as lavouras dos citeanos, a tendência imperiosa é o crescimento da produtividade e, conseqüentemente, da renda dos estabelecimentos associados.

Os frutos estão sendo colhidos: os citeanos já têm médias de produtividade altamente satisfatórias.

Mitsubishi Pajero ou L200.
Para você produzir muito sem passar trabalho.



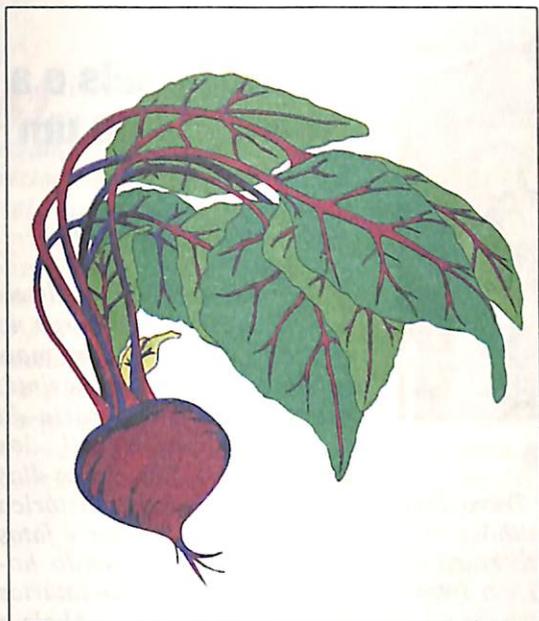
Ramada
DISTRIBUIDOR AUTORIZADO MITSUBISHI



O importado mais desejado do país.



Av Ipiranga, 5900 - Fones: 336 0371, 336 2809 e em Pelotas, Fone: (0532) 73 2664.



Beterraba o ano todo

A beterraba, uma das hortaliças preferidas no país, pode ser cultivada em maio. Para agricultores que querem uma variedade de ciclo precoce, com colheita aos 80-90 dias após o plantio, a Topseed Sementes, de Petrópolis/RJ, recomenda a early wonder tall top, que apresenta raiz de formato redondo/globular, com diâmetro de 7,5 a 8 centímetros e altura de 8 a 10 centímetros. A coloração interna é vermelho-escuro púrpura, enquanto a folhagem, medindo uma média de 35 centímetros, é verde-escura. Mais detalhes podem ser obtidos diretamente na Topseed, através do telefone (0242) 22.3080, fax 22.2270 ou, ainda, através de correspondência dirigida à caixa postal 92248, CEP 25741-970, Petrópolis/RJ.

Frutas para o mundo

US\$ 1 bilhão de receita nas exportações de frutas *in natura* nos próximos 5 anos. Esta é a meta da Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR) do Ministério da Agricultura, visando incrementar a venda externa de frutas frescas para consumo, que foi de apenas US\$ 160 milhões no ano passado. Ao todo, incluindo sucos e derivados, o negócio de frutas no Brasil movimentou US\$ 1,3 bilhão em 1994, uma soma considerada modesta pela SDR, já que o país pouco atua no mercado de exportação. Segundo a secretaria, embora esteja entre os maiores produtores mundiais, com 35 milhões de toneladas em 94, o mercado interno brasileiro absorve mais de 90% desse volume, pois o mercado internacional não reconhece o Bra-

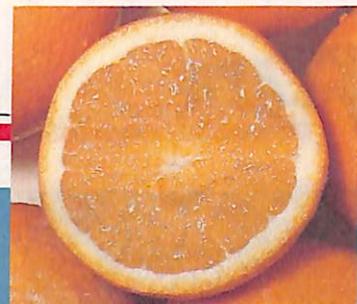
sil como fornecedor regular e exige um padrão de qualidade pouco adotado por aqui. Para contornar a situação, o ministério quer constituir, este ano, os comitês estaduais do Programa de Apoio à Produção e Exportação de Frutas, Hortaliças, Flores e Plantas Ornamentais (Frupe). Mas alerta que é preciso melhorar a colheita, o transporte e o manuseio de nossas frutas, sob pena de o país ficar à margem do setor agrícola de maior crescimento mundial contínuo nos últimos 10 anos.

Uma semana de citros

O centro Sylvio Moreira, de Cordeirópolis/SP, ligado ao Instituto Agrônomico de Campinas (IAC), promove, de 5 a 9 de junho, a 17ª Semana de Citricultura, visando atualizar agricultores, pesquisadores e agrônomos sobre as novas técnicas de produção. Outras informações podem ser obtidas com o coordenador do evento, Joaquim Teófilo Sobrinho, pelo telefone (0195) 46.1399. O centro fica na Rodovia Anhangüera (SP-330), km 158, caixa postal nº 4, CEP 13490-000, Cordeirópolis/SP.

Concorde aterrissa na horta

Selecionado do tradicional santa clara 1-5.300, o tomate concorde AG 595, lançado pela Agroceres Sementes, pode ser plantado em qualquer época do ano e resiste à podridão apical, à fusariose e à deficiência de cálcio. Próprio para consumo de mesa, de elevado peso médio (até mais de 200 gramas nas primeiras colheitas), com as seguintes recomendações técnicas: 1 por 0,5 metro de espaçamento, com uma planta por cova; colheita em 100 dias após a semeadura; e consumo de 120 a 180 gramas de sementes por hectare, numa média de 260 sementes por grama. Mais informações podem ser obtidas diretamente na Agroceres, através do telefone (011) 222.8522, ramais 345 e 352, ou pelo fax 223.1620.



Laranja polêmica

A safra paulista 95/96 de laranja deve render cerca de 320 milhões de caixas, uma produção 15,5% superior à safra anterior. A previsão é da Associação Brasileira dos Exportadores de Cítricos, contrariando as expectativas de quebra da produção, em função da seca que afetou os pomares em plena floração de setembro. Os citricultores, por sua vez, acham que a indústria vem superestimando o volume de colheita com o objetivo de derrubar os preços do fruto na hora da comercialização. Os dados da Abecitrus revelam que as árvores produtivas de São Paulo passaram de 150 milhões para 153 milhões caixas de 40,8 kg, e a produtividade deve pular de 1,84 para 2,09 caixas por pé.

Os passos da hidroponia

Qualquer pessoa, num pequeno espaço, pode ter sua produção saudável — e rentável — de hortaliças, flores e até pastagens usando, para tanto, o elemento básico da natureza, a água, afirma James S. Douglas em seu livro "Hidroponia — cultura sem terra". Nele, o leitor poderá encontrar dados históricos dessa técnica muito antiga e que agora volta com toda a força, devido a sua economia, assim como detalhes das hortas sem terra, unidades simples de crescimento, formas de nutrição das plantas, semeadura e cuidados gerais, mantendo as plantas saudáveis e produzindo flores para o lar, legumes e saladas para cozinha, etc. A edição é da Livraria Nobel, de São Paulo — fone (011) 876.2822 e fax 876.6988. Interessados do sul podem encontrar a obra na Leal, de Guaíba/RS — (051) 480.3309 e fax 480.4533.

ABC em casa nova

Aproximadamente R\$ 2 milhões foi o que custou a nova sede da Associação Brasileira de Criadores (ABC), na avenida José Cesar de Oliveira, 175, 11º andar, na capital paulista. Recentemente concluída, a nova sede é o primeiro passo para a inauguração do Centro de Convenções da entidade, conforme solicitaram seus mais de 3000 associados. Segundo o presidente da ABC, Guilherme Junqueira, e seu vice, Alberto Chap-Chap, o novo espaço, com 3000 metros quadrados, vai exigir investimentos da ordem de R\$ 1,2 milhão, e abrigará feiras, convenções, salas de treinamento e de eventos, além de contar com biblioteca, videoteca, cinemateca e um museu da memória agropecuária brasileira.



Trevo abre fábrica baiana

Dentro do seu programa de investimentos e expansão, a Adubos Trevo S.A. inaugurou em Salvador/BA, no mês passado, sua nona unidade industrial. O custo da misturadora, tida como uma das mais modernas do país, foi de US\$ 2 milhões, com capacidade para produzir 100 mil toneladas de fertilizantes ao ano e gerar 25 empregos diretos e 150 indiretos. O objetivo, explicou o presidente da empresa, Fernando Ferreira Becker, é atender a crescente demanda dos sojicultores de Barreiras, no sertão

baiano. Ao todo, a Trevo deve investir US\$ 25 milhões este ano, incluindo a abertura de outra misturadora em Imperatriz/MA (para atender a lavoura de soja da região de Balsas), a modernização da unidade da Argentina, e a duplicação de seu pier de carga/descarga de Rio Grande/RS, que demandará, sozinho, US\$ 18 milhões. "Tudo por causa do Mercosul e das boas expectativas com o mercado brasileiro, que deve crescer de 5% a 10% em 95", disse Becker.

Filial brasileira assume América Latina



Robert Petterson, presidente da subsidiária brasileira e vice-presidente da Caterpillar Inc., comandará a recém-criada Divisão Latino-Americana da empresa, incorporando o atendimento comercial para todos os países da região, inclusive o México. A unificação, explicou ele, foi concretizada pela atual abertura econômica, além da globalização dos mercados. A mudança, continuou Petterson, transforma a Caterpillar Brasil S.A., sediada em Piracicaba/SP, em fornecedora de equipamentos e componentes para todo o mercado continental, mantendo, ao mesmo tempo, sua política de exportações para 120 países.

Almeida Reis e a memória de um país em construção

Cronista Eduardo Almeida Reis volta à carga no mercado editorial com mais um lançamento: Pau de tinta. A obra traz a trajetória da construção no Brasil, dos tempos de colônia até os dias de hoje. A pesquisa histórica é recheada de humor e fatos pitorescos, envolvendo homens inventivos, mandatários e uma horda de ignóbeis e "chutadores" que, aos trancos e barrancos, construíram o que hoje se chama Brasil. Pedidos para a Editora Revan: fone (021) 293-4495, fax 273-6873.

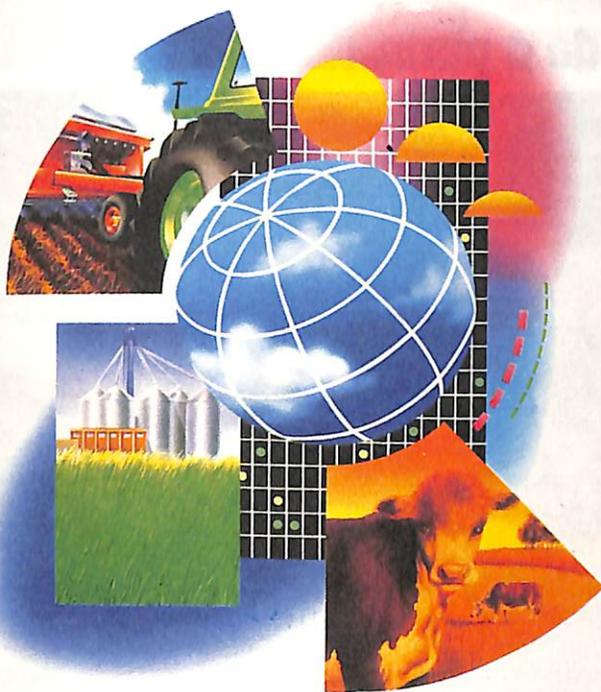
Agrônomos debatem o agribusiness em SP

Rumo ao Desenvolvimento do Brasil - o Agribusiness será o tema central do 19º Congresso Brasileiro de Agronomia, de 25 a 29 de julho, no Parque da Água Funda, em São Paulo/SP. Promovido pela Federação das Associações de Engenheiros Agrônomos do Brasil (Faeab) e realizado pela filiada paulista (Aeasp), o evento deverá atrair mais de 2000 profissionais, para debater assuntos como política agrícola, integração econômica regional, irrigação, segurança alimentar e os novos rumos da profissão. Detalhes e inscrições pelo fone (011) 221-6322, ou fax 221-6930.

A vez da savana

Mais de 1000 pesquisadores das áreas de solos, produção animal e agrícola, assim como os ligados ao meio ambiente e ecologia, deverão participar do 1º Simpósio Internacional sobre Savanas Tropicais, que ocorrerá paralelo ao 8º Simpósio Nacional sobre Cerrados, em Brasília/DF, entre 24 e 29 de março do ano que vem. São esperados especialistas de todos os cantos do planeta. Já

confirmaram presença pesquisadores da Austrália, África, Japão, Estados Unidos e Inglaterra. O tema proposto será: "Biodiversidade e Produção Sustentável de Alimentos e Fibras nos Cerrados". Informações preliminares podem ser obtidas com Lucilene Andrade, do Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados, em Planaltina/DF, através do telefone (061) 389-1171 ou fax 389-23953.



Córdoba na rota dos grandes eventos

A movimentação em eventos agroindustriais no exterior segue, de 17 a 21 deste mês, com a 2ª Feira Internacional de Tecnologia Agropecuária (Fitag) de Córdoba, Argentina. Na edição passada, mais de 18 mil produtores e técnicos participaram da realização, levando os organizadores a esperar o dobro desta vez. Apenas na exposição dinâmica, serão demonstrados produtos, máquinas e serviços numa área de 150 hectares. No total, o parque de Córdoba conta

com 145 mil metros quadrados, onde se destaca o pavilhão de 5000 metros quadrados para a exposição de animais que, este ano, contará com o apoio da Sociedade Rural Argentina (SRA). Outro destaque, informam os organizadores, será o foro agropecuário que, além de colocar produtores e indústrias em contato, também discutirá a nova realidade do setor a partir do Mercosul. Mais detalhes, no Brasil, podem ser obtidos através do fone (011) 259-3809, ou fax 288-4160.

Embrapa monitora defensivos

O Centro Nacional de Pesquisa e Avaliação de Impacto Ambiental (CNPMA) da Embrapa, em Jaguariúna/SP, desenvolveu um indicador para que os produtores possam verificar resíduos de defensivos nos alimentos produzidos. Batizado de DAC (Defensivos Aplicados com Ciência), o indicador está sendo aplicado em Guaira/SP e em Petrolina/PE. Agricultores interessados na tecnologia devem contatar Domingos de Azevedo Moura, consultor do CNPMA, pelo telefone (0192) 67-1721, ramal 2018.

Meio ambiente mapeado

Sem similar no País, chega às livrarias o "Atlas do Meio Ambiente do Brasil", co-editado pela Embrapa, Editora Terra Viva e Fundação Banco do Brasil. Com linguagem simples e objetiva, fartamente ilustrado com mapas, gráficos e tabelas, a obra reúne informações atualizadas sobre explosão demográfica, crescimento urbano, devastação de florestas, energia, erosão, desertificação, poluição e lixo. Pode ser adquirido por reembolso postal, com pedidos pelo fone (061) 349-8073 ou fax 272-4168.



Curtas

MUDAS GRÁTIS de espécies nativas para agricultores das regiões do Alto Paraíba, Pontal do Paranapanema e Alto Tietê podem ser obtidas na Companhia Energética de São Paulo (Cesp). Fone (011) 259-6814.

O DEPARTAMENTO de Zootecnia da Esalq/USP, em Piracicaba, promove, este mês, curso de produção de volumosos para equinos, nos dias 25 a 26, analisando o uso de pastagens, produção de feno, alfafa e capineiras. Mais dados pelo fone (0194) 29-4339.

HAITI e Namíbia são países que estão na iminência de receber tecnologias desenvolvidas pela Embrapa. Os acordos de cooperação seguem o modelo já adotado com El Salvador, Tunísia e Malásia, contando com o apoio financeiro da FAO.

Anote aí

CURSOS da Associação de Engenheiros Agrônomos de São Paulo, em maio: dia 6, helicicultura (criação de escargôs); dia 9, produção de sementes de gramíneas, leguminosas e forrageiras; dia 13, cultivo de cogumelos; e dia 15, hidroponia. Fone (011) 221-6322.

O MERCOSUL continua na pauta das discussões na Feira Nacional de Tecnologia Agroindustrial (Agrotec 95), de 5 a 10 de setembro, no Centro de Exposições Albatroz Franco, em Campo Grande/MS. Os assuntos em debate vão da produção de insumos à eletrificação rural, entre outros. Mais dados através dos fones (067) 383-3195 e 721-2780, em Campo Grande, ou (011) 62-6457, em São Paulo.

Premiando o precoce

Cerca de 20 importantes estabelecimentos pecuários já haviam confirmado, até o fechamento desta edição, a participação no 2º Show do Novilho Precoce, durante a 23ª Exposição Agropecuária e Industrial do Sul do Mato Grosso (Expo-sul), em Rondonópolis/MT, de 19 a 28 de maio. O certame, conforme esclareceu o Sindicato Rural local, vai premiar a melhor carcaça de todos os lotes inscritos, avaliados por um jurado europeu e abatidos no frigorífico Frigomarca. Foram inscritos animais das raças nelore padrão, marchigiana, charolês, limousin, santa gertrudis, canchim, simental brangus, 1/2 sangue aberdeen-angus e nelore LB. Maiores informações sobre o concurso de carcaça e sobre a programação da Expo-sul, incluindo os leilões, podem ser obtidas através do fone (065) 421.7557.

Touro? Use o sumário

Quanto você gasta ou investe em sêmen a cada ano? Que informações você utiliza na seleção ou compra de touros de reposição? Você tem certeza de que o material genético que está adquirindo possui qualidade? Para auxiliar o criador de bovinos aberdeen-angus, charolês, devon e hereford nestas questões, a Associação Nacional de Criadores - Herd Book Collares, com sede em Pelotas/RS, está lançando o Sumário de Touros 94-95. Nele, o produtor poderá avaliar, através das Diferenças Esperadas de Progenie (DEP's), os touros pais adequados para seu rebanho. Interessados podem solicitar o trabalho através do telefone (0532) 22.4576 e 25.2773.

O cavalo na TV

A produtora ArtVideó, de São Paulo, está dando desconto de preços em sua coleção sobre cavalos. São 19 títulos, analisando desde a construção do haras até raças, manejo, doenças e alimentação. Pedidos pelo número (011) 65.2418 e 873.0353.

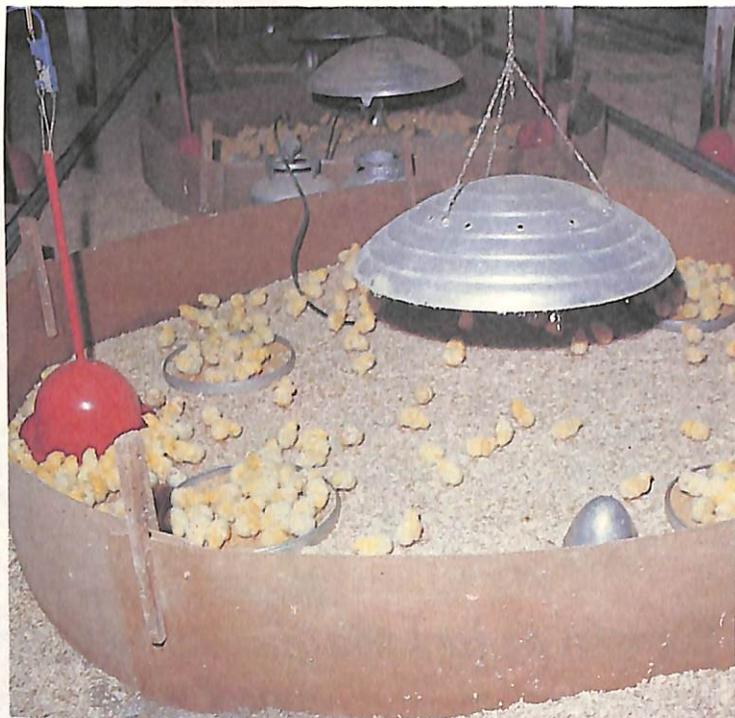
Flórida e Brasil aumentam intercâmbio

Orlando e Kissimmee, na Flórida/EUA, se preparam para receber visitantes estrangeiros, inclusive brasileiros, durante a 25ª Exposição e Conferência Internacional sobre Agricultura e Pecuária, de 5 a 13 deste mês. "Será uma excelente oportunidade para os produtores de todo o mundo que desejam conhecer os avanços tecnológicos na área, que colocaram a Flórida da liderança em diversos segmentos da produção primária norte-americana", destacou Bob Crawford, secretário da Agricultura daquele estado. No encerramento, ele lembrou que será realizado o sorteio de uma viagem para a edição de 96. No ano passado, ganhou um

fazendeiro da Nicarágua. Em contrapartida, um grupo de aproximadamente 60 agropecuaristas dos Estados Unidos desembarca no Brasil, em 26 de agosto, para uma série de visitas que inicia com a 18ª Expointer, em Esteio/RS, e prossegue por São Paulo, Brasília e Rio. A viagem é organizada pela The Fellow Ranchers International (FRI), entidade que congrega fazendeiros de todo o mundo. Para maiores informações sobre a ida aos EUA ou sobre a vinda dos norte-americanos contatar o professor Jacy Alves, presidente da FRI no Brasil, através do telefone (034) 261.5999 ou fax (034) 261.1626.

Defenda o pinto do frio

Com a chegada, no Sul, dos primeiros sinais de inverno, chuvas prolongadas, frio e geadas, o avicultor deve ficar atento às condições sanitárias do plantel, evitando a instalação de problemas respiratórios graves. Conforme o consultor Mauro Gregory Ferreira, é importante manter a campânula dos pintinhos a 33 graus centígrados constantemente, pelo menos nos primeiros dias de vida. Cuidado especial com a campânula à lenha, que eleva o calor na hora da colocação da lenha mas, se não realimentada durante a madrugada, permite uma queda vertiginosa de temperatura. Esta variação brusca provoca, segundo Ferreira, estresse, reduz a resistência orgânica e facilita a contaminação por vírus ou bactérias. Em locais frios, recomenda-se fazer tendas com cortinas velhas, dentro dos galpões, em cada campânula ou duas campânulas, no formato de lona de circo, concentrando o calor ambiental. Nos períodos frios, é comum ocorrerem mortes de aves mesmo embaixo da campânula. Embora atribuída ao frio, a mortalidade é decorrente da desidratação, pois os pintinhos que ficam no centro da campânula, onde o ar é extremamente seco, não conseguem se movimentar pela aglomeração e não bebem água, morrendo desidratados. Para contornar o problema, o criador



deve colocar uma lata de 3 litros (destas de óleo de automóvel) com areia grossa até 2/3 da superfície. A areia deve ser umedecida duas à três vezes ao dia, reidratando o ambiente. Outro detalhe: manejar corretamente as cortinas externas do galpão, a fim de reduzir o nível de amônia gerada pelas fezes. As cortinas devem ser abertas tão logo seja possível, e nunca de forma que os ventos incidam diretamente nas aves. O abrir e fechar das cortinas ajuda a manter a cama seca, já que a cama úmida e o nível elevado de amônia provocam irritação das vias aéreas e espirros, abrindo caminho para as doenças respiratórias.



Asgrow aposta no milho doce

Grãos tenros, de alta digestibilidade, em espigas que podem ser colhidas num período de 7 a 10 dias, ante o normal de 2 a 3 dias. Estas são algumas das características do milho híbrido superdoce lançado pela Asgrow Sementes, de Campinas. Para o consumo *in natura*, o produto chega ao mercado em latas com 200 gramas de sementes, permitindo aos agricultores fazerem pequenos plantios experimentais de 150 a 200 metros quadrados, com lavouras obedecendo a seguinte densidade: 10 sementes por metro linear, entrelinhas de 90 centímetros e raleio de 4 a 5 plantas por metro, somando de 40 a 45 mil plantas por hectare. Mais informações: (0192) 52.0555 ou 74.3116, e fax 55.8631.

Uva em livro da Fealq

Destinado a técnicos, produtores e estudantes, acaba de ser lançado o livro *Uvas para o Brasil*, de Julio Seabra Inglez de Souza, editado pelo departamento de difusão de tecnologia da Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (Fealq), de Piracicaba/SP. A obra abrange todos os aspectos da viticultura, desde os primórdios de sua introdução no Brasil até as tecnologias de produção hoje recomendadas. Pedidos e informações diretamente na Fealq, na Avenida Carlos Botelho, 1025, CEP 13416-145, Piracicaba/SP, ou pelo fone (0194) 29-4339.

Adubo verde "adoça" a cana

Leguminosas como a crotolária, a mucuna e a soja, utilizadas como adubação verde no canavial, por dois anos seguidos, aumentam a rentabilidade da cana em, respectivamente, 39%, 33% e 26%. Esta foi a conclusão da pesquisa do Instituto Agrônomo de Campinas, com experimentos realizados, durante três anos, no município de Sales de Oliveira/SP. De acordo com o pesquisador Hipólito Assunção Antonio Mascarenhas, estas coberturas vegetais, além de fixar o nitrogênio no solo, reciclar os nutrientes, controlar as ervas daninhas e evitar a erosão, ainda demonstraram mais tolerância aos nematóides *M. javanica* e *M. incognita*, e colaboraram com o aumento da produtividade da cana e do teor de açúcar. O máximo obtido ocorreu na parcela que foi plantada por dois anos seguidos com crotolária, onde a produtividade cresceu 47 toneladas/hectare e o teor de açúcar melhorou em 5,5 toneladas/hectare. Outras informações no IAC, pelo fone (0192) 42.2600 ou 42.2856.

Pouca soja por falta de manganês

A deficiência de manganês nos solos dos Cerrados está provocando quebras de até 50% na lavoura de soja, como alerta, de Planaltina/DF, o pesquisador Cláudio Sanzonowicz, do Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados (CPAC), da Embrapa. Para confirmar o problema, ele explica que o produtor deve observar as folhas mais novas da soja, tentando verificar a ocorrência de clorose, nervuras verdes-escuras, com folha verde-pálido ou amarelo-pálido, e até áreas necrosadas, se a deficiência for séria. Para corrigir o problema, ele sugere adubação foliar com óxido ou sulfato de manganês e, em caso de lavouras que serão implantadas no próximo ano, aplicação no sulco,



por ser mais eficaz que a lanço. Recomenda-se ainda a rotação com culturas menos exigentes em manganês, como o milho, por exemplo. Mais detalhes pelo fone (061) 389-1171, ramal 124.

Embrapa lança milho de várzeas e triplo

ASementes Demefertil, de Uberlândia/MG, está lançando diversas variedades desenvolvidas pelo Centro Nacional de Pesquisa do Milho e do Sorgo (CNPMS), da Embrapa, em Sete Lagoas/MG, entre as quais o milho saracura, indicado para áreas inundáveis, e o sorgo BR-376, com teor mais elevado de tanino e que, por isso, não sofre o ataque de pássaros. O pesquisador João Marcos da Cunha, do Serviço de Produção de Sementes Básicas do Centro, explicou que o milho saracura rende de 4000 a 5000 quilos/hectare em terrenos com ou sem lâmina d'água, o que lhe transforma numa boa opção para áreas com problemas de drenagem. Assim como o sorgo BR-376, o saracura terá suas sementes disponíveis para a próxima safra, através das 28 multiplicadoras franqueadas da Embrapa. A empresa prepara, ainda, outros lançamentos. Na próxima primavera, os agricultores deverão contar com sementes do sorgo BR-751, grande produtor de massa verde, pois possibilita um segundo corte 45 dias após o primeiro. "E, em dois anos, deveremos lançar variedades de milheto, seguindo a tendência atual de mercado", disse Cunha. O grande lançamento, no entanto, será em junho ou julho, quando estará testado o primeiro híbrido triplo a levar o registro BR. De ciclo normal (120 dias), grãos amarelos e duros, o triplo da Embrapa, ainda chamado de HT 2X, será indicado para lavouras com alta tecnologia e irrigação controlada. Sua principal característica é o alto rendimento, com potencial para até 17 mil quilos por hectare, desde que a lavoura seja bem conduzida. Segundo o pesquisador, ele custou dez anos de pesquisas, e sua produtividade média será 8% a 10% maior que o rendimento dos duplos existentes no mercado.



Mula que marcha tem prêmio

Cerca de 80 animais selecionados da BA, SP, GO, MG, RJ, MS e MT devem participar do campeonato morfológico da 10ª Exposição Nacional do Jumento Pêga (Enapêga), de 6 a 12 de junho, no Parque da Gameleira, em Belo Horizonte/MG. Paralelamente, a promoção da Associação Brasileira dos Criadores de Jumento Pêga (ABCJPêga) apresentará o 7º Concurso Nacional de Marcha de Muares (híbridos burros e mulas, resultantes do cruzamento de jumentos com éguas), com provas nos dias 9, 10 e 11 de junho. Conforme a presidente da associação, Lígia Moreira, aproximadamente 100 muares vão disputar a competição, avaliados por três juízes quanto ao estilo, rendimento, regularidade, resistência e comodidade do andamento. O proprietário do vencedor, acrescentou ela, receberá um carro zero quilômetro de prêmio. Na disputa do ano passado, que contou com 76 muares, a vencedora do concurso de marcha foi a mula Goiana, do paulista Álvaro Aparecido Biasetto. Já na mostra morfológica, o grande campeão pêga foi Tupã da Lagoa, de Tarcísio Resende, de Lagoa Dourada/MG, de onde também foi a campeã, Rena Nobreza, propriedade de Renato Joaquim Resende.

QM Patrícia: médias 21% maiores

Como se esperava, o 2º Leilão do Haras Patrícia e Convidados, em Dourados/MS, no final de março, vendeu 48 eqüinos quarto de milha com preços médios gerais de US\$ 2.562,50, 21% acima da média geral do ano passado (US\$ 2.107,00). A arrecadação total foi de US\$ 123.000,00. "Os compradores confirmaram a tendência de valorizar animais já domados", justificou o proprietário do Patrícia, Domingos de Souza Medeiros, ao lembrar que a metade da oferta era de exemplares adestrados. Aliás, coube à fêmea adestrada para aparta-

AS MÉDIAS DO LEILÃO

Machos puros.....	US\$ 3.100,00
Fêmeas puras.....	US\$ 3.130,00
Mestiços.....	US\$ 1.700,00

ção Miss Doc Peppy o maior preço do leilão, vendida por Medeiros para Jurema Melgarejo Rodrigues, de Dourados, por US\$ 7.200,00. Entre

os machos domados, o destaque foi para um mestiço 7/8 da Cia. Agrícola e Pastoral Campanário, convidada do evento, que valeu US\$ 4.500,00 ao ser adquirido pelo comprador paraguaio Francisco Xavier Gonzalez. O maior comprador foi Luiz Reinaldo Rios Cruz, que arrematou 10 lotes por US\$ 16.000,00, e levou os animais para sua propriedade em Matupá/MT.

O BRASIL BATE O MARTELO



Leilão	Local	Data	Animais vendidos	Maior preço	Preço médio	Preço total
9º Rancho das Américas QM - Elite	Porto Feliz/SP	10/04	56 eqüinos	R\$ 32 mil	R\$ 8.508,92	R\$ 476,5 mil
9º Rancho das Américas QM - Super Select	Porto Feliz/SP	10/04	22 eqüinos	R\$ 80 mil	R\$ 18.113,63	R\$ 398,5 mil
9º Rancho das Américas QM - Select	Porto Feliz/SP	10/04	28 eqüinos	R\$ 29 mil	R\$ 11.071,42	R\$ 310 mil
9º Rancho das Américas QM - Velocidade	Porto Feliz/SP	10/04	46 eqüinos	R\$ 14 mil	R\$ 3.567,39	R\$ 164,1 mil
9º Rancho das Américas QM - Coberturas	Porto Feliz/SP	10/04	55 coberturas e 3 garanhões	R\$ 25 mil	R\$ 3.177,00	R\$ 184,3 mil
Rosa do Sul - PSI	São Paulo/SP	29/03	36 fêmeas e 3 potros	R\$ 30 mil	R\$ 11.276,00	R\$ 439,8 mil
Especial Trump Plaza PSI	São Paulo/SP	29/03	50 eqüinos	R\$ 15 mil	R\$ 5.736,00	R\$ 288 mil
Jersey Para Todos	São Paulo/SP	28/03	46 bovinos	R\$ 5.400,00	R\$ 1.571,00	R\$ 72,3 mil
2º Internacional de Éguas Crioulas	Uruguiana/RS	25/03	24 éguas	R\$ 6,6 mil	R\$ 2.787,50	R\$ 66,9 mil
5º Special Line Appaloosa	São Paulo/SP	21/03	34 eqüinos puros	R\$ 15 mil	R\$ 2.264,00	R\$ 77 mil
HRO Relâmpago Simental	São Paulo/SP	20/03	51 bovinos	R\$ 35 mil	R\$ 5.925,00	R\$ 302,2 mil

ONDE O MARTELO VAI BATER



Preço elevado no jersey Bom Pastor

A vaca Gusto Cynthia, de 3,5 anos, filha de Milestone Advancer Gusto e Cynthia of Heaven Hill e prenhe de Shamrock (parto previsto para 21 de outubro), valeu R\$ 48.000,00 no 1º Leilão Bom Pastor da Raça Jersey, no Agrocentro, São Paulo/SP, no início de abril. A fazenda Bom Pastor pertence a Paulo Nolli. O preço foi pago pela Fazenda Lumiar, de Caetés/MG, que considerou, para a aquisição, a qualificada carga genética canadense da fêmea (incluindo sangue de Top Brass), paga em 12 parcelas corrigidas pela poupança. No total, foram comercializados 41 animais por uma média de R\$ 3.951,00, somando R\$ 161.991,00. O leilão comandado pelo escritório Pinheiro Machado, além dos animais da Bom Pastor, também vendeu exemplares da Agropecuária América, Chácara Glarus e outros criadores convidados.

Leilão	Local	Data	Oferta	Informações
25º Leilão VR	Uberaba/MG	01/05	Nelore puro	(011) 872-1722
6º Rancho Tânia	Uberaba/MG	02/05	55 quarto de milhas e 10 paint horses	(011) 872-1722
Leilões da 18ª Expoleite-RS	Esteio/RS	19 a 21/05	Oferta variada	(051) 336-2067
Leilões do 2º Expo-Show QM e Nelore	Castanheira S. Center Belém/PA	31/05 a 03/06	Cavalos QM e nelores	(091) 245-1515
Leilões do 3º Congresso Panamericano Appaloosa	Agrocentro/SP	01 a 03/06	Cavalos appaloosa	(011) 262-7800

EXPOSIÇÕES E FEIRAS NACIONAIS

12ª Expo. Agropecuária	03/05	Petrópolis/RJ
23ª Expo. Agropec. e Indl.	04/05	Paraíba do Sul/RJ
23ª Expoingá	05/05	Maringá/PR
21ª Feira de Bezerros	07/05	Guarapuava/PR
26ª Expo. Agropecuária	08/05	Franca/SP
17ª Semana do Cavalo Pantaneiro	10/05	Poconé/MT
16ª Expo. Agroind. e Com.	11/05	Campos Novos/SC
28ª Expo. Agropec. de Barbacena	14/05	Barbacena/MG
60ª Expo. Agropec. de Goiás	15/05	Goiânia/GO
Zooshow 95	15/05	Pirassununga/SP
16ª Expoleite	17/05	Estelo/RS
23ª Exposul	19/05	Rondonópolis/MT
31ª Expo. Agropecuária	20/05	Dourados/MS
17ª Expo. Agropecuária	20/05	Mafra/SC
13ª Expo-feira Agropecuária	21/05	Conceição do Araguaia/PA
29ª Feira Agropec. e Indl.	22/05	Ourinhos/SP
Expo. Agropecuária	24/05	Currais Novos/RN



Árabe com sotaque gaúcho

De 120 a 130 equinos são esperados na 8ª Exposição Sul-Brasileira do Cavalo Árabe, de 18 a 21 de maio no parque Assis Brasil, em Esteio/RS, durante a 18ª Expoleite. A mostra é ranqueada (1,5 ponto no certame oficial nacional), deve atrair expositores de todo o sul do país e do Uruguai. Na programação, leilão de puros voltados à funcionalidade (dia 20, oferecendo de 20 a 25 animais), provas de performance e de rédeas. Informações pelo fone (051) 332-6934.

Luxo e bons preços no andaluz Itapuã

Mais de 500 pessoas participaram do sofisticado 6º Festival Itapuã e Convidados, no Morumbi Center, em São Paulo, no final de março, quando foram vendidos 29 equinos andaluz por um total de R\$ 233 mil, representando média geral de R\$ 8.034,50. O Leilão inaugurou uma nova casa de vendas de cavalos na capital paulista, localizada no shopping Morumbi, e foi considerado muito ágil, pois durou apenas duas horas. Além da ambientação dos cavaleiros trajando roupas típicas da Andaluzia (Espanha) — de onde a raça é originária, embora existam versões de que seja proveniente do sul de Portugal — o pregão teve, ainda, demonstrações das escolas paulista e brasileira de arte equestre.

O exemplar mais caro foi o garanhão de pelagem negra Raio X Itapuã, com 3,5 anos, adquirido pelo criador paulista Luiz Ermírio de Moraes por R\$ 20 mil, seguido pelo tordilho Roxer Itapuã, de 3,5 anos, arrematado por Marcelo Girondo (SP) por R\$ 16 mil. “Foi um evento com comercialização linear e preços equilibrados entre todos os animais ofertados”, avaliou o proprietário do Haras Itapuã, Enio Monte, satisfeito com o resultado das vendas, ao lembrar que as médias ficaram 27% acima das obtidas na edição do ano passado. Participaram, como convidados, os haras Xapuri, Purificación, Harmonia, dos Garanhões, Agabê e Yndaiá, com o remate comandado pela Meta Leilões e pagamento em 20 parcelas sem correção.

ESCOLHA SUA COLHEDEIRA



SUPERTRATORES

	MODELO	TIPO	CV	PREÇO
IDEAL	9070	grão	120	R\$ 65.713,
	9070	arrozeira	120	R\$ 62.552,
	9075	grão	120	R\$ 73.029,
	9075	grão turbo	145	R\$ 77.053,
	9075	arroz	120	R\$ 74.144,
	9075	arroz turbo	145	R\$ 78.230,
LAVRALE	L 300	arrozeira/direto	52,5	R\$ 48.559,
	L 300	p/cereais	52,5	R\$ 49.031,
	L 300	p/milho	52,5	R\$ 56.329,
LEILA	LEILA 2	esteira	M790	R\$ 42.324,
	LEILA 2	roda	M790	R\$ 38.244,
	LEILA 1	esteira	M790	R\$ 36.715,
	LEILA 1	roda	M93	R\$ 34.675,
MASSEY FERGUSON	3640	arrozeira	120	R\$ 63.591,
	3640	grão	120	R\$ 62.050,
	5650	grão	120	R\$ 65.490,
	5650	arrozeira	120	R\$ 66.033,
	5650	grão turbo	145	R\$ 70.897,
	5650	arroz turbo	145	R\$ 69.487,
	MX 90	grãos	120	R\$ 75.419,
	MX 90	grãos turbo	145	R\$ 78.572,
	MX 90	arrozeira	120	R\$ 75.862,
	MX 90	arrozeira turbo	145	R\$ 78.990,
	6845	grão	120	R\$ 75.419,
	6845	grãos turbo	145	R\$ 78.572,
	6845	arrozeira	120	R\$ 75.862,
	6845	arroz turbo	145	R\$ 78.990,

	MODELO	TIPO	CV	PREÇO
N. HOLLAND	TC 55	arroz irrigado	135	R\$ 74.570,
	TC 55	trigo e soja	135	R\$ 75.648,
	TC 57	arroz irrigado	170	R\$ 84.428,
	TC 57	trigo e soja	170	R\$ 85.669,
SANTA MATILDE	5105		95	R\$ 47.512,
	1200		95	R\$ 44.511,
SLC	6300	versão básica (S/PC)	135	R\$ 56.517,
	7300	versão básica (S/PC)	135	R\$ 59.022,
	7500 turbo	versão básica (S/PC)	165	R\$ 68.010,
	7700 turbo	versão básica (S/PC)	165	R\$ 69.772,
	6300	versão arrozeira (S/PC)	135	R\$ 57.261,
	7300	versão arrozeira (S/PC)	135	R\$ 59.934,
	7500 turbo	versão arrozeira (S/PC)	165	R\$ 66.237,
	Série 300	plataformas		
	PC 314R	cutte 14 pés rígida		R\$ 9.917,
	PC 316R	cutte 16 pés rígida		R\$ 10.152,
	PC 314F	cutte 14 pés flexível		R\$ 10.445,
	PC 316F	cutte 16 pés flexível		R\$ 10.932,
	PC 319F	cutte 19 pés flexível		R\$ 12.831,
	PM SLC 204	p/milho 4 linhas regul.		R\$ 13.065,
	PM SLC 205	p/milho 5 linhas regul.		R\$ 14.472,
	PM SLC 206	p/milho 6 linhas regul.		R\$ 16.968,
CE SLC	conj. de esteiras 6 R		R\$ 15.779,	

OBS: 1) Os preços são posto-fábrica, fornecidos em abril. 2) Preços para as regiões Sul e Sudeste.

PREPARE TERRENO PARA UMA SUPER SAFRA

TM16 FullTraction



Uma lavoura lucrativa se faz com força e determinação. O produtor se depara com fatores incontroláveis como as condições climáticas e a economia do País. Entretanto, a escolha de um trator produtivo e confiável já é meio caminho andado para o sucesso da lavoura.

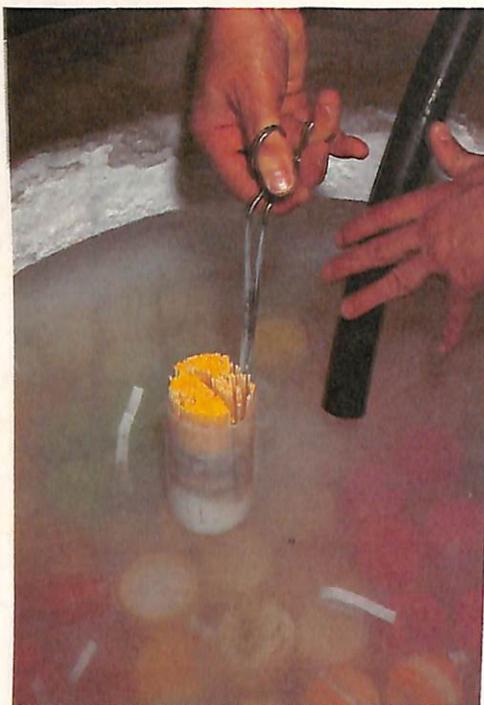
Pensando nisso, a Müller projetou o TM16 FullTraction, o trator que oferece além de maior produtividade em sua faixa de potência, conforto e visibilidade totais ao operador.

Com 155 CV, motor Cummins ou MWM, chassi articulado, eixos iguais, rodado simples ou duplo e cabine opcional, é o equipamento ideal para as mais duras tarefas do preparo do solo.

Fale com um distribuidor Müller e conheça o seu mais novo parceiro.



(021) 452-2000



Banco de óvulos

Os técnicos do Centro Nacional de Pesquisa de Recursos Genéticos e Biotecnologia (Cenargen), unidade da Embrapa sediada em Brasília/DF, conseguiram 43,5% de resultados positivos em testes com congelamento de óvulos de bovinos. O índice foi considerado altamente satisfatório, uma vez que nenhum pesquisador, no mundo, havia desenvolvido uma técnica de congelamento apropriada para óvulos de bovinos, como foi feito com sêmen e embrião. Com esta técnica, o pecuarista pode fazer o melhoramento genético do rebanho mais rapidamente, pois não é preciso esperar que uma novilha cresça para retirar os óvulos. A partir dos seis meses de idade, já é possível retirar óvulos de uma fêmea. A técnica ainda permite a criação de um banco com material de várias raças, que poderão produzir bezerros de vacas já mortas.

Palmas para o exterior

A Empresa Brasileira de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia Ocidental, localizada em Rio Preto da Eva/AM, está exportando sementes de dendê (palma) para a Colômbia e o Equador. Trata-se

de sementes híbridas, resultantes do cruzamento entre o dendê introduzido da África e o caiaú, espécie nativa da Amazônia. O material da Embrapa apresenta a mesma produção de sementes da Costa Rica, porém o custo de colheita do material desenvolvido no Centro é mais baixo, devido a menor altura da planta. A entidade, aliás, possui um milhão de sementes em estoques e capacidade para produzir três milhões na Estação Experimental do Rio Urubu, a 80 quilômetros de Manaus.

Cura da AIDS?

Uma substância química encontrada nas folhas da *Eugenia florida*, planta da família da goiabeira, revelou-se em testes de laboratório cerca de 60 mil vezes mais potente que o AZT, tradicional medicamento no combate ao vírus da AIDS. A substância foi isolada pelo pesquisador gaúcho Mário José Junges, da Fundação Universidade de Rio Grande (FURG). Segundo ele, o componente da fruta mostrou ser um poderoso bloqueador do ingresso de vírus nas células, segundo também atestou o laboratório francês Rhône-Poulenc, onde foram feitos os testes. A análise indicou uma ação sobre a permeabilidade da célula, impedindo a entrada do vírus HIV e determinando a sua inativação. Junges, juntamente com seu colega João Batista Fernandes, da Universidade de São Carlos/SP, busca, agora, conseguir a patente da substância.

Pesquisa quer salvar o peixe-boi

O maior animal aquático da Amazônia corre risco cada vez maior de extinção. A matança indiscriminada do peixe-boi está fazendo com que os pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia se mobilizem de forma intensiva. O trabalho principal está centrado em cima do estudo dos hábitos da espécie, que vem sendo dizimada pela população que habita as margens de rios, devido ao sabor de sua carne. O peixe-boi chega a pesar 350 quilos, e a fêmea dá apenas um filhote a cada 12 meses, amamentando-o durante um ano.



Mel versus câncer

Pesquisas recentes, feitas nos Estados Unidos, revelaram que vários ingredientes do mel e da própolis possuem propriedades anticancerígenas. A boa nova consta na edição de março do jornal *Mensagem Doce*, editado pela Associação Paulista de Apicultores Criadores de Abelhas Melíferas Européias, que tem sede em São Paulo/SP. Os ingredientes em questão são os ácidos cafêicos, que se mostraram eficientes em acabar com o câncer de animais de laboratório. Segundo o jornal, também os cientistas russos conseguiram comprovar que o mel evita a ocorrência de tumores e a metástase; ou seja, a disseminação do câncer para outras partes do corpo.

Biodigestor gigante

A Usina São Martinho, a segunda maior do planeta, localizada em Pradópolis/SP, está prestes a inaugurar um complexo industrial com o maior biodigestor termofílico de vinhaça do mundo. Construído em aço carbono, o tanque de biodigestão tem seis metros de altura, 34 metros de diâmetro e pode processar 5 milhões de litros de vinhaça por dia na época da safra. O reator vai elevar a qualidade da vinhaça, usada como fertilizante, melhorando o seu pH. O investimento de US\$ 2,5 milhões é resultado de quase 10 anos de pesquisa, que começou com um biodigestor-piloto de 75 mil litros. A biodigestão anaeróbia (sem oxigênio) é um processo fermentativo, realizado por bactérias onde ocorre a transformação parcial da matéria orgânica da vinhaça (subproduto do álcool da cana-de-açúcar) em biogás (mistura de gás metano em gás carbônico, entre outros).

NOVIDADES NO MERCADO

Contra as cólicas dos cavalos

Para prevenir ou combater distúrbios gastrointestinais dos equinos, como cólicas e diarreias não-bacterianas, verificadas no pós-parto e pós-operatórios, mudanças de alimentação e estresse em geral. O produto é constituído por um mucilóide polissacarídeo purificado, rico em pentoses que, em contato com água ou suco gástrico, forma uma massa gelati-

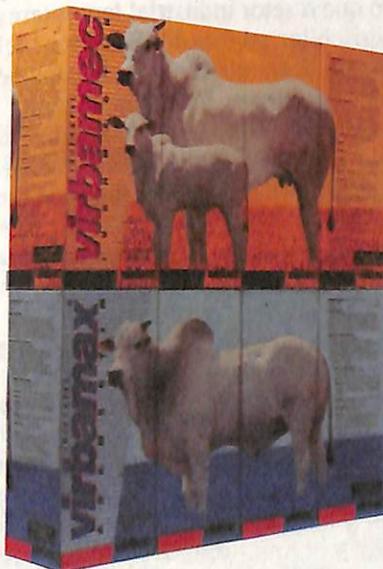


nosa. No intestino, essa massa aumenta o peristaltismo, favorecendo a digestão e a evacuação normal. Disponível em cartuchos de 250 gramas, divididos em dois sachês. **Purina Nutrientes Ltda.** — Depto. de Produtos Veterinários, rodovia

via Campinas-Paulínia, km 122, CEP 13140-000, Paulínia/SP, fone (011) 536-3355 e fax 531-7755.

Menos parasitas no rebanho

Oferecidos em embalagens de 50, 100, 200, 500 e 1000 mililitros, com dosagem recomendada de 1 ml para 50 quilos de peso vivo, chegam ao mercado os endoectocidas injetáveis Virbamac e Virbamax, antiparasitários de amplo espectro. Conforme o fabricante, liquidam os principais parasitas internos e externos (vermes do estômago, intestino e pulmão, carrapatos, bernes, ácaros da sarna e piolhos). **Virbac do Brasil, Rua Sena Madureira, 137, Vila Mariana, CEP 04021-050, São Paulo/SP, fone (011) 574-6533, fax (011) 570-0984.**



Limpendo tudo

Desenvolvido pela empresa norte-americana Injector Clean Systems, o sistema Clean-Max, de limpeza de injetores de motores diesel, já está disponível em 57 licenciados em todo o país. Conforme o fabricante, o equipamento limpa e descarboniza os bicos injetores e o sistema de injeção em 45 minutos, utilizando uma mistura de diesel e um fluido especial, também importado. Dispensa a desmontagem dos injetores, não precisa de acompanhamento e avisa o operador quando a limpeza está concluída, através de um alarme sonoro. **Maistar Ltda., Rua Beija Flor, 415, bairro Planalto, CEP 31775-100, Belo Horizonte/MG, fone (031) 495-1618 e fax 495-1360.**



Gasolina comum no ar

Com motor VW 1.8 de 60 HP, movido à gasolina comum, o ultraleve especial JAR - VLA 26 tem autonomia de quatro horas (500 quilômetros) e pode pulverizar 350 hectares por dia (70 por hora, ou 35 por vôo), pois seu tanque admite 80 litros de defensivos líquidos. É dotado de barra de aplicação de 8 metros, com 8 bicos, leva 190 quilos de carga útil (peso máximo na decolagem de 420 quilos), decola em 100 metros e pousa em 80 metros de pista. Além disso, com perfil tipo planador, estrutura em madeira e bordo de ataque em fibra revestida de poliéster, possui razão de planeio de 17/1. **Asa Ind. Aeronáutica Ltda., Avenida Juscelino Kubitschek, 140, CEP 38408-019, Uberlândia/MG, fones (034) 238-3787 e 238-3215.**

Novo aditivo na praça



O Ursa Super CF-4 possui aditivação de tecnologia avançada, sendo indicado para lubrificar motores diesel de última geração, quatro tempos, com alta potência e baixa emissão de gases. Aprovado em todos os testes exigidos pelas normas API na classificação CF-4, foi o pioneiro do segmento ao receber o selo de certificação API. Testado e aprovado de acordo com os requisitos CAT 1K, Cummins NTC 400, Mack T-6, T-7 e L-38, o lubrificante também pode ser usado em motores a gasolina que requeiram nível de desempenho API-SG ou classificações anteriores. **Texaco Brasil S.A., Avenida República do Chile, 230, 25º andar, Centro, CEP 20031-170, Rio de Janeiro/RJ, fones (021) 271-9149 e 271-9140, fax 240-9387.**

A soja sem medo

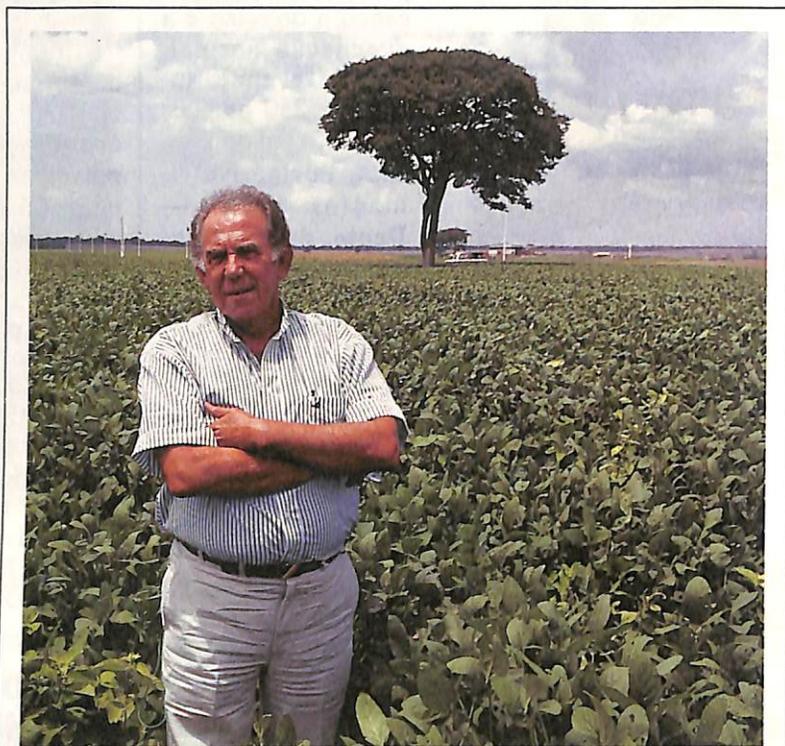
Muito se falou, no passado, que as culturas de exportação, entre as quais a soja, teriam prejudicado as culturas de abastecimento interno, mas entendemos que nada disso é verdade. O crescimento da soja no Brasil se deu a partir da necessidade de transformações. A cultura veio não só para ocupar o espaço, em especial o Centro-Oeste, mas também para ajudar a produção de outros alimentos.

O país consolidou-se como segundo maior produtor mundial em 1980, quando a lavoura era pequena. Com isto, muitas terras que eram inaproveitadas foram beneficiadas. O destaque foi o farelo de soja, que auxiliou a produção de proteína animal, levando o país ao posto de segundo maior produtor mundial de frango, atrás apenas dos EUA.

Em 1982, o Centro-Oeste representava 15% da soja produzida e possuía apenas uma fábrica, em Uberlândia/MG, com tecnologia de esmagamento de algodão adaptada ao grão de soja. Hoje, a região responde com 50% de todo a oleaginosa brasileira, e mantém 28 fábricas. E todas elas operando. Até o frete foi beneficiado com a interiorização da indústria da soja, barateando seu custo.

Percebe-se, então, que, apesar das dificuldades, do mau estado das estradas e das grandes distâncias, a situação do agricultor do Centro-Oeste melhorou muito, inclusive a produtividade. Da mesma forma, não confere a informação de que a soja está com sua fronteira esgotada. É um produto que tem mercado mundial de até 150 milhões de toneladas.

A atual safra recordista é de 135 milhões de toneladas. Um exemplo do po-



Raul Paulo Costa, presidente-executivo da Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove)

tencial foi dado, há pouco, quando o ministro da Agricultura da China esteve no Brasil e pediu privilégio para adquirir todo o nosso óleo. Por isso, que fique claro que o setor industrial tem interesse no agricultor ganhando dinheiro, inclusive para diminuir sua grande capacidade ociosa. Nossa indústria é capaz de esmagar 30 milhões de toneladas, e o máximo que conseguimos esmagar foi no ano passado, cerca de 8 milhões de toneladas.

Na entressafra, chegamos a ter até 80% de ociosidade. Antigamente, tivemos 140 fábricas no Brasil; hoje são 36 unidades totalmente paradas, 25 sem condições de operar — e não sabemos se voltarão a esmagar —, e 70 a 75 atuando. E não estão sucateadas, mas, sim, prejudicadas pela imensa carga de impostos que temos de suportar. Este momento de dificuldades que estamos atravessando é conjuntural, sobretudo porque pagamos para exportar.

O mundo inteiro exporta subsídios, e nós exportamos impostos. Veja-se o caso da Argentina, nossa parceira no Mercosul e onde o produtor ou a indústria, ao exportar o grão, pagam 2,5% de imposto, mas quando exportam farelo ou óleo, recebem 2,5% de incentivo. É o chamado reintegro, numa diferença de 5%. No Brasil, só de ICMS pagamos 13%, e isso é um absurdo. Assim, temos de melhorar a produtividade para tentar sobreviver nesta fase complicada — que não deve durar mais de um, dois ou três anos. Precisamos lembrar que, em 1981, o Brasil esmagava 14 milhões de toneladas de soja, e, em 89, tivemos praticamente 24 milhões de toneladas.

Em 90, com o Plano Collor, caímos para 14,8 milhões de toneladas. Assim, embora estejamos todos assustados com a conjuntura difícil do momento, devido ao mercado internacional superofertado e a Bolsa de Chicago trabalhar com grandes volumes de fundos de investimento, num comportamento aparentemente ilógico, precisamos ter presente que as dificuldades são mais internas que externas. O próprio governo reconhece que não dispõe de recursos para comprar a safra, porque não tem como armazená-la. Mesmo aqueles que têm equivalência-produto (significando um volume de 6,8 milhões de toneladas) não podem se considerar tranquilos, já que faltarão armazéns. Por este motivo, é preferível o produtor fazer um acordo com alguém que tem silo ou depósito, podendo ser a indústria ou o exportador. Outros 7 milhões de toneladas deverão ser negociados no segundo semestre, quando os financiamentos começam a vencer. ■

MAC SPRAY hydro 2



TECNOLOGIA DE PULVERIZAÇÃO

Uma verdadeira revolução em tecnologia de pulverização!
É o MACSPRAY, um pulverizador formado por um conjunto único de veículo, tanque e barra, destinado à pulverização de grandes áreas com alta produtividade.

- Equipamento auto motriz
- Capacidade: 2500 litros de pulverização
- Velocidade de transporte: 0 - 22 km/h
- Trabalho: altura máxima - 140cm / altura mínima - 40cm
- Bitolas reguláveis de 10 em 10 cm
- Sistema de propulsão hidrostático com bomba variável
- Acoplado com motor diesel MWM 4 cilindros
- Redutores planetários
- Sistema de barras estabilizadoras
- Cabine de fibra de vidro pressurizada imune a entrada de qualquer defensivo agrícola
- Sistema de suspensão dianteira com molas espirais independentes
- Sistema de pulverização de 4 estágios com 14 bicos

Assistência técnica
permanente para
todo Brasil

DAMAC
AGRO-TECNOLOGIA

RAVEN
INDUSTRIES

RAVEN SISTEMAS DE CONTROL DE PULVERIZAÇÃO
LANÇAMENTO MAC SPRAY - 2500 LITROS HYDRO 4 X 4

TELEVENDAS BRASIL: (016) 687 1820 E 687 1391

AGROLINE.

Soluções maduras para cultivar o verde.



Quando você encontra uma plantação verdinha e viçosa, talvez nem imagine que o responsável por isso seja um trator de esteiras. É que a maioria das pessoas acha que tratores de esteiras trabalham só em construções. Mas a grande verdade é que a esteira foi desenvolvida para resolver um problema agrícola.



Em 1904, a Holt Company dos Estados Unidos, antecessora da Caterpillar, substituiu as rodas de uma máquina a vapor por sapatas de madeira, pois as rodas patinavam e afundavam na terra. Assim, quando a Caterpillar chegou ao Brasil, há mais de 40 anos, trouxe mais que um revolucionário trator de esteiras. Trouxe um novo conceito em agricultura. Hoje, a Caterpillar oferece uma linha de tratores agrícolas de esteira, a Agroline, formada pelos tratores D4E SR Série II, D5E, D6E SR e o Challenger em 4 versões. Todos eles alcançam máximos índices de produtividade. Os tratores Agroline contam com o eficiente atendimento prestado pela rede de revendedores Caterpillar. A disponibilidade de peças e uma série de programas de manutenção preventiva garantem maior vida útil a cada um dos tratores.

Compactação: extremamente prejudicial e, a médio prazo, provoca erosão e dificulta a penetração de raízes. A causa é o trabalho com tratores de rodas que têm seu peso distribuído sobre uma área muito pequena do solo. Os tratores Agroline têm a área de contato muito maior e então a compactação é menor. Em média, os tratores de esteira compactam 60% menos que os tratores de rodas de mesmo porte.



Tração: as esteiras oferecem a maior área de contato com o solo, o que permite melhores condições de tração. As sapatas da esteira aderem melhor ao solo, evitando a patinação e aproveitando quase toda a potência do motor, sem desperdício de combustível. Dependendo dos implementos acoplados e do tipo de terreno, a patinação pode ficar entre 4% e 6%. Nos tratores de rodas, pode chegar a 35%.



Versatilidade: os tratores Agroline contam com uma ampla linha de implementos como subsoladores, escarificadores, arados de arrasto, grades leves, médias e pesadas, valetadeiras e muito mais. Os tratores D4E SR Série II, D5E e D6E SR possuem uma lâmina frontal para fazer manutenção de estradas na propriedade, construção de terraços e açudes, canais de irrigação, drenagens e até reboque de caminhões.

Potência variável: a Agroline oferece um exclusivo mecanismo para variação de potência, o que permite a utilização da capacidade de força de tração mais apropriada aos vários implementos e tipo de solo. Assim, o trator Agroline tem a potência conforme o tipo de serviço.



Coloque um amarelo Caterpillar na sua propriedade para deixar o seu verde mais verde. E não tenha dúvida: com Agroline, você vai ver mesmo é a cor do dinheiro.



Consulte o seu revendedor Caterpillar

CATERPILLAR®